



SÉRIE
ESPADA DO
ESPÍRITO

SALVAÇÃO PELA GRANÇA

VIVENCIANDO LIBERDADE PLENA

COLIN DYE

Salvação pela Graça

Série a Espada do Espírito

- 01 *Oração Eficaz*
- 02 *Conhecendo o Espírito*
- 03 *O Governo de Deus*
- 04 *A Fé Viva*
- 05 *Glória na Igreja*
- 06 *Ministério no Espírito*
- 07 *Conhecendo o Pai*
- 08 *Alcançando o Perdido*
- 09 *Ouvindo a Deus*
- 10 *Conhecendo o Filho*
- 11 *Salvação pela Graça*
- 12 *Adoração em Espírito e em Verdade*

www.swordofthespirit.co.uk

Copyright © 2016 by Colin Dye
Segunda edição
Kensington Temple
KT Summit House
100 Hanger Lane
London, W5 1EZ

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistemas de recuperação de informação ou transmitida, em nenhuma forma, ou por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, ou de outras maneiras, sem o consentimento prévio do autor.

As citações bíblicas são – salvo indicação em contrário – da Bíblia Almeida Revista e Atualizada – 2ª. edição – Sociedade Bíblica do Brasil.

Coordenação geral: Print International Brasil Editora Ltda.
Supervisor de tradução: João Guimarães
Tradução: Vera Jordan
Revisão: Edna Batista Guimarães
Diagramação: Rafael Alvares - alvaresdesign.com.br

Espada do Espírito

Salvação pela Graça



Colin Dye

Sumário

Introdução		7
01	<i>Santidade, pecado e perdão</i>	11
02	<i>Autocoerência</i>	27
03	<i>Substituição e sacrifício</i>	41
04	<i>Alianças de graça</i>	63
05	<i>Salvação e expiação</i>	79
06	<i>Salvação e revelação</i>	95
07	<i>Salvação e vitória</i>	111
08	<i>Salvação e nova vida</i>	131
09	<i>Pela graça mediante a fé</i>	147

Introdução

A palavra salvar, no sentido de salvar, gravar ou economizar (do inglês, 'to save'), é um dos verbos mais comuns na linguagem. Todos os dias nós a usamos diversas vezes em associação com palavras como tempo, dinheiro, objetivos, combustível, animais, selos, papel, partes pobres da cidade, trabalho no computador, prédios abandonados, pessoas se afogando etc.

Porém, muito embora a usemos em uma imensa variedade de contextos, seu significado geral é claro. Salvar alguma coisa significa preservar, resgatar, recuperar, livrar do perigo ou evitar que caia em mau uso.

Contudo, no que tange ao cristianismo, o significado de 'salvar' pode parecer menos claro. Embora a maioria dos crentes entenda que 'ser salvo' significa ser preservado, resgatado, recuperado, livrado e trazido à vida, muitos não estão certos de *como* isso acontece, por que acontece, e *quais* são as consequências para a vida humana.

A ideia básica da salvação é fácil de entender: *Deus* encontra o perdido, dá vida nova ao morto, limpa o sujo, perdoa o culpado, transforma o derrotado em vitorioso, liberta o encarcerado, e assim por diante. Porém, o *por que*, *como* e *para quê* da salvação implica árdua reflexão.

Os crentes novos sabem instintivamente o que a simples palavra 'salvar' significa, mas logo percebem que um grupo de palavras técnicas associa-se a 'ser salvo'. Muitos ficam aturdidos até que alguém explique as diferenças entre, por exemplo, expiação, aliança, eleição, glorificação, juízo, justificação, predestinação, propiciação, redenção, regeneração, santificação etc.

Embora essas palavras técnicas possam confundir os crentes,

as ideias importantes por trás delas modelam a maneira como pensamos em salvação, o modo que a vivenciamos, e o modo que alcançamos os outros com as boas-novas da salvação. Afinal de contas, não eram palavras técnicas no contexto original, mas palavras cotidianas na linguagem e cultura do Novo Testamento.

Se não trabalharmos duro para alcançar o *por quê, como e para que* inteiramente bíblicos da salvação, estaremos fadados a nos desviar de uma visão de salvação bíblica totalmente focada em Deus e começaremos a pensar e falar dela de uma maneira inútil, centrada no homem.

Este é um livro para crentes que estão ansiosos para estudar a Palavra de Deus a fim de aprender a respeito de salvação e interessados em descobrir a Sua revelação acerca do propósito e natureza da morte de Cristo, o meio pelo qual essa se torna eficaz e os seus resultados na vida humana.

Há material extra disponível para facilitar o seu aprendizado, e pode ser encontrado no respectivo Livro do Aluno – Espada do Espírito no site www.swordoftheSpirit.co.uk. Há um manual para estudo complementar para cada capítulo, com Perguntas para discussão e Testes Rápidos. Após se inscrever para este módulo no site, você poderá ter acesso a mais testes e exames. Também há uma Webtool (o livro texto com links inseridos para referências bíblicas), e ensino abrangente em áudio e vídeo. O uso desses materiais extras lhe ajudará a testar, reter e aplicar o conhecimento que você adquiriu neste livro.

Você também poderá usar o Livro do Aluno com pequenos grupos; poderá selecionar, mediante oração, as partes que achar mais relevantes para o seu grupo. Isso significa que em algumas reuniões você pode usar todo o material, enquanto que em outras somente uma pequena parte dele. Por favor, use o bom senso e o discernimento espiritual. Sinta-se à vontade para tirar cópias das páginas e distribuí-las a qualquer grupo que você estiver liderando.

Ao terminar a leitura deste livro, a minha oração é que você tenha um entendimento muito melhor da natureza humana caída, da pessoa maravilhosa de Cristo, e de Sua obra, e também

do modo que a cruz domina e interliga toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse.

Mais que isso, oro para que você se deslumbre com a graça infinita de Deus, a qual produziu salvação a um custo muito alto, e oro para que você responda a esta graça vivendo à altura de sua salvação, de maneira tal que atraia outras pessoas à graça que Ele tem por elas.

Colin Dye

Parte Um

Santidade, Pecado e Perdão

A famosa história de Jesus acerca de um filho perdido em Lucas 15.11–32, ilustra a história divina da salvação: A graça incondicional do Pai celestial em salvar pecadores que não merecem.

O pai permanecia olhando e esperando muito tempo antes de seu filho voltar para casa, e tão logo vê o filho, sai depressa para dar-lhe as boas-vindas com ardente e generosa alegria – sem uma pergunta acerca de seus motivos ou atos ilícitos. O filho viu brotar o arrependimento nos braços de aceitação do pai. O perdão incondicional do pai derreteu o coração do moço e resultou em uma mudança total em seu comportamento. Isso mostra que comportamento mudado é uma consequência e não uma causa do perdão.

A parábola é uma celebração fascinante da graça divina em ação na salvação humana. Aponta para a generosidade de nosso Pai celestial, que nos perdoa exatamente do mesmo jeito quando retornamos a Ele como filhos perdidos. A parábola revela o amor incondicional e favor imerecido que Deus mostra a nós quando nos salva, mas não trata do *custo sacrificial* de tal perdão. Na parábola, o pai aparentemente perdoa a seu filho sem o pagamento de um preço, seja pelo filho ou por um terceiro substituto. Algumas pessoas, portanto, acham difícil entender por que o perdão divino depende da morte de Cristo, e se perguntam por que Deus

não nos perdoa – como o pai na parábola parece fazer – sem um sacrifício de alto preço.

Devemos nos lembrar de que Jesus, que contou essa parábola, havia iniciado a jornada para morrer na cruz e se tornar o sacrifício substituto pelos pecados do mundo, tornando assim possível ao Pai perdoar, plena e livremente, a todos os que retornam a Ele. As pessoas que questionam a necessidade da cruz não entenderam a seriedade do pecado humano, nem a santidade de Deus.

Elas não perceberam a dimensão do confronto entre a rebelião humana e a perfeição. De fato, a Bíblia deixa implícito que o pecado humano é um objeto imóvel que encara a força irresistível da ira santa de Deus.

Isso significa que há uma pergunta mais dura a se fazer acerca da salvação do que ‘Por que Deus precisa da cruz para nos salvar?’ A questão mais difícil de resolver pode ser analisada em dois aspectos:

- Como Deus pode mostrar o Seu amor em perdoar pecadores sem destruir a Sua santidade?
- E como Deus pode mostrar a Sua santidade em punir o pecado sem abandonar o Seu amor?

O pecado humano

O Novo Testamento usa quatro palavras gregas principais para pecado. Embora sejam basicamente sinônimas, elas carregam nuances levemente distintas de significado que nos ajudam a entender a natureza sutil e complexa do pecado. Todas elas transmitem a ideia de falha em atender ao padrão perfeito de Deus, e descrevem feitos e atitudes que nos separam uns dos outros e de Deus.

Hamartia

Hamartia é a palavra mais comum para pecado. Às vezes, é usada para atos pecaminosos externos, mas descreve mais comumente o estado interior de impiedade. É o poder moral interior irresistível que nos controla.

Hamartia descreve o pecado como errar o alvo e deixar de atingir um objetivo. Aponta tanto para a desobediência interior que não consegue dizer ‘sim’ para Deus, como o não conformismo ex-

terior aos Seus padrões. Esses dois aspectos afetam profundamente o nosso relacionamento com o Deus santo; até que todo nosso *hamartia* seja removido, estamos eternamente alienados Dele.

Hamartia é usado, por exemplo, em Mateus 12:31; João 8:21, 24, 34, 46; 9:41; 15:22, 24; 19:11; Atos 7:60; Romanos 3:9; 5:12,13, 20,21; 6:1, 2, 6, 12,13, 14, 16–18, 20, 22–23; 7:5, 7–9, 11, 13–14, 17, 20, 23, 25; 8:2,3; 1Coríntios 15:56; Hebreus 3:13; 9:26; 10:6, 8; 11:25; 12:4; 13:11; Tiago 1:15; 2:9; 4:17; 5:15, 20; 1João 1:7–9; 3:4,5, 8–9 e 5:16,17.

Paraptoma

A maior parte das versões bíblicas traduz *paraptoma* como ‘transgressão’ ou ‘ofensa’. Isso significa um ‘passo falso’ ou ‘erro grave’, um desvio daquilo que é verdadeiro e correto. *Paraptoma* enfatiza a natureza irrefletida e descuidada do pecado.

Paraptoma é usado em Mateus 6:14,15; 18:35; Marcos 11:25,26; Romanos 4:25; 5:15–18, 20; 11:11,12; 2Coríntios 5:19; Gálatas 6:1; Efésios 1:7; 2:1, 5; Colossenses 2:13 e Tiago 5:16.

Parabasis

Parabasis enfatiza o lado obstinado e intencional do pecado. Significa ‘ultrapassar, fazer algo rude ou mau’, em vez de ‘tropeção, cometer erros’, e é o desvio intencional do caminho verdadeiro, uma violação premeditada da lei. É traduzida como ‘transgressão’ na maioria das versões bíblicas.

Parabasis é usada em Romanos 2:23; 4:15; 5:14; Gálatas 3:19; 1Timóteo 2:14, Hebreus 2:2 e 9:15.

Anomia

Anomia significa ‘sem lei’, ‘perversidade’ ou ‘iniquidade, e se refere ao oposto de qualquer coisa correta e boa. É usada em 2Tessalonicenses 2:3 para mostrar que a iniquidade rebelde é o oposto de Deus.

Anomia é usada em Mateus 7:23; 13:41; 23:28; 24:12; Romanos 4:7; 6:19; 2Coríntios 6:14; 2Tessalonicenses 2:7; Tito 2:14; Hebreus 1:9; 10:17 e 1João 3:4.

Outras palavras

O Novo Testamento eventualmente usa outras palavras gregas para descrever facetas específicas do pecado. Por exemplo:

- *adikia*; injustiça ou não estar certo, não fazer certo – Lucas 13:27; 16:8; 18:6; Atos 1:18; 8:23; 2Timóteo 2:19 e Tiago 3:6
- *adikema*; uma iniquidade, ofensa ou delito – Atos 18:14; 24:20 e Apocalipse 18:5
- *poneria*; Uma perversidade terrível – Mateus 22:18; Marcos 7:22; Lucas 11:39; Romanos 1:29 e 1Coríntios 5:8
- *paranomia*; infração da lei – 2Pedro 2:16
- *opheilema*; endividamento – Mateus 6:12 e Romanos 4:4
- *aition* ou *aitia*; falta ou crime – Lucas 23:4, 14, 22; João 18:38; 19:4 e 6

Todas essas palavras gregas implicam um ideal – seja um padrão objetivo que não conseguimos atender ou uma fronteira que cruzamos intencional ou eventualmente.

A Bíblia pressupõe que Deus instituiu esse ideal e que Sua natureza santa é em si mesma tal ideal – não uma lista de regras externa ao Seu ser. Visto que Deus fez a humanidade à Sua imagem, o Seu padrão pessoal deve também ser o nosso padrão. Vemos isso em Romanos 2:15.

A Bíblia ensina muito acerca do pecado, e sempre enfatiza sua seriedade extrema. Ela mostra que o pecado é uma falha em amar Deus com todo nosso ser e a recusa em reconhecê-Lo e obedecê-Lo como Criador e Senhor.

Como seres criados, homens e mulheres são essencialmente dependentes de Deus. O pecado, portanto, é uma ação e uma atitude de independência ou autodependência. É implicitamente hostil a Deus enquanto Criador e Senhor, e é sempre e essencialmente uma rebelião ativa contra *Ele*.

Muitas atitudes pecaminosas podem parecer ferir apenas as pessoas que são afetadas pelos atos. Por exemplo, pode parecer que o pecado de Davi com Bate-Seba, em 2Samuel 11, foi direcionado a Urias e Mical. Porém, o pecado expressa fundamentalmente a nossa rebelião contra Deus – é essa a verdade profunda

que a confissão de Davi reconhece em Salmos 51:4.

A Bíblia amplia essa compreensão do pecado como algo que afeta essencialmente Deus, mostrando que ele é:

- Universal a toda humanidade – Romanos 1–3
- Tanto atitudes internas como ações externas – Marcos 7:21–23; Romanos 1:29–31; 7:7; 13:13;
- 1Coríntios 5:10–13; 6:9,10; 2Coríntios 12:20,21; Gálatas 5:19–21; Efésios 4:31; 5:3–5; Colossenses 3:5–8; 1Timóteo 1:9,10; 2Timóteo 3:2,3 e Tito 3:3
- Escravidão a Satanás, inimigo de Deus – 1João 3:8–10
- Um escravo do mestre – Romanos 6:16,17
- Rebelião contra Deus – Lucas 15:11–32
- Alienação em relação a Deus – João 7:7; Romanos 5:10; Tiago 4:4 e 1João 2:16
- Descrença em Deus – João 5:24 e 16:9
- Cegueira e escuridão em relação a Deus – João 1:4–9; 8:12 e 1João 2:8,9
- Sem lei – Romanos 6:19; 2Coríntios 6:14 e 1João 3:4
- Endividamento para com Deus – Mateus 6:12 e Colossenses 2:14
- Falsidade acerca de Deus – Romanos 1:18, 25; Efésios 4:25; 2 Tessalonicenses 2:11,12 e 1Timóteo 6:5
- Divergência de Deus – Romanos 2:23
- Desobediência a Deus – João 3:36; Romanos 11:30 e Efésios 2:2
- Condenação, por merecimento, da parte de Deus – Mateus 12:36; Lucas 12:47,48 e Mateus 11:20–24
- Leva à morte e separação eterna de Deus – Romanos 6:21–23; 7:13 e 2Tessalonicenses 1:9

A Bíblia deixa claro que nenhum homem e nenhuma mulher – com a exceção única de Jesus – é do jeito que foi feito para ser; ninguém corresponde ao padrão ideal de Deus. Diferentes partes das Escrituras descrevem esse aspecto de maneiras levemente diferentes, mas a figura geral é clara. Os seres humanos nascem em um estado de alienação de Deus – o livre-arbítrio humano se predispõe ao mal desde o nascimento.

A humanidade se rebelou contra Deus; desobedeceu às Suas leis; permitiu-se escravizar pelo pecado, do qual não consegue escapar pelos próprios esforços. Por conseguinte, a humanidade está cega para o seu potencial e ignorante em relação a Deus. Isso se expressa mais claramente pela recusa humana de crer em Cristo – o único que pode nos resgatar do pecado, reconciliar-nos com Deus e nos restaurar ao estado justo.

Responsabilidade

Gênesis 3:1–13 nos conta a história do primeiro pecado humano e como Adão e Eva tentaram se evadir da responsabilidade pessoal pelo pecado que cometeram: Adão culpou Eva e Eva culpou a serpente.

Desde o Éden, as pessoas sempre tentam culpar alguém ou alguma coisa pelo seu pecado – genes, hormônios, criação, sociedade, circunstâncias etc. Apesar disso, todo sistema legal sempre foi baseado na suposição de que somos livres para escolher e responsáveis por nossas escolhas.

Algumas pessoas alegam que somos simples animais, à mercê de nossos instintos, enquanto outras sustentam que somos programados geneticamente para atuar e reagir de modos específicos, ou que somos prisioneiros indefesos de nosso condicionamento social e psicológico.

Contudo, cada faceta da sociedade humana sempre operou em torno do reconhecimento geral de que homens e mulheres são agentes livres com escolha e responsabilidade pessoal. Toda convicção humana (política, propaganda, educação, evangelismo etc.), todo louvor humano e toda culpa humana presumem o conceito de escolha pessoal e responsabilidade.

A Bíblia reconhece que há uma tensão entre as pressões que nos influenciam e a responsabilidade por nossas ações e atitudes. Ensina que herdamos a natureza caída de Adão, e que somos escravos dessa natureza caída, o mundo e suas ideias, e as forças demoníacas. Contudo, a Bíblia também sustenta que somos responsáveis e devemos a prestação de contas a Deus por nossas escolhas e ações.

As Escrituras mostram que Deus sabe como somos e que Ele entende as pressões que estão sobre nós. Deste modo, Ele é paciente e gentil conosco, Ele não nos trata como nossos pecados merecem, e faz distinção entre os pecados que cometemos na ignorância e os que cometemos intencionalmente. Vemos isso em Salmo 103:10–14; Isaías 42:1–3; Mateus 12:15–21; Lucas 23:34; Atos 3:17 e 1Timóteo 1:13.

Embora a Bíblia reconheça que em nós e por nós mesmos não conseguimos resistir ao pecado, a Palavra de Deus deixa claro que continuamos sendo seres moralmente responsáveis. Enfatiza que temos uma escolha moral livre, insta-nos a obedecer a Deus e nos corrige quando desobedecemos a Ele. Passagens como Deuteronômio 30:15–20 e Josué 24:15 ilustram a responsabilidade pessoal por nossas escolhas.

A Bíblia mantém unidas, numa tensão criativa, as duas verdades paralelas da soberania de Deus e de nossa responsabilidade humana: Jesus declara as duas igualmente – por exemplo, em João 5:40 e 6:44 – e assim devemos fazer nós. Toda vez que nos perguntarmos por que alguém ignora a mensagem de salvação preciosa de Deus, devemos nos lembrar de que as Escrituras ensinam que elas ‘não’ virão a Cristo e que ‘não podem’ vir a Ele. Trata-se das duas coisas, não uma ou outra. Analisamos esse paradoxo importante na Parte Oito.

A responsabilidade pessoal é um dom precioso da graça soberana de Deus. É o dom que nos torna exclusivamente humanos. De fato, responsabilidade é a essência da humanidade, e é a explicação essencial e lógica para o Dia do Juízo. Afinal de contas, se não fôssemos pessoalmente responsáveis por nossas ações e atitudes, não poderia haver um julgamento significativo.

Isso mostra que, apesar de nossa natureza caída herdada, apesar do poder de Satanás, apesar da pressão da nossa criação, ambiente social e genética, somos pessoalmente responsáveis por nossos pensamentos e atos pecaminosos, por nossa desobediência e presunção, e por todas as nossas escolhas e decisões.

Santidade divina

Nos volumes *Conhecendo o Pai* e *Conhecendo o Espírito*, analisamos o ensinamento bíblico de que o Deus trino é essencialmente santo. Vemos isso em:

- O Pai – Lucas 1:49; João 17:11; 1Pedro 1:15,16; Apocalipse 4:8 e 6:10
- O Filho – Lucas 1:35; Atos 3:14; 4:27–30 e 1João 2:20
- O Espírito – 2Timóteo 1:14; Tito 3:5; 2Pedro 1:21 e Judas 20

A palavra ‘santo’ tem associações exclusivamente morais para muitas pessoas: Elas acham que santidade significa apenas ter bom comportamento. Porém, as palavras em hebraico e grego para ‘santo’, *qadosh* e *hagios*, são palavras funcionais que significam ‘totalmente separado para um propósito único’ e ‘devotado ou consagrado a uma causa específica’.

O Deus trino é ‘santo’ no sentido de que Ele é *totalmente separado* de toda a criação por Sua natureza exaltada, eterna, infinita, imaculada, moralmente perfeita e espiritual: Ele é ‘inteiramente distinto’, ‘inteiramente além de’.

Isso quer dizer que a ‘santidade’ de Deus é a consequência da soma de Seus atributos em vez de um atributo, e é o que O separa de toda a criação. Vemos isso, por exemplo, em Êxodo 3:5; Levítico 19:2; Isaías 6:2,3; 57:15 e João 1:5.

Os membros da Trindade, porém, também são ‘santos’, no sentido de que são *totalmente devotados* uns aos outros. Por exemplo, podemos dizer que Jesus revela a Sua santidade em Sua consagração ao Pai; E que o Espírito revela a Sua santidade na forma como Ele existe e traz glória somente a Jesus. O compromisso total de um para com o outro é a Sua santidade.

O pecado é incompatível com a natureza plena de Deus e com a Sua santidade, e isso efetivamente nos separa Dele. A Bíblia deixa claro que ninguém pode ver a face de Deus e continuar vivo – até mesmo aqueles que têm um vislumbre de Sua glória são incapazes de suportar a visão. Vemos isso, por exemplo, em Êxodo 3:6; Isaías 6:1–5; Jó 42:5,6; Ezequiel 1:28; Daniel 10:9; Lucas 5:8 e Apocalipse 1:17.

A resposta santa de Deus ao pecado é chamada de Sua 'ira'. A ira de Deus não é nada parecida à raiva humana; ao invés disso, é a Sua incapacidade santa de conviver com o pecado e a Sua eterna condenação dele. Por sua natureza, a santidade de Deus sempre expõe o pecado e a Sua ira sempre se opõe a ele. O pecado não pode se aproximar de Deus, e Este não pode tolerá-lo.

A Bíblia usa quatro metáforas para enfatizar essa verdade. Por exemplo:

- Deus geralmente é identificado como 'Alto' ou 'Altíssimo'. Esse nome expressa a Sua transcendência e enfatiza que Ele está totalmente além de nós. Vemos isso em Gênesis 14:18–22; Salmo 7:17; 9:2; 21:7; 46:4; 47:2; 57:2; 83:18; 92:8; 93:4; 113:4; Daniel 3:26; 4:2–34; 5:18–21; 7:18–27; Oseias 7:16; 11:7 e Miqueias 6:6.
- Deus com frequência recomenda que as pessoas não se aproximem demais Dele. Os planos para o Tabernáculo e o Templo mostraram que Deus estava entre o Seu povo, mas que este povo não se atrevia a chegar perto demais. Os pecadores não podem se aproximar do Deus santo impunemente. Vemos isso em Êxodo 3:5; 19:3–25; 20:24; 29:45,46; Levítico 16; Números 1:51–53; Josué 3:4; 1Samuel 6:19; 2Samuel 6:6,7; Mateus 7:23 e 25:41.
- Deus, às vezes, é descrito como luz inacessível e fogo que consome – por exemplo, Deuteronômio 4:24; 1Timóteo 6:16; Hebreus 10:27–31; 12:29 e 1João 1:5.
- Eventualmente, a rejeição divina do mal é comparada à rejeição que o corpo humano tem do veneno por meio do vômito. Deus não pode tolerar o pecado e a hipocrisia; estes Lhe são tão repulsivos que Ele precisa bani-los de Sua presença. Vemos isso em Levítico 18:25–28; 20:22,23 e Apocalipse 3:16.

Essas metáforas ilustram a total incompatibilidade entre santidade e pecado. Como resultado da totalidade de Sua natureza, de Sua santidade, Deus *não pode* estar na presença do pecado. Se chegar muito perto de Deus, o pecado será consumido ou rejeitado.

Nossa compreensão de Deus deve incluir a revelação de que Ele odeia o mal, enoja-se e se irrita com ele e não pode aceitá-lo. E nossa compreensão da salvação deve incluir tanto a gravidade do pecado como o brilho da santidade gloriosa de Deus.

Não compreenderemos a nossa necessidade da cruz se minimizarmos o pecado e pensarmos nele em termos de lapsos raros em vez de rebelião constante. E a cruz nos deixará perplexos se acharmos que Deus é um Pai complacente em vez de um Criador indignado.

Perdão

Quando finalmente alcançamos a seriedade de nosso pecado e a dimensão de nossa responsabilidade pessoal, podemos começar a reconhecer a maravilhosa graça do perdão. Entretanto, quando entendemos a magnificência impressionante da santidade de Deus, e a plena dimensão de Sua ira contra o pecado, somos obrigados a começar a nos perguntar se o perdão do pecado é realmente possível.

Em um nível superficial, pode parecer natural questionar por que Deus não age do modo que o pai, na parábola do filho pródigo, parece ter agido. Porém, ao aprofundarmos a nossa análise, logo percebemos que o perdão é, de longe, o ato mais difícil que um Deus santo poderia realizar – muito mais difícil do que ações descomplicadas como a criação e a ressurreição.

O pecado humano e a ira divina, ambos, se põem no caminho da nossa salvação. Deus deve nos respeitar como seres responsáveis, os quais Ele fez à Sua imagem; e também tem de agir coerentemente com a Sua natureza como um Deus perfeitamente santo. As Partes Três a Oito descrevem o modo que Deus lidou com esse dilema santo e operou nossa salvação – em Cristo, na cruz, por Sua graça.

De um modo impressionante, a Bíblia promete que Deus perdoa cada aspecto do pecado humano – *hamartia*, Colossenses 1:14; *paraptoma*, Colossenses 2:13; *parabasis*, Hebreus 9:15; *anomia*, Tito 2:14; e assim por diante. Além disso, as Escrituras mostram que o perdão de Deus apresenta quatro aspectos distintos:

- Ele paga a punição resultante da presença do pecado e remove a barreira que existe entre Ele próprio e cada membro da humanidade. Isso é liberdade da penalidade do pecado.
- Ele remove a ofensa e apaga a sua memória. Ele cobre os atos cometidos, de modo que não podem ser vistos ou lembrados novamente. Isso é liberdade da culpa do pecado.
- Ele destrói a vida da força do pecado em uma operação espiritual que vence a compulsão moral a cometer erro. Isso é liberdade do poder do pecado.
- Ele extirpa o pecado, removendo-o pela raiz e destrói o seu efeito sobre nós moralmente, espiritualmente, socialmente e fisicamente. Isso é liberdade da presença do pecado que será experimentada na vida futura.

Perdão humano

No cotidiano, o perdão humano é um processo ativo que ocorre na mente de alguém que foi ferido ou injustiçado. Quando perdoamos alguém, nós derrubamos a barreira entre nós e o ofensor, de modo que somos livres para, mais uma vez, nos relacionar amigavelmente.

O verdadeiro perdão humano é muito mais do que não se vingar de alguém que nos feriu, mais do que simplesmente ignorar uma mágoa, e mais do que simplesmente não punir uma pessoa por seu erro.

O perdão verdadeiro envolve uma mudança que começa em nossos pensamentos, em seguida se expressa em nossas ações, e por fim, remodela os nossos sentimentos. Nós varremos dos nossos pensamentos a culpa e colocamos um fim em sua influência negativa sobre nossas ações e emoções. Podemos até ter consciência da culpa, mas ela já não conta como algo que nos tenha importância.

Antes do perdão, a culpa provocava uma barreira de ressentimento, ira, desconfiança, aversão etc. Após se dar e receber perdão, os que estavam apartados podem se aproximar para viver em paz.

Perdão divino

O perdão humano não é uma réplica em miniatura do perdão de Deus. A Bíblia mostra Deus perdoadando homens e mulheres com tal profundidade e tamanha dimensão que até mesmo o melhor exemplo de perdão humano é apenas um eco pálido ou uma imitação débil do perdão divino.

A Bíblia, contudo, complementa esse aspecto descrevendo também o modo que Deus se opõe ao pecado com toda a paixão de Sua ira. Portanto, o perdão divino também implica a remoção justa que Deus faz da própria ofensa.

De algum modo, temos de resistir à tentação de focar somente uma dessas verdades – perdão e justiça existem em conjunto, e os dois perdem o sentido quando separados. A maior parte dos pais humanos aprende que o amor e a imparcialidade [ou justiça] devem existir em conjunto se quiserem cuidar de seus filhos de maneira adequada!

Toda vez que se depara com o mal, o Deus santo tem de reagir contra ele: Pois o amor tem de confrontar o mal com pureza se quiser continuar sendo amor. Deus não seria mais amável se não punisse o pecado no ato de perdoá-lo – Ele não seria amável nem seria justo ao fazê-lo, e estaria negando a Sua natureza enquanto Deus.

Porém, apesar do pecado contra o qual arde a indignação divina, o Pai dá o passo incrível da graça e recebe pessoas pecadoras como Seus amigos íntimos. Isso pode parecer fácil demais, bom demais para ser verdade – especialmente quando percebemos quão vigorosamente o Deus santo condena nossos desejos pecaminosos e pensamentos egoístas. Porém, essa mescla de perdão e condenação é o núcleo da salvação – e é sempre vista em Jesus. É Nele que o perdão divino aparece pessoalmente e se aproxima.

O perdão divino é um dom inexplicável de puro amor por pecadores indignos, e contém a solução para os problemas mais profundos da humanidade. Como vemos em *Conhecendo o Pai*, Deus toma a iniciativa. ‘Nosso Pai, Nosso Redentor’ dá o primeiro passo. O Juiz de toda humanidade traz os pecadores

culpados ao deleite do amor do Pai – contanto que eles escolham ser trazidos e respondam de boa vontade ao Seu amor. Porém, até essa boa vontade é provisão da Sua graça.

A graça do Pai

Muitos crentes ouvem mais a respeito do preço do perdão e do custo da salvação do que da graça misericordiosa e transbordante do Pai que, em Seu desejo apaixonado pela volta dos pecadores ao lar, abriu mão de Seu Filho unigênito.

Não precisamos entender tudo a respeito de salvação para recebê-la. Não nos é exigido reconhecer o custo total do perdão antes de podermos nos beneficiar dele – podemos aprender acerca dele mais tarde.

De fato, a única condição do perdão é que respondamos à graça do Pai com os braços estendidos, humildes, e um coração agradecido e alegre. Nós simplesmente vimos ao Pai, como o filho perdido na parábola, e cremos Nele. Essa é outra chave essencial para se entender a salvação de Deus pela graça.

Se não olharmos para o Pai e Sua graça, se Ele não for o foco da nossa fé e salvação, pode ser que apresentemos uma mensagem que indique que o melhor que as pessoas podem esperar é que Deus possa ser persuadido por Jesus a um tipo de tolerância desconfortável dos pecadores.

Podemos achar que filhos e filhas que retornam ainda precisam manter distância de Deus, e que deveríamos estar cheios de gratidão por Jesus, por Ele ter, de algum modo, instado com o Pai a nos aceitar em um quarto dos fundos da casa da família, na forma mais inferior de servo.

Esse tipo de pensamento não bíblico leva à passividade, temor, autocondenação, baixas expectativas, falta de ousadia e legalismo. Esse pode ter sido o jeito que o filho pródigo se sentiu enquanto estava caminhando para casa. Seu discurso ensaiado sugere que ele não estava verdadeiramente arrependido enquanto caminhava – ele ainda não acreditava na bondade de seu pai e, portanto, ainda estava perdido, alienado dele.

Porém, é claro, isso não representa o pai na parábola de Jesus e é uma caricatura destorcida do Pai celestial que enviou Seu Filho a um país longínquo para preparar o caminho de casa e que agora está esperando com anseio para nos conduzir em Sua presença como filhos e filhas, com graça incondicional e celebração sem fim.

Ser um crente é saber que o Pai definiu a nossa identidade por meio da cruz e que agora Ele nos chama de filhos e filhas. Ele sinaliza para virmos à frente e recebermos a herança da nossa salvação – o manto de adoção, o anel de autoridade, as sandálias da liberdade etc.

É essa graça misericordiosa do Pai que põe em marcha o envio do Filho e configura a salvação – de modo que o Pai pode abrir os braços e receber as multidões de filhos que são trazidos à glória pelo Filho por meio do Espírito.

Parte Dois

Autocoerência

Quando as pessoas perguntam por que a morte de Jesus na cruz foi realmente necessária para a salvação, os cristãos tradicionalmente usam a linguagem da ‘satisfação’ em suas respostas.

Embora as palavras ‘satisfazer’ e ‘satisfação’ não apareçam na Bíblia com referência à cruz, líderes de igreja em cada século e tradição sempre defenderam que era necessário certo tipo de ‘satisfação’ antes de o Deus santo poder perdoar pecado. Porém, eles sempre discordaram sobre *o que* ou *quem* foi satisfeito – e *por quê*.

Satanás satisfeito

Desde exatamente a época da Igreja Grega, no segundo século, alguns líderes insistiram que a morte de Cristo na cruz foi o preço que Satanás exigiu pela libertação de seus cativos, e que Cristo suportou a cruz para satisfazer os direitos do diabo.

Contudo, assim como alguns crentes ignoram Satanás ou subestimam o seu poder, essa ideia sobrestima seu poder e autoridade. Embora o diabo de fato manteve a humanidade cativa do Éden até a cruz, e foi senhor do pecado e da morte, e Jesus de fato veio para nos libertar dele, Satanás sempre foi um rebelde e um usurpador. Ele pode ter ganhado alguns ‘direitos’ sobre a humanidade por meio do pecado, mas nunca adquiriu quaisquer direitos que Deus tenha ‘precisado satisfazer’.

Na Parte Sete, analisamos a plena dimensão da derrota do diabo no Calvário. Ao mesmo tempo em que devemos nos lembrar de que Jesus triunfou definitivamente, e nos libertou da ser-

vidão de Satanás, não deveríamos pensar que Satanás tinha um direito o qual Deus tivesse de satisfazer.

A Lei satisfeita

Desde Ambrósio (um ‘Pai’ latino do século quatro’), sempre tem havido cristãos que explicam a cruz insistindo que a Lei tinha de ser satisfeita. Eles argumentam que o pecado desconsidera e desobedece a Lei de Deus, e que os pecadores incorrem em penalidade automática por infringi-la.

Insistiam que a lei tinha de ser defendida e suas penalidades pagas – os pecadores não podiam simplesmente ‘ser desculpados’. A cruz, portanto, era necessária para satisfazer os requisitos da Lei.

Esses crentes usam, muitas vezes, Daniel 6 para apoiar o seu argumento. Embora o rei Dario respeitasse Daniel e quisesse salvá-lo, a lei persa tinha de seguir o seu curso – a penalidade tinha de ser paga. Do mesmo modo, eles argumentam, Deus ama os pecadores e anseia por salvá-los, mas não pode violar a Lei que nos condenou – daí a cruz.

Contudo, Deus não é apanhado como Dario em algum caos técnico, pelo qual é quase enganado na cruz; e a Lei não é um código legal inflexível com penalidades automáticas que determinam as ações de Deus. A Lei não é um código absoluto, externo a Deus, o qual Ele é obrigado a satisfazer. É a natureza de Deus, não a Sua Lei, em última análise, que deve ser satisfeita.

Há alguma verdade nessa ênfase na Lei, pois Gálatas 3:10–13 ensina claramente que Cristo nos redimiu da maldição da lei tornando-se Ele mesmo maldição por nós. A penalidade da lei tinha de ser cumprida, mas não é o mesmo que ensinar que a própria Lei precisava ser satisfeita.

Assim como a nossa libertação de Satanás não significa que ele tinha direitos que Deus tinha de satisfazer, igualmente nossa liberação da Lei não significa que ela possuía demandas que Deus tivesse de satisfazer. A redenção e a vitória são consequências da cruz, não as suas principais causas.

No volume *Conhecendo o Filho*, vemos que a submissão estava no centro da adoção de Jesus. Em certo aspecto, podemos

dizer que a submissão de Jesus à Lei foi indispensável para o nosso resgate da condenação – pois Jesus tanto cumpriu as demandas da Lei como suportou a sua condenação. Contudo, a verdade mais profunda é a de que Jesus se submetia à pessoa do Pai e não aos princípios da Lei; e que a Sua submissão à Lei em cumprimento e persistência era simplesmente uma consequência de Sua submissão pessoal ao Pai.

Assim como Deus não tinha qualquer dever para com Satanás, também Jesus não foi mantido prisioneiro pela Lei. A verdade é que Deus foi o Criador da Lei, e a Lei condena o pecado somente porque tem a sua fonte no Deus santo.

Nos volumes *Fé Viva* e *Ouvindo Deus*, vemos que toda Palavra de Deus é uma autorrevelação Dele próprio. Isso significa que a lei santa revela o Deus santo: As demandas da Lei – incluindo a sua condenação e a maldição do pecado – não podem ser separadas da natureza do próprio Deus.

Isso sugere que provavelmente seja muito mais correto pensar em termos de o Deus santo precisar ser pessoalmente satisfeito a enfatizar que um conjunto independente, impessoal de regras tivesse de ser satisfeito de alguma forma.

A honra e a justiça de Deus satisfeitas

Hoje em dia, a maioria dos evangélicos acredita que Deus não devia nada a Satanás, exceto ser punição por sua rebelião, mas que a humanidade devia algo a Deus. Eles identificam isso como a dívida que precisa ser paga, ser cumprida, na cruz. Nós analisamos esse assunto na Parte Cinco.

Alguns líderes retratam Deus como a Vítima do pecado e explicam a cruz em termos de satisfazer ou cumprir a ‘honra’ de Deus – uma ideia que começou com Anselmo, um Arcebispo de Canterbury do século onze.

Outros apresentam Deus como o Juiz do pecado e explicam a cruz em termos de satisfazer ou cumprir a Sua ‘justiça’. Essa ideia tem início no século treze com Tomás de Aquino e Duns Scotus e foi ampliada após a Reforma de Calvino e Cranmer, e incorporada na Confissão de Westminster, em 1647.

Os líderes que enfatizam a ‘honra’ de Deus alegam que, por nosso pecado, (por não reconhecer Deus como Senhor, e não se submeter plenamente a Ele), nós Lhe roubamos a honra devida. E, por causa de Sua santidade, Deus não pode ignorar esse roubo. Eles concluem que se quisermos ser perdoados, temos de devolver a honra roubada. Porém, não podemos. Nossa obediência presente não pode compensar os nossos pecados passados, porque isso nos é solicitado de qualquer modo, e nenhum pecador pode se tornar o cumprimento por nós.

Eles dizem que, em Sua graça, Deus enviou Jesus como um ser ‘plenamente divino, plenamente humano’ para oferecer a Sua vida sem pecado para satisfazer a honra ofendida de Deus, e concluem que a oferta misericordiosa da perfeição absoluta de Jesus devolveu a honra que a humanidade havia roubado.

Aqueles que focam Deus como Juiz e enfatizam a satisfação de Sua justiça, defendem que há um desacordo básico e irreconciliável entre a justiça divina e a nossa injustiça.

Eles insistem que a constante ira santa de Deus contra o pecado do mundo inteiro precisa ser aplacada, esgotada, satisfeita; e que o Pai enviou o Filho ‘plenamente Deus, plenamente humano’, sem pecado, para satisfazer as demandas da justiça de Deus contra o pecado e tornar o perdão possível.

É claro que alguns cristãos não acatam rigorosamente a ideia de satisfação. Por exemplo, muitos ensinam que as demandas da Lei de Deus foram satisfeitas pela obediência perfeita de Cristo em Sua vida e morte, e que a justiça de Deus também foi satisfeita por Seu sacrifício perfeito pelo pecado que suportou a penalidade da Lei em Sua morte.

O próprio Deus

A verdade, entretanto é que – individualmente – cada uma dessas ideias é uma explicação inadequada sobre satisfação. Certamente não é a Lei ou honra divina ou justiça santa que precisa ser satisfeita, mas o próprio Deus. Ele não é apenas a Vítima desonrada do pecado, ou o Criador da Lei que foi ignorado, ou ainda simplesmente o Juiz leal condenando o pecado – Ele é tudo isso e mais.

O problema de se falar em satisfazer a Lei, honra, justiça, etc. é que podemos sugerir que Deus seja controlado por algo que Lhe é exterior. É o próprio Deus na plenitude total (santidade absoluta) de Seu ser pessoal, que precisa ser satisfeito – não um aspecto específico de Deus ou um código ou qualidade que esteja fora Dele. O pecado é principalmente e, acima de tudo, uma ofensa contra Deus, e é essa ofensa que precisa ser tratada – satisfeita. Muitas vezes, a Bíblia descreve a salvação em termos forenses ou legais, porque não se pode satisfazer Deus sem satisfazer a Sua justiça. Porém, devemos ter em mente, constantemente, que a cruz aconteceu para satisfazer a natureza e caráter de Deus em todos os aspectos.

Autocoerência

Algumas pessoas reagem contra a ideia de autossatisfação divina por causa da desagradável correspondência humana. Elas acham que aqueles que tentam satisfazer a si mesmos têm falta de autocontrole e que aqueles que expressam autossatisfação têm falta de humildade.

Deus, entretanto, é perfeito: Ele tem total autocontrole e humildade infinita. Isso significa que a autossatisfação divina é completamente diferente da autossatisfação humana.

Quando falamos que Deus deve satisfazer a Si mesmo, queremos dizer que Ele deve ser Ele mesmo, que deve ser sempre leal ao Seu caráter, que deve agir coerentemente com a perfeição de Sua natureza.

As Escrituras enfatizam que Deus não pode rejeitar a Si mesmo, não pode se contradizer, não pode mentir. Ele nunca é arbitrário, imprevisível ou instável. Ele sempre é leal a Si mesmo, sempre coerente com a Sua natureza, sempre ‘Ele por inteiro’. Vemos isso, por exemplo, em Deuteronômio 32:4; Salmo 89:33; 2Timóteo 2:13; Tito 1:2 e Hebreus 6:18.

A Bíblia enfatiza a autossatisfação de Deus, Sua autocoerência, de quatro maneiras principais. Essas quatro maneiras mostram que Deus julga os pecadores simplesmente porque Ele tem de fazê-lo – Ele tem de permanecer sempre leal a Si mesmo e ser perfeitamente ‘autocoerente’.

1. A provocação de Deus

No Antigo Testamento, Deus descreve a Si mesmo como sendo ‘provocado’ à ira e ciúme pela idolatria de Israel, e os profetas repetem essa ideia com frequência. ‘Provocar’ significa ‘produzir uma reação, uma resposta’. O pecado produz uma resposta da parte de Deus: Sua ira santa. Isso significa que a ira não reside na natureza de Deus. Em vez disso, é uma reação da natureza de Deus – é Sua reação justa contra o pecado. A ira deve ser provocada em Deus – produzida – pelo pecado. A palavra hebraica é *kaac* e insinua que os seres humanos podem afetar o coração de Deus de modo a Lhe causar ira, dor ou tristeza em diversos níveis de intensidade. Vemos isso, por exemplo, em Deuteronômio 32:16–21; Juízes 2:12; 1Reis 15:30; 21:22; 2Reis 17:17; 22:17; Salmo 78:58; Jeremias 32:30–32; Ezequiel 8:17 e Oseias 12:14.

Isso não significa que Deus estava irritado com o comportamento de Israel. A linguagem bíblica da provocação simplesmente expressa a resposta *inevitável* de Deus ao mal. Dentro de Deus há uma intolerância santa ao pecado – especialmente à idolatria. Seja onde e quando for que ocorra, o pecado sempre ‘provoca’ a ira de Deus.

Deus nunca é provocado sem uma boa razão. Somente o pecado O provoca – e assim deve fazê-lo se Deus quiser ser e se comportar como Deus. Em outras palavras, se Deus não fosse provocado pelo oposto de Sua natureza, Ele não seria Deus.

2. A ira ardente de Deus

As Escrituras descrevem muitas vezes a ira de Deus como ‘ardente’, ‘atiçadora’, ‘consumidora’, ‘furiosa’ etc. Passagens como Josué 7:1; 23:16; Juízes 3:8; 2Samuel 24:1; 2Reis 13:3; 22:13 e Oseias 8:5 descrevem como Deus arde em ira quando vê as pessoas desobedecendo à Sua Lei e quebrando a aliança com Ele.

O Antigo Testamento mostra que Deus ‘arde’ em ira quando é ‘provocado’ ou ‘despertado’ pelo pecado. Vemos isso, por exemplo, em Deuteronômio 29:27,28; 2Reis 22:17; Salmo 79:5; Je-

remias 4:4; 21:12; Ezequiel 36:5,6; 38:19; Sofonias 1:18 e 3:8.

O fogo da ira é a resposta divina inevitável ao mal – contudo, Ele nunca se enfurece a ponto de perder o controle. Êxodo 32:10; Jeremias 44:22 e Ezequiel 24:13,14 mostram que Deus *não consegue* suportar rebelião, e Salmo 78:38; Isaías 48:9; Lamentações 3:22; Romanos 2:4 e 2Pedro 3:9 descrevem o modo que Ele, com misericórdia, restringe a Sua ira.

Contudo, uma vez ‘atigado’, é extremamente difícil apagar o fogo da ira de Deus. Vemos isso, por exemplo, em 2Reis 23:26; 22:17; 2Crônicas 34:25 e Jeremias 21:12. Quando a ira de Deus arde contra as pessoas, ela as consome – como em Números 11:1; Deuteronômio 4:24; 6:15; Salmo 59:13; Isaías 10:17; 30:27; Lamentações 2:3; Ezequiel 22:31 e Sofonias 1:18. E sua ira diminui somente quando o juízo está completo ou ocorreu uma mudança radical. Vemos isso em Josué 7:26; Jeremias 4:4; 21:12; Ezequiel 5:13; 16:42 e 21:17.

Isso comprova que há algo na santidade de Deus que é provocado, despertado e inflamado pelo mal – a isso chamamos de ‘Sua ira’: Ela então arde até que o mal seja consumido e a ira ‘satisfeita’.

3. A satisfação completa de Deus

A palavra hebraica *kalah* é usada muitas vezes no Antigo Testamento em associação à ira de Deus. *Kalah* significa o fim de algo, e é traduzida de forma variada como ‘completar’, ‘acabar’, ‘finalizar’, ‘consumir’, ‘cumprir’, ‘esgotar’ e ‘satisfazer’.

Kalah é usado com frequência no Antigo Testamento para mostrar que o tempo, trabalho e vida acabam, todos eles, que as lágrimas são finalizadas com o choro, que a grama desaparece na seca, que a força humana se esgota pelo exercício etc.

Contudo, *Kalah* é usado pelos profetas para mostrar que Deus ‘esgotará’, ‘satisfará’, ‘completará’ Sua ira contra o povo. Vemos isso, por exemplo, em Ezequiel 5:13; 6:12; 7:8; 13:15; 20:8, 21 e Lamentações 4:11.

Kalah sugere que a ira de Deus cessa somente quando for plenamente satisfeita. Não porque Deus é um tirano; é porque o

que quer que esteja dentro Dele precisa ser manifestado, e o que é manifestado precisa ser acabado ou finalizado.

Quando juntamos as três figuras, vemos que Deus é ‘provocado’ à ira ciumenta pelo pecado; que, uma vez atizada, Sua ira ‘queima’ até ser ‘satisfeita’ ou ‘concluída’ e o pecado totalmente ‘consumido’; e que essa ira flui inevitavelmente do caráter de Deus e é uma manifestação ou revelação de Sua santidade.

4. O Nome de Deus

A quarta maneira de a Bíblia enfatizar a autocoerência de Deus é usando o Seu nome. Nós analisamos o Nome de Deus no volume *Conhecendo o Pai*, e vimos que ‘o Nome’ significa o próprio Deus e se refere à revelação total de tudo que se conhece acerca Dele. Por exemplo:

- ‘O nome do Senhor’ foi proclamado a Moisés quando Deus passou diante dele e anunciou a Sua natureza – Êxodo 34:5,6
- ‘Clamar o nome do Senhor’ era adorá-lo como Deus – Gênesis 21:33 e 26:25
- ‘Esquecer o Seu nome’ era ausentar-se de Deus – Jeremias 23:27
- Tomar o nome do Senhor em vão’ era afrontar a Sua majestade divina – Êxodo 20:7

Podemos dizer que a frase bíblica ‘o Nome de Deus’ encapsula a plena natureza e caráter gloriosos de Deus. Ela aponta para a manifestação total de Deus ao Seu povo.

No Antigo Testamento, o nome de Deus era o penhor de tudo que Ele tinha prometido ser e fazer para Israel. Vemos isso, por exemplo, em 1Samuel 12:22 e Salmo 25:11.

Para Israel, a frase, ‘o Nome do Senhor’, valorizava os fatos mais importantes da revelação e experiência que eles tinham com Deus. O Criador Todo-poderoso do céu e da terra era o Deus deles. Ele os chamara a um pacto de relacionamento de graça. A convicção de que Deus jamais negará Sua aliança, ou recuará em Suas promessas, ou será qualquer coisa que não plenamente ‘autocoerente’, apoia-se em praticamente todo uso da frase, ‘o Nome do Senhor’.

O Antigo Testamento deixa claro que Deus sempre age segundo o Seu Nome, de maneira coerente com a totalidade de Sua natureza – com Sua santidade. Vemos isso, por exemplo, em Jeremias 14:1–21; Ezequiel 20:44 e 36:1–23.

Quando age por amor de Seu Nome, Deus não está protegendo a Si mesmo contra falsa declaração, Ele está simplesmente sendo autocoerente. Deus não está tão preocupado com a Sua reputação, mas Ele é constrangido por Seu caráter a ser continuamente coerente – a satisfazer a Si mesmo.

Isso quer dizer que Deus é Deus. Ele não pode negar qualquer parte de Sua natureza – não pode ser incoerente ou se contradizer – porque sempre é leal a Si mesmo por completo. Ele nunca se desvia de ser totalmente o que é. Como vemos no volume *Conhecendo o Pai*, isso se expressa pelo nome próprio de Deus, *Javé*, que Deus revelou a Moisés quando veio para libertar o Seu povo do Egito e cumprir Sua aliança. *Javé* quer dizer ‘Eu sou quem sou’. Deus é quem Ele é; Ele é Seu Eu santo; Ele não pode ser nada diferente disso.

O amor justo de Deus

A autocoerência de Deus significa que Ele deve perdoar os pecadores e reconciliá-los consigo, de um modo que seja plenamente coerente com o Seu caráter.

Para a salvação ser eficaz, Deus deve vencer o diabo para capturar os seus cativos; Ele deve satisfazer a Sua justiça, a Sua honra e a Sua ira. Porém, mais importante ainda, Ele deve satisfazer a Si mesmo – Deus deve satisfazer cada aspecto de Seu ser infinito, inclusive a justiça e o amor.

Oseias 11:1–11 alude à tensão redentora que Deus experimenta quando a Sua justiça e amor parecem conflitar. Israel, o filho de Deus, merecia ser punido por seu adultério espiritual e recusa intencional de se arrepender, mas como Deus poderia destruir o próprio filho?

Essa é a tensão criativa entre o que Deus deveria fazer por causa de Sua justiça e o que Ele não quer fazer por causa do Seu amor; a eterna tensão entre compaixão e ira no interior de Deus.

Atributos paralelos e inter-relacionados

Ao longo das Escrituras, nos dois Testamentos, nas palavras de Jesus e de Paulo, o amor de Deus e a Sua ira são mantidos em tensão perfeita para mostrar que não devemos pensar em um aspecto de Sua natureza sem nos lembrar de sua contraparte. Por exemplo:

- Ele é misericordioso e cheio de graça, mas não deixa a culpa sem punição – Êxodo 34:6,7
- A misericórdia e a verdade se encontram Nele, e a justiça e a paz se beijam – Salmo 85:10
- Ele é um Deus justo e Salvador – Isaías 45:21
- Há misericórdia em Sua ira – Miqueias 7:18 e Habacuque 3:2
- Ele é cheio de graça e verdade – João 1:14
- Ele é justo e justificador – Romanos 3:26
- Ele é bom e severo – Romanos 11:22
- Ele é cheio de ira e rico em misericórdia – Efésios 2:3,4
- Ele é leal e justo – 1João 1:9

É negligente pensar que, por exemplo, Deus é simplesmente amor. Isso é verdade, mas não toda a verdade, pois nenhuma palavra humana pode descrever plenamente a natureza infinita de Deus. O amor de Deus é tão verdadeiro e tão puro que é sempre um *amor justo*.

Observamos que a Bíblia usa a frase ‘o Nome’ para indicar a totalidade da natureza de Deus e que a Sua ‘santidade’ ou ‘separação total’ é a consequência da soma de Seus atributos. Há perigo em se concentrar em um aspecto do caráter de Deus, porque Ele é pleno de atributos que parecem ser opostos, mas que – na realidade – são perfeitamente equilibrados e intimamente interligados.

A Bíblia lida com isso, por exemplo, apresentando o amor e a ira de Deus, Sua bondade e justiça, Sua transcendência e imanência, e assim por diante, como verdades paralelas, interligadas, que podem ser vistas em oposição no mundo, mas que se unem no infinito glorioso do próprio Deus.

Não devemos tentar mesclar esses atributos paradoxos em

uma única poção teológica, porque isso destrói a revelação bíblica do mistério de Deus – que sempre enfatiza a revelação contínua e simultânea de todos os aspectos paralelos de Sua natureza.

Na Parte Seis, analisamos a obra de revelação de Deus na cruz, e vemos como Ele manifesta a Sua ira e amor em um episódio. A cruz é a revelação suprema do amor infinito de Deus e Sua ira ardente, Sua justiça inflexível, Sua misericórdia afável etc.

A cruz mostra que esses atributos não são irreconciliáveis, e não estão em torvelinho. Na realidade, eles se ampliam, pois nós compreendemos a grandeza do amor de Deus na cruz somente quando percebemos nela a plena medida de Sua ira.

Deus não discorda Dele mesmo. Não há contradição Nele, pois não pode haver conflito em Deus. Ele nunca está em dúvida a respeito de Suas ações ou confuso em Seus planos. Ele existe em equilíbrio eterno. Ele é o Deus de perfeita paz, mas é uma paz que mantém os Seus atributos interligados numa perfeita tensão criativa.

Se quisermos entender a salvação de modo preciso, devemos ter uma figura bíblica de Deus – razão por que o volume *Conhecendo o Pai* vem antes deste livro na série *A Espada do Espírito*.

Deus não é um ‘papai’ indulgente que barganha sua santidade para nos poupar e mimar; e Ele não é um ‘tirano’ cruel que suprime o Seu amor para nos aniquilar e destruir. Ao invés disso, o Criador do Céu e da terra é tanto protetor como soberano. O rei do universo nunca age de modo tirano, porque Ele é um pai; e o justo juiz sempre age de modo misericordioso, porque Ele é moldado por Sua paternidade amorosa.

O todo de nossa fé cristã depende de nosso conhecimento de Deus; e o propósito inteiro de salvação é que possamos conhecer o Pai – de modo preciso, íntimo, pessoal e eterno.

Então, como Deus pode ‘satisfazer’ a Sua justiça e ira sem nos consumir? Como Ele pode ‘satisfazer’ Seu amor sem consentir os nossos pecados? De que modo Ele pode nos salvar e

ao mesmo tempo satisfazer a Si mesmo? Como Ele pode ser plenamente 'autocoerente'? Essas são as questões difíceis que estão no centro da cruz – o lugar onde Deus substituiu e sacrificou a Si mesmo pela salvação da humanidade.

Parte Três

Substituição e Sacrifício

A autossatisfação de Deus, a Sua autocoerência, significam que Ele sempre é leal a todo o Seu ser. Ele não age em um conjunto de circunstâncias baseado em um atributo e, em seguida, usa outro atributo para outro conjunto de circunstâncias. Deus nunca manifesta um atributo à custa de outro – pois todos estão ligados e interligados. Ele sempre expressa a plenitude de Seu caráter.

Temos visto que a questão mais difícil relacionada ao perdão é: ‘Como Deus pode ser sempre leal a todo Seu ser?’ Como pode expressar simultaneamente a ira santa na condenação e julgamento e também o amor misericordioso na compaixão e perdão?

Desde os primórdios da Igreja, a resposta cristã sempre é a de que Deus satisfaz a Si mesmo (que Ele agiu com autocoerência, que Sua justiça e ira santa foram satisfeitas) oferecendo um ‘substituto’ para o pecador. Desse modo, o substituto suporta a condenação e juízo enquanto o pecador desfruta a compaixão e o perdão.

Em Sua infinita misericórdia, Deus desejou nos perdoar e em Sua eterna justiça, Ele desejou nos perdoar com justiça – sem ignorar e consentir nosso pecado. Isso se chama ‘satisfação com substituição penal’. Deus agiu com autocoerência, focando a totalidade de Sua ira justa no substituto que Ele providenciou afaavelmente (Ele próprio na pessoa de Seu Filho) e derramando a totalidade de Seu misericordioso amor em nós – pecadores que não merecem.

Vimos que, em todas as épocas, diferentes tradições eclesásticas pelezaram junto à Bíblia para entender *quem* e *que* foi

satisfeito na cruz. Também lutaram com a ‘autossubstituição’ de Deus e a natureza do substituto – pois a Bíblia não os revela de modo simples e claro. Essas ideias são ensinadas claramente nas Escrituras, mas não são apresentadas de forma sistemática. É deixada ao intérprete a tarefa de colocá-las em ordem.

Se quisermos entender a substituição, portanto, devemos examinar cuidadosamente o ensinamento bíblico. Primeiro de tudo, precisamos analisar os sacrifícios do Antigo Testamento – que preparam o caminho para o sacrifício substituto de ‘Deus em Cristo’ na cruz.

Sacrifícios do Antigo Testamento

É impossível ler o Novo Testamento sem perceber que os autores reconheciam a morte de Cristo como um sacrifício. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 20:28; João 3:16; 10:17,18; Romanos 3:25; 4:25; 8:3, 32; 1Coríntios 5:7,8; Coríntios 5:18–21; Gálatas 1:4; 2:20; Efésios 5:2, 25; 1Timóteo 2:6; Tito 2:14; Hebreus 9:14, 26; 1Pedro 3:18 e 1João 4:9,10.

O sistema sacrificial do Antigo Testamento respalda o pensamento neotestamentário acerca da morte de Cristo. Vê-se isso mais claramente em Hebreus, que enfatiza que o sacrifício de Jesus é a realidade suprema para a qual apontam todas as ‘prefigurações’ do sistema do Antigo Testamento.

O primeiro sacrifício

A Bíblia ensina que o sacrifício começou com Deus. Ele fez o primeiro sacrifício. Ele derramou o primeiro sangue. Ele suportou a primeira tristeza da perda. Seu exemplo em Gênesis 3:21 definiu o padrão e os princípios para todos os sacrifícios futuros, e preparou o caminho para a cruz.

Deus ofereceu afavelmente aos humanos condenados túnicas de pele para cobri-los o pecado e vesti-los para a nova tarefa que teriam fora do Éden. Está implícito que alguns animais devem ter morrido para prover as túnicas da graça. E deve ter sido Deus mesmo que matou e em seguida tirou a pele dos animais preciosos e perfeitos que Ele acabara de criar e abençoar.

Esse episódio dá o tom para o restante do Antigo Testamento, ensinando acerca de sacrifícios e aponta claramente para o sacrifício final e definitivo de Deus. Vemos, por exemplo, que:

- Os que se beneficiaram eram totalmente desmerecedores
- Os que sofreram eram totalmente inculpáveis
- O sacrifício foi permanente
- Sangue foi derramado
- O sacrifício foi em condição perfeita – somente o melhor serviria
- O custo foi considerável para ambos, o ‘sacrificador’ e o sacrifício, o doador e a oferta
- Graça, amor e misericórdia foram as emoções que motivaram
- Os beneficiários tinham a liberdade de aceitar ou rejeitar o que foi oferecido
- O sacrifício deve ter sido intrigante, pois havia muitas folhas de figueira no entorno – embora fossem inúteis em dias frios!

Os primeiros sacrifícios feitos por humanos

Gênesis 4:3–5 descreve os primeiros sacrifícios oferecidos pelos humanos a Deus. Cain e Abel apresentaram ofertas a Deus; e Lucas 11:50,51 e Hebreus 11:4 parecem explicar por que Deus olhou favoravelmente para o sacrifício de Abel. Ele era um profeta e sacrificou o primogênito de seu rebanho como um ato de fé e de obediência ao padrão divino de sacrifício de sangue.

Nada no contexto sugere que esse primeiro sacrifício de sangue foi feito apenas para ganhar o favor de Deus ou aplacá-Lo; parece haver um elemento real de fé e de ação de graças.

Noé fez o sacrifício seguinte. Gênesis 8:20 mostra que, após o dilúvio ter diminuído, Noé construiu um altar e ofereceu a Deus um holocausto de animais e aves em agradecimento pelo livramento de sua família. Esse foi o quarto exemplo da obediência de Noé – Gênesis 6:22; 7:5; 8:15–18 e 20 – e Deus Se agradeceu tanto do sacrifício obediente de Noé que o recompensou, 8:21–9:17, com a promessa de bênção gloriosa.

Abraão provavelmente tinha o hábito de ofertar sacrifícios de seus rebanhos a Deus, se não Isaque não teria perguntado do

cordeiro, em Gênesis 22:7. Nesse capítulo, Deus pediu um sacrifício pela primeira vez – e Ele queria o melhor.

Pediu-se a Abrão que ofertasse Isaque como holocausto no monte Moriá – o local onde o Templo de Jerusalém viria a ser construído. Isaque, que na época parecia ter cerca de 30 anos de idade (pois tinha 37 anos quando Sara morreu, no capítulo 23), foi preparado para ser a vítima voluntária; e o seu pai idoso estava pronto para sacrificar o único filho. Porém, quão intrigante deve ter parecido a morte aos dois, especialmente depois de todas as promessas feitas por Deus ao longo dos anos.

Como vimos, a fé e o sacrifício foram primeiramente associados a Abel; e pela fé, Abraão pegou a faca e se preparou para enfiá-la em seu filho. O pensamento humano sempre parece concluir que o sacrifício é desnecessário – mas Abraão creu que o que Deus dizia era mais importante.

Abraão não entendeu por que Deus queria que ele sacrificasse o seu filho. Mesmo assim, declarou uma profecia extraordinária, em Gênesis 22:14; pois não sabia que praticamente dois mil anos mais tarde Deus passaria por agonias semelhantes, porém mais fortes, na mesma montanha. Abraão simplesmente agiu com fé e foi preparado para obedecer a Deus.

Gênesis 22:15–18 descreve como Deus respondeu à disposição de Abraão em sacrificar o seu filho jurando uma promessa de grande bênção. Abraão e Isaque estavam prontos para a morte sem uma recompensa – obediência amorosa era a única motivação deles. Porém, a graça de Deus interveio, proveu uma vítima substituta e então recompensou o sacrifício com bênção. Esse elo entre sacrifício e bênção é repetido em Gênesis 46:1–4.

A Páscoa

Os egípcios suportaram dez pragas porque Faraó não permitiu aos israelitas visitar o deserto para adorar a Deus com sacrifícios. Êxodo 10:24–26 revela dois princípios do sacrifício no Antigo Testamento.

Primeiro, o povo tinha de permitir que Deus dirigisse seus sacrifícios; e segundo, eles podiam oferecer somente animais e

aves limpos, que verdadeiramente lhes pertencessem – tinha de ser autonegação cara e legítima.

A décima praga foi um ato supremo de juízo santo sobre o Egito e um ato misericordioso de livramento para Israel. A Páscoa, em Êxodo 11–13, foi a evidência simultânea tanto do amor como da justiça de Deus, Sua graça e Sua santidade.

Assim como com Adão e Eva no Éden, cada família teve de se apropriar pessoalmente da provisão de Deus: O sacrifício do melhor animal que possuíam e a aspersão de seu sangue nos umbrais das portas foram a resposta de fé à graça de Deus. E, mais uma vez, Deus recompensou os sacrifícios obedientes de Seu povo com bênção – dessa vez o livramento pessoal da morte e o livramento nacional da escravidão.

Êxodo 12:2 mostra que o sacrifício original da Páscoa foi o início da vida coletiva, nacional de Israel; assim o Novo Testamento identifica que a morte de Cristo ocorreu na Páscoa, como cumprimento desta, e como o início da nova comunidade redimida. Vemos isso, por exemplo, em João 1:29, 36; 13:1; 18:28; 19:14; 1Coríntios 5:7,8 e Apocalipse 5:6, 9, 12 e 12:11.

Por intermédio da Páscoa, Deus Se revelou simultaneamente como:

- Juiz – A ira santa de Deus ‘passou pelo’ Egito e condenou cada primogênito. Não houve discriminação entre criaturas ou classes de pessoas. Havia uma única maneira de escapar, e era pela provisão misericordiosa de Deus.
- Redentor – o amor misericordioso de Deus ‘passou por cima’ de cada casa que tinha a marca do sangue para protegê-la de Sua ira.
- Criador e mantenedor da aliança – Deus redimiu os Israelitas para torná-los Seu povo. Eles pertenciam a Deus porque foram comprados pelo sangue e assim eram consagrados ao Seu serviço. Nós analisamos esse assunto mais extensivamente nas Partes Quatro e Oito.

Deveria estar claro que essas verdades ‘prefiguradas’ foram plenamente reveladas no Calvário. É importante reconhecermos que o Juiz e o Redentor são a mesma pessoa divina. O Deus que

passou pelo Egito foi o mesmo Deus que *passou por* cima das casas com o sangue aspergido nos umbrais das portas.

Enfatizamos no volume *Conhecendo o Pai* que não deveríamos caracterizar o Pai como o Juiz e o Filho como o Redentor. É o Deus único que, por meio de Cristo, condena o pecado e salva a humanidade.

A Páscoa também ensina que:

- A salvação é pela substituição – os únicos primogênitos poupados foram os das casas onde um cordeiro primogênito morreu no lugar deles
- A salvação é por meio de uma apropriação repleta de fé – depois de ter sido derramado, o sangue teve de ser apropriado, aspergindo-o sobre os umbrais das portas

Sacrifícios rituais

Após a Páscoa, enquanto Israel vagava no deserto, Deus deu a Moisés instruções claras acerca do sacrifício. Podemos ler resumos breves em Êxodo 20:24–26; 22:29,30; 23:14–19; 29; Levítico 17; 23; Números 15; Deuteronômio 12 e 16. A descrição completa encontra-se em Levítico 1–7, e define os cinco rituais principais:

- O holocausto, ou oferta queimada
- A oblação, ou oferta de grão
- A comunhão, ou oferta de paz
- A oferta pelo pecado
- A oferta pela culpa, reparação ou transgressão.

Podemos dizer que:

- Os sacrifícios de *oblação* e *comunhão* ajudavam o povo expressar os sentimentos de ser criaturas que pertenciam a Deus
- O sacrifício de *holocausto* representava a dedicação do povo – e a aceitação de Deus – de tudo que eles tinham e eram
- A refeição comunitária entre o sacerdote e o povo no sacrifício de *comunhão* os lembrava de seu relacionamento vital com Deus
- Os sacrifícios pelo *pecado* e *culpa* possibilitaram as pessoas

tanto a mostrar o senso humano de separação de um Deus santo causado pelo pecado e culpa delas próprias, como clamar para Ele cobri-los.

Apesar dessas distinções, todos os sacrifícios enfatizavam a iniciativa afável de Deus e a dependência absoluta que as pessoas tinham Dele e de Sua graça.

Em todos os sacrifícios, apenas o melhor serviria. Vimos que os adoradores tinham de sacrificar de um modo que esgotasse os seus recursos pessoais, mas Deuteronômio 23:18 sugere que até isso seria inaceitável se a propriedade tivesse sido adquirida de modo ilícito.

Preferiam-se os animais machos às fêmeas, e o primogênito adulto era considerado o melhor de todos. Eles tinham de ser espécimes perfeitos: A criatura escolhida para o sacrifício era sempre a que teria melhorado mais os rebanhos de seu dono.

A justiça de Deus significava que os pobres não eram penalizados por essas demandas. Levítico 5:7–13 mostra que aqueles que não podiam arcar com uma ovelha ou cabra podiam oferecer duas pombas no lugar. E se nem as pombas fosse possível, seria suficiente a oferta de grãos.

Os sacrifícios rituais deviam ser oferecidos em âmbito pessoal ou nacional, privado ou público, regularmente ou conforme surgissem necessidades especiais. O texto de Números 28–29 oferece uma relação dos sacrifícios públicos diários, semanais, mensais e anuais; e Êxodo 12 mostra como a Páscoa deveria ser celebrada dentro da família.

Toda vez que voltavam para Deus, os israelitas deviam adorá-Lo com oferta de sacrifícios. A Bíblia mostra que os sacrifícios eram oferecidos:

- Para cumprir um voto – 2Samuel 15:7–9
- Para liberar uma pessoa de um voto – Números 6
- Como um ato espontâneo de adoração – Juízes 13:17–23
- Para purificar um leproso após a cura e uma mulher após o parto – Levítico 12 e 14
- Na ordenação de um sacerdote e na oferta de um levita a Deus – Levítico 8 e Números 8

- Em tempos de arrependimento nacional – 1Samuel 7
- Quando a batalha estava próxima – 1Samuel 13:8–12
- Nas coroações de reis – 1Reis 1:9
- Na dedicação de santuários – 1Reis 8:1–13

Os sacrifícios rituais do Antigo Testamento tinham seis estágios, e cada um era tão significativo quanto os outros cinco.

- Os adoradores escolhiam ou compravam seus sacrifícios e os traziam ao lugar designado.
- Se a oferta fosse um animal, eles colocavam as mãos sobre esse animal para mostrar que era seu representante ou substituto. Se estivessem fazendo uma oferta por pecado ou culpa, eles confessavam os pecados simbolicamente para transferir as consequências legais ao animal.
- O adorador matava, pessoalmente, o animal.
- Os sacerdotes recolhiam o sangue em uma bacia e o derramavam em dois lados opostos do altar, de modo que os quatro lados ficavam com sangue espargido.
- A gordura era queimada. Quando era uma oferta de holocausto, queimava-se tudo, exceto a pele.
- O que sobrava do sacrifício era comido pelos sacerdotes. No caso de ser um sacrifício de comunhão, o restante era comido pelos sacerdotes e também pelos adoradores.

Os sacrifícios de holocausto e comunhão eram usados para celebração e ação de graças, para consagração de pessoas e objetos para o serviço santo, e para a remoção da impureza cerimonial.

Entretanto, os outros sacrifícios tinham um propósito muito mais profundo. Levítico declara repetidas vezes que as ofertas pelo pecado e reparação de uma pessoa ‘seriam aceitas como eficaz para a sua expiação’. A palavra hebraica *kaphar* geralmente é traduzida como ‘espiar’, mas significa, de fato, ‘cobrir’. Isso significa que os sacrifícios pelo pecado e reparação cobriam os pecados dos adoradores e faziam a restituição pela culpa deles.

Assim como o primeiro sacrifício foi oferecido pelas mãos divinas manchadas de sangue como cobertura pelo pecado de Adão e vestimenta para sua nova tarefa, também – por meio dos sacrifícios rituais – Deus proveu ao Seu povo uma série de sacrifi-

cios que continuaria cobrindo seus pecados e capacitando-os a servi-Lo.

As canções do Servo

Com o passar do tempo, o sistema ritualístico de sacrifício foi ultrajado e cresceu a percepção de que tal sistema não era conclusivo. Os profetas de Deus começaram a implorar por um tipo extra de sacrifício, por ações práticas como – e não em vez de – gestos simbólicos, para que houvesse moralidade pessoal em relação ao ritual legal.

Esse desenvolvimento crítico na consciência profética dos desejos de Deus é visto, por exemplo, no Salmo 50:8–23; 51:16–19; Provérbios 15:8; 21:27; Isaías 1:11–20; 58:1–14; 66:1–4, 18–21; Jeremias 6:20; 7:21–28; Oseias 8:11–13; Amós 5:21–24 e Miqueias 6:6–8.

Esse entendimento de sacrifício, tanto como uma cerimônia para ‘expição’ pessoal como um modo de vida santo e contínuo, alcançou o seu clímax nas quatro canções do servo do Senhor registradas no Antigo Testamento em Isaías 42:1–9; 49:1–6; 50:4–11 e 52:13–53:12. Essas canções apresentam uma pessoa cuja morte faz expiação sacrificial, substitutiva por outros e cuja vida é caracterizada por amor, justiça, sofrimento e autossacrifício.

As três primeiras canções revelam que esse servo misterioso é um indivíduo formado por Deus e chamado por Ele quando ainda no ventre de sua mãe. Ele é um discípulo cheio com o Espírito de Deus. Ele instaura justiça na terra de modo a poder instruir a humanidade e nos julgar por Sua Palavra. Ele trabalha gentil, silenciosa e discretamente. Ele parece falhar, aceitar afronta e desprezo, mas não desiste porque o próprio *Javé* o sustenta.

A quarta canção descreve os sofrimentos terríveis do servo que, embora inocente, é tratado como um pecador punido por Deus e condenado a morrer uma morte vergonhosa. Mostra que tudo isso é a oferta voluntária do servo por pecadores cujo pecado e culpa ele leva sobre si e por quem ele intercede. E a canção revela que, por um prévio ato de poder inimaginável, Deus aceita

o sacrifício de expiação de Seu servo e dá origem à salvação de toda humanidade.

Essas canções proféticas extraordinárias se dirigem para Jesus. De fato, todos os sacrifícios do Antigo Testamento apontam, de algum modo, para Ele, pois expressam uma necessidade que somente Ele satisfaz plenamente, e representam uma fé que somente Ele pode justificar. Porém, mais do que isso, exigem um estilo de vida que somente Ele torna possível. A vítima que morreu pode ter sido um substituto, mas, de algum modo, os adoradores sempre tiveram de negar a si mesmos por Deus.

Esses dois princípios são centrais para a salvação pela graça. Cristo pode ter morrido em nosso lugar permanentemente, para cobrir o nosso pecado, unir-nos uns aos outros e nos trazer para Deus; mas a autonegação ainda é o ritual exigido das vidas que Ele governa.

Levando os pecados sobre si

Passagens do Novo Testamento como 1Pedro 2:24 e Hebreus 9:28 ensinam que Jesus 'levou nossos pecados' na cruz. Ao longo dos séculos, em toda tradição da igreja, os cristãos geralmente entendiam o significado disso como Jesus sendo o substituto inocente provido por Deus, e que tomou o lugar da humanidade culpada e pelo pecado dela suportou a penalidade.

Contudo, durante o século vinte, muitos mestres questionaram essa compreensão tradicional da 'substituição penal'. Alguns sugeriram que Jesus suportou a dor ou peso de nosso pecado em vez de a penalidade resultante dele; enquanto outros defendiam que Jesus tomou o nosso lugar simplesmente pela oferta de uma confissão perfeita de nossos pecados. Outros têm até argumentado que a substituição penal apresenta Deus como um 'abusador cósmico de criança' – um Pai vingador punindo Seu Filho por uma ofensa que não cometeu, e por isso não pode, possivelmente, ser verdadeiro.

Precisamos continuar sustentando o entendimento tradicional da igreja sobre a 'substituição penal', porque Jesus realmente suportou e esgotou o julgamento divino destrutivo (que era nosso

por direito) para ganhar a nossa salvação eterna. Entretanto, também deveríamos reconhecer que a ‘substituição por levar a dor’ e a ‘substituição penitente’ de fato têm um lugar na figura bíblica da salvação – e podemos ver isso mais claramente no ritual associado ao Dia Judeu da Expição.

É verdade que, na cruz, como o substituto, Jesus levou sobre si o que a humanidade não poderia levar – a justa punição do pecado – e isso é fundamental para a salvação. Porém, também é verdade (embora não seja fundamental) que Ele ofereceu o que a humanidade não ofereceria – uma confissão completa de seu pecado; e que Ele suportou o que nós não poderíamos suportar – a dor plena e o sofrimento de todo pensamento e ação malignos desde o Jardim do Éden.

O Dia da Expição

O conceito de ‘levar os pecados sobre si’ é encontrado nas muitas passagens do Antigo Testamento que descrevem animais inocentes ou pessoas sofrendo as conseqüências da culpa de outra pessoa: por exemplo, Levítico 17:11 e Êxodo 12:23.

Porém, a mesma linguagem de ‘levar o pecado sobre si’ também é usada quando Deus provê o substituto – como em Levítico 10:17 e Ezequiel 4:4,5. Essa ideia importante fica particularmente clara no ritual associado ao Dia anual da Expição – que é descrito em Levítico 16.

O Dia da Expição era o sacrifício *coletivo* ou nacional pelo pecado, que ocorria uma vez ao ano – em contraste aos sacrifícios pessoais regulares pelo pecado. Era o dia mais importante no ano judeu, e a única ocasião em que ‘o santo dos santos’ era adentrado, e somente pelo sumo sacerdote.

O sumo sacerdote pegava dois carneiros para expiar – para cobrir – todos os pecados do povo de Israel. Ele matava um carneiro e aspergia o seu sangue sobre o altar do modo que era usual. Em seguida, colocava as duas mãos sobre a cabeça do outro carneiro, confessava toda perversidade e rebelião do povo de Deus e dirigia o carneiro ao deserto para que ‘carregasse’ simbolicamente os pecados para longe.

Levítico 16:5 mostra que os dois carneiros eram um *sacrifício único*: Cada um exemplificava aspectos distintos do mesmo sacrifício. A grande e eterna revelação do Dia da Expição foi que a reconciliação era possível apenas por intermédio de um único sacrifício substitutivo que envolvia ‘levar o pecado sobre si’.

Também precisamos reconhecer que o processo de expiação incluía:

- Uma confissão substitutiva por parte do sumo sacerdote
- Um levar sobre si substitutivo – por parte do cordeiro expiatório – da dor ou carga
- Um levar substitutivo – por parte do cordeiro sacrificado – da penalidade.

O livro de Hebreus identifica Jesus como o sumo sacerdote e os dois cordeiros – vemos isso em Hebreus 2:17; 9:7, 12 e 28. Isso enfatiza a compreensão um pouco mais ampla da substituição que sugerimos.

Isaías 53

Embora os dois cordeiros tivessem o papel de levar sobre si os pecados, deveria estar claro para muitos judeus que um animal era um substituto inadequado para um humano. Como vimos, as quatro ‘canções do servo’ no livro de Isaías apresentaram há muito tempo o servo gentil de Deus que sofreria, suportaria o pecado e morreria pelas pessoas.

O sofrimento e a morte do servo são descritos em Isaías 53: nenhuma outra passagem do Antigo Testamento é tão importante para o Novo Testamento como esta.

Os versículos 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 11 são mencionados diretamente em João 12:38; Mateus 8:17; 1Pedro 2:22–25 e Atos 8:30–35. E há uma alusão a cada versículo, exceto o 2, em algum lugar no Novo Testamento: por exemplo, v. 3 – Marcos 9:12; v. 7 – Marcos 14:61; 15:5; Lucas 23:9 e João 19:9; v. 8 – Marcos 2:20; v. 9 – Marcos 14:8; v. 10 – João 10:11, 15 e 17; v. 11 – Mateus 3:15; v. 12 – Lucas 11:22; 22:37 e 23:34.

É indiscutível que Isaías 53 é essencial tanto para a compreensão neotestamentária de Jesus *como* para a compressão Dele

a respeito de si mesmo. As palavras de Jesus em Marcos 10:45 e 14:24 remetem diretamente a Isaías 53:12, e demonstram que Ele entendia a Sua morte como aquela que levaria sobre Si o pecado.

O teor integral de Isaías 53 é *substitutivo* e *sacrificial*. Revela que o Servo Sofredor:

- Tomou sobre si as nossas enfermidades – v. 4
- Carregou as nossas dores – v. 4
- Foi ferido por causa das nossas transgressões – v. 5
- Foi esmagado por causa das nossas iniquidades – v. 5
- Levou sobre Si o castigo que nos traz a paz – v. 5
- Foi açoitado pela nossa cura – v. 5
- Fez cair sobre Ele a iniquidade de todos nós – v. 6
- Foi ferido por causa das nossas transgressões – v. 8
- Levou sobre si as nossas iniquidades – v.11
- Levou sobre si nosso pecado – v.12

Isaías 53:4–6 é prova convincente de que o servo de Deus é um substituto, cujo sacrifício envolve levar sobre si tanto a ‘penalidade’ como a ‘dor’ do pecado. Vemos isso uma vez que a raiz do pecado é tratada, em seguida a dor e todos os outros frutos ou consequências do pecado também são tratados: pobreza, enfermidade e até mesmo morte. Esse elo entre a expiação e a cura também é explorado na série *A Espada do Espírito*, volume *Ministério no Espírito*.

Jesus morreu por nós

A ampla extensão do ensinamento do Antigo Testamento sobre sacrifícios e substitutos prepara o caminho e nos ajuda a entender corretamente o ensinamento do Novo Testamento de que Jesus morreu pelos seres humanos. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 20:28; Marcos 10:45; Romanos 5:6–8; 14:15; 1Coríntios 8:11; 15:3; 2Coríntios 5:14,15; 1Tessalonicenses 5:10 e 1Timóteo 2:6.

Há mais de quarenta preposições gregas diferentes que podem ser traduzidas simplesmente como a preposição ‘para’ e muitos estudiosos dão importância demais para a diferença sutil

entre duas delas. *Hyper* significa ‘para’ no sentido amplo: ‘em nome de, em favor de’, enquanto *anti* significa ‘para’ no sentido restrito: ‘em lugar de, em vez de’.

A maior parte das passagens que descrevem Cristo morrendo ‘para’ pessoas, usa *hyper* (somente Mateus 20:28 e Marcos 10:45 usam *anti*) e alguns professores usam isso para defender a crença de que a morte de Cristo foi meramente representativa, em vez de plenamente substitutiva.

Essa ideia, contudo, ignora o amplo ensino bíblico dos sacrifícios substitutivos e desconhece o fato de que o amplo sentido de *hyper* inclui o sentido restrito de *anti*. De fato, os autores do Novo Testamento muitas vezes usam *hyper* em um contexto que claramente significa ‘em lugar de, em vez de’ – por exemplo, 2Coríntios 5:20 e Filemom 1:13.

Hyper é usado nas três afirmações mais fortes a respeito da morte de Cristo no Novo Testamento – 2Coríntios 5:21, Gálatas 3:13 e 1Timóteo 2:6. Nesses versículos, Paulo explica que a morte de Cristo tinha o objetivo de nos beneficiar – nesse sentido, ela foi ‘em nosso favor’. Porém, 2Coríntios 5:21 também deve significar que Jesus levou sobre si a penalidade do nosso pecado ‘em nosso lugar’, e Gálatas 3:13 deve significar que a maldição da Lei que estava sobre nós foi transferida a Ele, de modo que Ele a levou sobre si ‘em nosso lugar’.

Esses versículos mostram que ocorre uma troca misteriosa quando estamos unidos a Cristo. Ele toma nossa maldição para que possamos receber a Sua benção; Ele se faz pecado com nosso pecado para que possamos nos tornar justos com a Sua justiça.

O apóstolo Paulo chama essa troca de ‘imputação’, por exemplo, em Romanos 4:6; 1Coríntios 1:30 e Filipenses 3:9. É importante reconhecermos que essa imputação envolve a aceitação das consequências legais em vez de a transferência das qualidades morais (embora essas qualidades de fato cresçam dentro de nós pela obra do Espírito Santo).

Nosso estado de impiedade interior não foi transferido a Jesus para torná-Lo pessoalmente ímpio, e Sua perfeição moral

não nos foi transferida para nos tornar pessoalmente perfeitos. Em vez disso, na cruz, como substituto, Jesus voluntariamente aceitou a responsabilidade ou consequência de nossos pecados – é isso que a Bíblia quer dizer com as frases ‘fez-se pecado’ e ‘fez-se maldição’.

De modo semelhante, ‘a justiça de Deus, que nos é imputada quando estamos ‘em Cristo’ não é uma justiça instantânea de caráter e conduta, é um estar justo instantâneo diante de Deus. Não é justiça partilhada, mas imputada. É uma ‘justiça alheia’, para usar a frase de Martinho Lutero, que vem de fora de nós. Nós recebemos a justiça de Cristo para que possamos estar sem punição e alegria diante de Deus. A importância dessa visão forense ou legal não pode ser sobrestimada.

O substituto

Nos volumes *Conhecendo o Pai* e *Conhecendo o Espírito*, vemos como é importante entender corretamente a natureza do Deus trino; e no volume *Conhecendo o Filho*, analisamos com certo detalhe a natureza plena de Jesus. Para resumir, nós jamais entenderemos a cruz corretamente até percebermos as naturezas do Pai, do Filho e do Espírito.

A maior parte das objeções seculares à cruz baseia-se em ideias erradas a respeito de Deus e Cristo; e quase todos os desentendimentos acerca da salvação vêm de figuras imprecisas do relacionamento entre o Pai e o Filho.

A ideia de substituição repousa na identidade do substituto. Todos sabem que Cristo foi o substituto, porém, precisamos entender corretamente quem é o Cristo que morreu na cruz.

Um Jesus independente

Os incrédulos acham que a pessoa que morreu na cruz era simplesmente um ser humano. Embora a maioria dos cristãos rejeite essa ideia, pelos motivos que descrevemos no volume *Conhecendo o Filho*, muitos crentes acham que o Filho era um indivíduo um tanto separado de Deus – um terceiro, independente, no ato da salvação.

Isso quer dizer que eles apresentam a cruz como Jesus tentando pacificar um Deus irado e obter uma salvação ressentida, ou como um Deus injusto que mata o Jesus inocente no lugar dos verdadeiros culpados.

No volume *Conhecendo o Pai*, nós definimos que isso é um engano grave acerca do Pai. Ele não está relutante com o próprio sofrimento ou em perdoar a humanidade, e não é um tirano frio, cujo ódio precisa ser aplacado e cuja antipatia à humanidade precisa ser vencida por alguém que não seja Ele mesmo, por algum terceiro.

Essa abordagem de um ‘terceiro’ coloca o Filho contra o Pai, entretanto, nunca houve qualquer desacordo ou conflito entre Eles. O que quer que tenha acontecido na cruz, foi desejado e aceito igualmente por ambos.

A segunda frase de Isaías 53:10 é particularmente difícil de traduzir. Em hebraico não está claro quem faz a oferta: A frase poderia significar ‘embora Deus ofereça o Seu servo como uma oferta’ ou ‘embora o servo ofereça a si mesmo como uma oferta’.

À primeira vista, o Novo Testamento parece igualmente ambíguo. Passagens como Marcos 14:27; João 3:16; Romanos 3:25; 4:25; 8:3, 32 e 2Coríntios 5:21 enfatizam que o Pai sacrificou o Filho. Ao passo que Mateus 20:28; Gálatas 2:20; Efésios 5:2, 25; 1Timóteo2:6; Tito 2:14; Hebreus 9:14 e 26 enfatizam que o Filho sacrificou a Si mesmo.

Mais uma vez, a verdade é *paralela e inter-relacionada*. O Pai deu o Filho e o Filho deu a Si mesmo espontaneamente. O Pai sacrificou Seu Filho e Este sacrificou voluntariamente a Si mesmo. O Pai não fez o Filho suportar uma aflição que não estivesse disposto a suportar, e o Filho não surpreendeu o Pai com Sua ação altruísta. Gálatas 1:4 e João 10:17,18 expressam esse paradoxo de maneira muito clara.

Em certo aspecto, a história de Abraão e Isaque no monte Moriá é uma prefiguração evidente, pois ali vemos o Pai pronto para sacrificar o Seu único filho da promessa, e o filho preparado para ser a vítima espontânea. Em outro aspecto, porém, é

uma figura completamente inadequada, porque Abraão e Isaque são seres independentes e separados.

Vimos em toda esta série *A Espada do Espírito* que Deus não é dividido em três. Ele é um, porém, mais que um. O Pai, o Filho e o Espírito não são três indivíduos distintos; Eles são três autodistinções em um ser que revelam Sua unidade em uma diversidade tripla de 'unipessoas', características e funções.

Se não entendermos corretamente essa unidade totalmente divina, é provável que caiamos em erro toda vez que pensarmos na cruz. Se pensarmos no Pai e no Filho como indivíduos separados, inevitavelmente nós reproduziremos o Calvário como Deus punindo um Jesus (abuso cósmico de criança) inocente ou como Jesus aplacando um Deus irado (como no paganismo).

Porém, 2Coríntios 5:18,19 deixa claro que o sacrifício não foi feito apenas por Cristo, ou apenas por Deus, mas por Deus agindo em Cristo e por meio Dele, com o Seu pleno acordo. Eles trabalharam juntos em harmonia. Suas funções talvez fossem diferentes, mas a vontade Deles era uma só. Eles eram codependentes e não independentes.

O próprio Deus

A unidade essencial de Deus tem levado algumas pessoas (geralmente chamadas de 'unitarianas') a crer que Ele somente era o substituto, que Ele tomou o nosso lugar e morreu por nós.

Elas afirmam que 1Coríntios 2:8 mostra que foi o Senhor da Glória que foi crucificado; Apocalipse revela que o Cordeiro que morreu está no centro do trono de Deus; Hebreus 9:17 ensina que podemos nos beneficiar das promessas em um testamento somente depois de o testador morrer; e Atos 20:28 anuncia que Deus comprou a igreja com o Seu próprio sangue.

O argumento delas falha, contudo, no sentido de que nenhum versículo declara especificamente que o próprio Deus morreu na cruz, e na percepção de que a imortalidade de Deus significa que Ele não poderia ter morrido.

O bom senso deveria ser suficiente para convencer de que Deus simplesmente teve de se tornar humano (sem deixar de

ser Deus ou se tornar independente de Deus) se quisesse morrer como nosso substituto e ao mesmo tempo ser tanto Juiz como Vítima inocente. Hebreus 2:14–18 e Filipenses 2:6–8 declaram isso com uma clareza peculiar.

Observamos no volume *Conhecendo o Pai* que o Novo Testamento normalmente se refere à ‘primeira unipessoa de Deus, o Pai’ quando menciona Deus. Essa é outra razão por que pode ser errado sugerir que ‘Deus’ morreu na cruz – pois foi o Filho plenamente humano, plenamente divino que morreu e não o Pai plenamente divino.

Se nós enfatizarmos demais os sofrimentos de Deus na cruz, corremos o risco de confundir as ‘unipessoas’ da Trindade, de negar a distinção eterna do Filho e de negar a humanidade plena de Jesus.

Passagens como Romanos 5:12–19; Gálatas 4:4; Filipenses 2:7–8 e Hebreus 5:8 enfatizam a ‘unidade e a distinção funcional’ em Deus, destacando a submissão espontânea do Filho ao Pai. Como vemos no volume *Conhecendo o Filho*, essa é a essência da adoção de Jesus.

Deus em Cristo

O substituto que tomou o nosso lugar ofereceu a nossa confissão completa, carregou sobre Si a dor de todo o nosso pecado, e suportou a penalidade incorrida por toda a nossa desobediência rebelde não foi somente Cristo (já que isso o faria um terceiro externo) ou somente Deus (porque isso negaria a encarnação).

Em vez disso, o Substituto na cruz foi Deus em Cristo, plenamente humano e plenamente divino, exclusivamente capacitado a representar Deus e também a humanidade, e fazer mediação entre ambos.

Toda vez que pensamos na cruz em termos de Cristo sofrendo e morrendo, ignoramos a iniciativa afável do Pai. Porém, quando pensamos nela em termos de Deus sofrendo e morrendo, ignoramos a mediação misericordiosa do Filho.

Contrariamente a esses enfoques parciais, o Novo Testamento enfatiza com frequência que o Pai agiu na salvação ‘em e

por meio de Cristo, mediante acordo ardoroso por parte Deste'. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 1:1–23; Marcos 14:36; Lucas 2:11; João 4:34; 6:38,39; 8:29; 10:18, 30; 14:11; 15:10; 17:4, 21–23; 19:30; 2Coríntios 5:17–19; Colossenses 1:19,20; 2:9 e Hebreus 10:7.

Teria de ser evidente que somente um humano deveria fazer expiação pelos pecados da humanidade (porque foram homens e mulheres que pecaram), e que somente Deus *poderia* fazer a expiação necessária (já que é Ele que a exigiu justamente e os humanos não *poderiam* oferecê-la por si mesmos).

Jesus Cristo, portanto, é o único substituto possível, porque Ele é a única pessoa em quem se unem o deveria e o poderia em função de Sua natureza plenamente humana e plenamente divina.

A cruz

Essas ideias de 'unidade divina' e 'Deus em Cristo' significam, primeiramente, que há somente dois participantes no drama da cruz, não três: a Humanidade e Deus; e, segundo, que é tudo por causa da graça.

Ao dar o Seu filho, Deus Se deu afavelmente a nós. Ao enviar o Filho, Ele mesmo veio afavelmente por nós. Pela graça, o Juiz interveio e suportou Ele mesmo a penalidade que havia imposto a nós, a fim de salvar a humanidade pecadora de uma maneira que fosse plenamente coerente com a Sua natureza santa, 'Deus em Cristo' substituiu Ele próprio por nós, de maneira afável.

Tudo que analisamos nas Partes Dois e Três deveria nos convencer de que a 'autocoerência divina por meio da substituição divina' é a única explicação possível da cruz. Antes de partirmos para a análise do que ocorreu na cruz, e suas consequências e implicações a nós, precisamos ter certeza absoluta do que é e o que não é a cruz.

Por exemplo, a cruz não foi:

- Uma barganha com o diabo
- Um requisito de algum código de lei ou honra
- A punição de um Jesus inocente por um Pai cruel

- Um meio de extrair salvação de um Pai malvado
- Uma ação do Pai que ignorou a mediação de Cristo

Ao invés disso, o Deus justo e amoroso humilhou a Si mesmo para se tornar – em e por meio de Seu único Filho – carne humana, e para suportar e aceitar as consequências terríveis do pecado humano. Ele fez isso afavelmente, a fim de que pudesse nos salvar sem flexibilizar Seu caráter divino e santo.

A substituição está, em muitos aspectos, tanto no centro do pecado como da salvação. Podemos dizer que a essência do pecado é a humanidade substituindo si mesma por Deus, enquanto a essência da salvação é Deus substituindo Ele próprio pela humanidade.

Por meio de nosso pecado rebelde, colocamo-nos onde somente Deus deveria estar; e por Sua imensa graça, Deus Se coloca onde somente nós deveríamos estar. Verdadeiramente, a nossa salvação é pela graça.

Parte Quatro

Alianças de Graça

Durante a ‘Última Ceia’, quando havia se reunido com os Seus apóstolos para comer a refeição de Páscoa, Jesus tomou um pão, deu graças, partiu-o e passou aos outros com as palavras registradas em Mateus 26:26–28; Marcos 14:22–24; Lucas 22:17–19 e 1Coríntios 11:23–25.

Do mesmo modo, depois da refeição, Jesus tomou um cálice de vinho, deu graças, passou-o aos demais e disse: ‘Este cálice é a nova aliança em meu sangue’, e, ‘Este é o meu sangue da nova aliança, que é derramado por muitos para perdão de pecados’.

No volume *Glória na Igreja* nós analisamos a refeição da comunhão instituída por Jesus e estudamos as suas raízes na celebração de Páscoa da família. Entretanto, aqui precisamos entender a afirmação importante de Jesus de que, pelo derramamento de Seu sangue na morte, Deus estava tomando a iniciativa de estabelecer uma ‘nova aliança’ ou um ‘novo acordo vinculativo’ com o Seu povo, o qual prometia perdão.

Também é importante analisarmos a palavra ‘aliança’. Essa palavra se refere a um acordo ou contrato entre duas partes. A palavra hebraica é *berit*, provavelmente originada da palavra acadiana *biritu*, que significa ‘afivelar ou vincular’, que agrega a nuance de um ‘acordo vinculativo’ entre duas partes. Os estudiosos geralmente distinguem entre dois tipos de alianças: *incondicional* e *condicional* (ou *unilateral* e *bilateral*). Uma aliança unilateral é a que tem *um único lado*, em que Deus obriga a Si mesmo, e não a outra parte. É diferente de uma aliança de *dois*

lados ou bilateral, que seria nula e sem efeito se uma das partes contratadas fracassasse em satisfazer as condições específicas.

O conceito de aliança é de fundamental importância tanto para o Novo como o Antigo Testamentos. Já observamos que Deus estabeleceu uma ‘nova aliança’ por intermédio de Jesus na cruz. Se quisermos entender essa nova aliança com precisão, contudo, precisamos analisar as ‘antigas alianças’ que precederam e prefiguraram a morte de Jesus na cruz.

Antigas alianças

Gênesis 6:18 registra a primeira menção explícita de uma aliança e instituiu muitos dos princípios bíblicos mais importantes sobre este tema. Deus tomou a iniciativa e fez com Noé um acordo vinculativo, que prometia salvação pela graça. Não foi um contrato entre Deus e Noé que beneficiou as duas partes, foi tudo graça, tudo Deus, tudo para o benefício e salvação da família de Noé em uma hora de julgamento.

Deus simplesmente anunciou a Noé que estabeleceria Sua aliança com ele. Era uma aliança de Deus; Ele a estabeleceu unilateral e incondicionalmente; era uma dispensação soberana de graça salvadora vinda de Deus e feita por Ele a Noé e sua família.

Embora a aliança fosse graça total, a família de Noé teve de reagir entrando na arca para experimentar os benefícios da salvação por tal aliança. Podemos dizer que a aliança foi graça total, mas que a família de Noé teve de se apropriar da promessa por meio da obediência repleta de fé. Ainda, era salvação pela fé e não por obras. A ação era simplesmente crer em Deus e confiar suas vidas à arca, que era uma figura de Cristo.

A aliança com Noé

Após o Dilúvio ter diminuído, Deus repetiu a Sua aliança com Noé e sua família. Gênesis 9:9–17 descreve o que ocorreu e revela com mais clareza ainda a natureza essencial das alianças de Deus.

Repetindo, não havia ‘acordo bilateral’; era simplesmente graça total, iniciativa e ação vindas somente de Deus e para bene-

fício da família de Noé. Podemos dizer que essa aliança antiga foi:

- Desejada, iniciada e estabelecida inteiramente pelo próprio Deus
- Universal em termos de alcance – ela envolveu não apenas Noé, mas também os seus descendentes e todo ser vivente na terra – isso prova que a oferta da graça não é dependente de uma resposta favorável da parte dos beneficiários
- Incondicional – não havia pré-condições ou requisitos – na realidade, não havia nem mesmo obrigações existentes, o que mostra que era impossível a aliança ser quebrada
- Acompanhada por um sinal de confirmação – o arco-íris não podia ser controlado ou manipulado pela humanidade, e era a garantia da fidelidade de Deus
- Eterno – nunca há qualquer incerteza acerca de uma promessa incondicional

A aliança com Abraão

Deus falou com Abraão em Gênesis 12:1–3, e este respondeu em fé deixando Harã rumo a Canaã.

Muitos anos mais tarde, Deus confirmou a Sua palavra a Abraão, em Gênesis 15:1. Porém, dessa vez, em Gênesis 15:2,3, Abraão questionou Deus acerca da maneira que a promessa seria cumprida. Deus respondeu a Abraão nos versículos 4 e 5, e – olhando as estrelas no céu – Abraão ‘viu’ a promessa de Deus para ele e creu. Este é o protótipo para toda ‘justificação somente pela fé’.

O versículo 6 relata que Abraão pôs a sua fé em Deus e que isso lhe foi imputado como justiça. Mesmo assim, Abraão queria ter 100% de certeza de que a promessa de Deus seria cumprida, e – no versículo 8 – ele pediu uma garantia, um sinal que lhe confirmaria a Palavra de Deus. Na realidade, Ele estava pedindo que Deus celebrasse um acordo vinculativo com ele.

Deus respondeu ao afirmar a aliança que está descrita nos versículos 9 a 21. Essa aliança é semelhante aos antigos rituais de compromisso descritos em Jeremias 34:18: nesses rituais,

as duas partes contratantes passavam por entre as porções dos animais sacrificados e traziam para si o destino da vítima sacrificial caso quebrassem o acordo.

Entretanto, nesse caso, somente Deus passou entre as porções do animal para mostrar que as Suas alianças são sempre pactos unilaterais: São, exclusiva e inteiramente, iniciativas de graça total. A chama na história é o próprio Javé, como em Êxodo 3:2; 13:21 e 19:18. A escuridão e duração de tempo prefiguram o Calvário quando Deus faria uma aliança semelhante, porém infinitamente maior por meio do sangue derramado e do corpo quebrado de Jesus.

Nessa aliança de sangue com Abraão, Deus estava dizendo: 'Que Eu seja como essas partes quebradas de animais se Eu deixar de cumprir minha palavra a você'. A aliança antecipou – preparou o caminho para – o juramento que Deus fez em Gênesis 22:16,17 no cumprimento da fé que Abraão tinha.

Essa aliança antiga nos ajuda a entender que o sangue de Cristo na cruz é a garantia solene de Deus de que Ele manterá a Sua nova promessa de aliança de perdão a nós.

O sangue é a garantia de fé dada por Deus, a garantia que precisamos por causa da nossa incapacidade de manter a aliança e nossa dependência total do perdão de Deus. Também deveríamos ser capazes de perceber como o sangue antecipa o juramento de Deus a nós, Seu 'arco-íris' em nossas vidas – que, na nova aliança, é a promessa do Seu Espírito.

A aliança com Israel

Algumas tradições eclesiásticas defendem que essa aliança é muito diferente das outras, e que é uma aliança de 'obras' em vez de 'graça'. Porém, passagens como Êxodo 2:24; 3:16; 6:4–8; Salmo 105:8–12, 42–45 e 106:45 mostram que todas as tratativas de Deus com Israel baseavam-se na promessa de Seu acordo vinculativo com Abraão.

Assim como as alianças de Deus com Noé e Abraão foram declaradas em várias etapas, também Ele fez aliança com o Seu povo, por meio de Moisés, em várias etapas. Os detalhes das fa-

ses podem ser distintos, mas os princípios de graça e promessa estão em todos eles.

Devemos entender que:

- A aliança de Deus em Êxodo 19:5; 24:1–18; 34:1–35 e Deuteronômio 29:1–29 foi feita com um povo que já havia sido escolhido, redimido, criado e adotado pela soberana graça de Deus.

Vemos isso em Êxodo 2:25; 4:22,23; 6:6–8; 15:13; 20:2; Deuteronômio 4:37; 7:6–8; 8:5, 17–18; 9:4–6, 26; 13:5; 14:1–2; 21:8; 32:6; 1Crônicas 29:10; Isaías 63:16; 64:8; Jeremias 3:19; 31:9; Oseias 9:1; 13:5; Amós 3:2; Malaquias 1:6 e 2:10.

- O mesmo relacionamento espiritual que estava no centro das alianças com Noé e Abraão também estava no centro da aliança com Israel – Êxodo 6:7 e Deuteronômio 29:10–13.

- A iniciativa soberana afável de Deus estava na vanguarda da aliança – Êxodo 19:5–8; 24: 3–4 e Deuteronômio 4:13,14.

O acordo de Deus com Israel é chamado muitas vezes de aliança de ‘lei’ ou ‘obras’, porque há muita ênfase bíblica na obediência daquele povo à lei – que era uma adição à promessa básica de Deus a Abraão. O povo de Deus seria abençoado toda vez que obedecesse a lei e amaldiçoado toda vez que a desobedecesse.

Essa obrigação de obediência, contudo, era – em princípio – semelhante às obrigações que Deus dera em Gênesis 6:18–22; 17:9–14 e 18:18,19. E nenhuma das obrigações era pré-condição de suas respectivas alianças, era simplesmente meio de se apropriar e desfrutar as bênçãos da aliança.

Pela graça, as alianças sucessivas de Deus criaram a possibilidade de Seu povo viver em um relacionamento de aliança com Ele. Visto que Deus é santo, aqueles que entram num relacionamento com Ele são chamados a viver com e em Sua santidade. Vemos isso em Deuteronômio 6:4–15; Levítico 11:44,45; 19:2; 20:7, 26; 21:8 – e em 1Pedro 1:15 e Hebreus 12:14.

Alguns crentes interpretam Êxodo 19:5,6 e 24:7,8 como se

a aliança com Israel não tivesse começado até que as pessoas tivessem prometido obedecer à Lei. Porém, a Lei foi meramente uma adição a essa aliança preexistente, que começara lá atrás com Abraão. E, ainda assim, a ‘promessa’ é contrastada com ‘a lei’ em Romanos 4.

As pessoas sabiam que Deus era um Deus que cumpre promessa, porque Ele as havia libertado do Egito. Elas sabiam que a aliança ainda estava em operação; que a graça fora dada e recebida; que o acordo entre Deus e os filhos de Abraão já existia. Agora, porém, a Lei estava sendo adicionada à aliança.

Isso significa que a promessa de obediência dos judeus em Êxodo 24:7 não era o ingresso deles na aliança, era o compromisso que tinham de viver na aliança pela Lei. Era a resposta deles à graça de Deus.

Ao longo desta série *A Espada do Espírito*, enfatizamos que como crentes na nova aliança, somos chamados à ‘obediência evangélica’ – uma obediência capacitada e específica ao governo pessoal de Deus’. Embora o tipo de obediência na nova aliança seja maravilhosamente diferente da ‘obediência legal’ da antiga aliança, temos de perceber que a obrigação da obediência na nova aliança é, em princípio, a mesma obrigação que aparece em todas as alianças de Deus.

Como vemos nas Partes Cinco a Oito, embora cada aspecto da nova aliança seja um fato consolidado, nós não desfrutamos as bênçãos totais da aliança *na terra* sem perseverança e obediência amorosa.

A aliança messiânica

Embora a palavra ‘aliança’ não seja usada em 2 Samuel 7:12–17, é evidente, a partir de passagens como Salmo 89:3,4, 26–37 e 132:11–18, que se trata do acordo vinculativo de Deus com Davi.

Mais uma vez, está claro que se trata inteiramente de uma obra de graça, que obriga Deus à Sua promessa unilateral e garante a promessa aos beneficiários. Vemos isso, por exemplo, em Salmo 89:3 e 2Samuel 23:5.

Essa manifestação ‘final’ de uma aliança antiga é a prefiguração mais clara da nova aliança em Jesus e por intermédio Dele, pois aponta simplesmente para o Messias. Vemos isso em Isaías 42:1–6; 49:8; 55:3,4; Malaquias 3:1; Lucas 1:32,33 e Atos 2:30–36.

As passagens de Isaías revelam que ‘o Servo’ (o qual analisamos na Parte Três) é Ele próprio ‘a aliança’, porque as bênçãos e provisões da aliança de Deus com o Seu povo estão tão vinculadas ao Messias que Ele é, de fato, a personificação das bênçãos e da presença de Deus que a aliança assegura.

Essa visão bíblica das antigas alianças deveria ser suficiente para nos convencer de que Deus lida com o Seu povo por meio de alianças e:

- Da riqueza da graça de Sua aliança
- Da certeza da provisão de Sua aliança
- Da segurança das promessas de Sua aliança.

A nova aliança

Quando lemos o anúncio de Jesus dizendo que o Seu sangue é o sangue da aliança derramado para o perdão dos pecados, e que o cálice da última ceia é a nova aliança em Seu sangue, podemos entender as Suas palavras corretamente somente no contexto das alianças bíblicas.

Sem ler uma página do Novo Testamento, podemos deduzir que a nova aliança será um ato de graça total, que proverá bênçãos significativas, garantirá promessas importantes, estabelecerá um relacionamento santo com Deus e o Seu povo, e demandará alguma forma de obediência. Isso já está predito no Antigo Testamento, em Jeremias 31, por exemplo.

O Novo Testamento ensina que a nova aliança cumpriu as antigas e as realizou. A graça que foi parcialmente revelada nas antigas alianças foi plenamente revelada e concedida. O relacionamento parcialmente desfrutado nas alianças antigas foi trazido ao máximo grau de intimidade possível. As bênçãos das antigas alianças foram desenvolvidas, incrementadas, intensificadas, suplementadas, aperfeiçoadas etc.

Podemos ver isso em Gálatas 3:15–22, onde o apóstolo Paulo enfatiza que a aliança com Israel não cancelou a aliança com Abraão. Ele explica que a última aliança foi uma adição, não uma suspensão, que atendia à promessa básica de aliança de relacionamento; e mostra que as duas baseavam-se nos mesmos princípios básicos de promessa de graça e de fé humana.

Visto que as últimas alianças complementam as primeiras, Gálatas 3:15,16 apresenta Cristo como o cumprimento da promessa da aliança feita a Abraão. Lucas 1:72 também relata a profecia de Zacarias de que a obra redentora de Jesus cumpriria a aliança de Deus com Abraão.

Embora saibamos que a nova aliança se refere principalmente ao novo relacionamento estabelecido por meio do corpo de Jesus quebrado na cruz, podemos estar certos de que ela também engloba toda a graça salvadora, bênção, verdade e promessas de todas as antigas alianças.

De fato, há tanto continuidade como descontinuidade entre a nova e a antiga aliança. As antigas alianças tinham uma ênfase externa e apenas poucas pessoas, relativamente, conheciam Deus de modo pessoal e íntimo pelo Espírito Santo. A ênfase da nova aliança, contudo, é interna e agora há possibilidade de que todos conheçam Deus – Jeremias 31:34 e Hebreus 8:11. Assim, a nova suplanta a antiga – traz uma dinâmica totalmente nova ao nosso relacionamento com Deus. Porém, a nova também cumpre a antiga.

O texto de 2Coríntios 3:6–18 descreve alguns dos benefícios novos da nova aliança: Ela ministra justiça, liberdade e o Espírito de vida; e ela inicia o processo pelo qual (por obediência evangélica) somos transformados na imagem santa de Deus pelo Espírito Santo do Senhor.

Vimos que as alianças de Deus com o Seu povo são sempre unilaterais, acordos vinculativos de graça e promessa, e que elas são sempre firmadas no e com referência ao contexto de salvação e redenção.

Desde o tempo de Noé até hoje, a graça salvadora de Deus

e certas bênçãos sempre foram dadas em forma de alianças. Cada aliança sucessiva desvendou mais acerca da vontade e propósitos redentores de Deus, contudo, nenhuma se desviou das características centrais e principais de todas as alianças.

Cada aliança sucessiva sempre foi um enriquecimento extra daquilo que sempre esteve presente.

Sabemos que o Calvário é o clímax da graça, promessa, redenção, revelação e relacionamento; mas não devemos esquecer de que a promessa de aliança eterna, 'Eu serei seu Deus e vocês serão o meu povo', está no centro da cruz. A nova aliança por meio do sangue de Cristo traz esse relacionamento ao nível mais elevado possível. Em outras palavras, nunca pode haver uma promessa maior ou um relacionamento mais íntimo do que o que foi graciosamente oferecido pela nova aliança.

Alianças de sangue

Vimos que o Novo Testamento, especialmente Gálatas 3, remete à aliança de Deus com Abraão como a base da fé cristã, e que estabelece a nova aliança do sangue com base na aliança abraâmica de graça, promessa e fé.

A aliança de Deus com Abraão, em Gênesis 15:17,18, ampliou a graça já revelada na aliança com Noé. Deus não fez exigências e Abraão não ofereceu promessas. Essas vêm mais tarde, em Gênesis 17:1 e 22:12, quando Deus chamou Abraão a um relacionamento mais íntimo e um estilo de vida mais santo, mas a aliança de sangue em si foi uma ocasião de pura graça.

Os lapsos de Abraão não foram mencionados e não atrapalharam a aliança. A aliança foi feita depois de Abraão ter mostrado fé e antes de sua obediência ser solicitada, testada e confirmada. Seguiu-se exatamente o mesmo princípio de 'graça total' na aliança de sangue no Calvário.

Ao descrevem a cruz em termos de uma nova aliança, Coríntios 11:25 e Hebreus 8:6–10 querem dizer que 'o sangue' é o penhor de Deus para a humanidade. Deus jamais quebrara a promessa de Gênesis 15, mesmo assim, Ele deixou acontecer consigo mesmo, no Calvário, o que acontecia aos animais.

Na cruz não havia solicitação de obediência, somente uma oferta de perdão. Nossos lapsos e dúvida não atrapalharam a aliança, pois foi outra ocasião de pura graça total.

Desde a nova aliança na cruz não há nada mais que Deus possa fazer. Ele fez a Sua promessa incondicional, eterna, e o sangue testemunha a sinceridade total e a fidelidade de Deus. O sangue agora obriga Deus a manter a Sua palavra por toda a eternidade.

O sangue de Cristo

Alguns setores da igreja focam o sangue de Cristo e usam muito termos como, 'lavado no sangue', 'coberto pelo sangue', 'prometido pelo sangue' e 'garantido pelo sangue'.

Muitos crentes usam 'o sangue' como resumo para a morte totalmente sacrificial de Jesus, mas literalmente se refere ao sangue que foi derramado por Jesus na cruz. Jamais devemos nos afastar dessa visão literal do sangue, mas também podemos dizer que 'o sangue' representa a totalidade da morte de Cristo, e é o penhor de Deus à nova aliança.

A carta de Paulo aos Romanos contém a explicação bíblica mais clara e detalhada acerca da salvação. Paulo usa muitas descrições verbais contemporâneas como 'justificação', 'redenção' e 'propiciação' para descrever os resultados da morte de Cristo – e analisamos esse aspecto na Parte Cinco.

Paulo inicia com o seu importante tema da justificação pela fé, explica que Cristo morreu em nosso lugar, e em seguida mostra que o grande propósito disso foi que pudéssemos ser reconciliados com Deus.

Como vemos no volume *Alcançando o Perdido*, reconciliação não é um aspecto da salvação, é o grande propósito prioritário da salvação. Somos redimidos, justificados e perdoados, a fim de que possamos ser reconciliados com Deus. E é o sangue de Jesus, derramado em Sua morte substitutiva repleta de fé, que tanto realiza como evidencia a nossa reconciliação.

O Novo Testamento ensina que o sangue de Jesus executou o que os sacrifícios rituais do Antigo Testamento puderam apenas

simbolizar e as antigas alianças puderam somente prefigurar – perdão eterno do pecado.

Sangue sacrificial

Vimos que na Páscoa, o sangue de um animal sacrificial – poderia ser um cordeiro ou cabrito – era aspergido, em fé, nos umbrais das portas das casas dos judeus como um sinal de que eles eram o povo da aliança de Deus.

Ao ver o sangue, Deus passava por cima da casa e não destruía o primogênito quando a Sua ira visitava o Egito. É por isso que Jesus é chamado de o ‘O cordeiro de Páscoa’, pois é por meio de nossa fé em Seu sangue da aliança que Deus passa sobre nós e não nos pune por nosso pecado.

Também vimos que, no Dia da Expição, foi sacrificado um novilho pelo pecado do sumo sacerdote e sua família, e dois bodes pela culpa do povo. O sangue do novilho e do bode foi então aspergido pelo sumo sacerdote sobre a face do propiciatório, perante este e no altar, como um ato de expiação pelas imundícias e rebelião dos israelitas. Hebreus 9:12 descreve o momento em que Jesus Cristo, nosso grande Sumo sacerdote, entrou no céu com o Seu sangue, tendo garantido salvação eterna a nós.

A morte de Jesus é reconhecida em todo o Novo Testamento essencialmente como um sacrifício pelo pecado humano. Vemos isso, por exemplo, in 1Coríntios 5:7; 2Coríntios 5:14; Gálatas 2:20; Efésios 5:2; Hebreus 5–10; 1Pedro 3:18 e 1João 2:2.

Isso quer dizer que o sangue é a evidência e garantia da morte de sacrifício, e do penhor da aliança de Deus. O Novo Testamento identifica dez maneiras em que ‘o sangue’ nos assegura da nova aliança de Deus conosco. Podemos dizer com confiança que o sangue nos garante:

- Perdão – Efésios 1:7
- Purificação – 1João 1:7
- Justiça – Romanos 5:9
- Redenção – Efésios 1:7
- Santificação – Hebreus 10:10 e 13:12
- Compra – 1Coríntios 6:19–20

- Livramento da maldição da Lei – Gálatas 3:13
- Herança Prometida – Hebreus 9:15–18
- Liberdade das escravidões herdadas – 1Pedro 1:18,19
- Vitória sobre Satanás – Colossenses 2:15; Hebreus 2:14 e João 12:31–33

Todas as promessas dessa aliança estão resumidas e implícitas na frase ‘o sangue de Cristo’. Seu sangue é a garantia visível de todas essas conquistas. Isso quer dizer que devemos crer em um Deus de sacrifício de sangue e de alianças de sangue; e que devemos considerar ‘o sangue’ não apenas como essencial à Bíblia, mas como o centro do caráter de aliança que Deus tem.

Vemos isso em Romanos 3:24–26 e 5:8, e podemos dizer que ‘o sangue’ é a garantia suprema da natureza divina de ‘graça total’ e da fé em Deus que Se revelou como infinitamente afável por meio de Seu sangue.

Um sinal de amor

O Novo Testamento sempre define amor em termos do sacrifício de Deus na cruz, por exemplo, Romanos 5:8; 1João 3:15–20 e 4:7–21.

Na cruz, Deus entregou tudo por causa de Seu amor por aqueles que não merecem nada, exceto a justa condenação. O Pai deu o Filho por aqueles que preferem adorar outros deuses; o Filho deu a Si mesmo por aqueles que O ignoram persistentemente; e os dois abriram mão de Seu relacionamento mútuo por causa de Seu amor inimaginável por todos nós.

Desde o sacrifício de sangue no Calvário, ninguém pode olhar para uma cruz e questionar o amor de Deus – porque nada revela o Seu amor com mais clareza do que ‘o sangue’. Em outras palavras, o sangue prova por toda a eternidade que Deus nos ama, e nos abraçou como o povo da Sua aliança.

Isso significa que podemos dizer que o sangue de Cristo é a segurança de:

- Quem Deus é
- O que Ele fez por nós na salvação
- Todas as bênçãos da aliança

Um símbolo de garantia

Vemos no volume *Fé Viva* que recebemos garantia dobrada de nossa fé: A Palavra de Deus e o sangue da nova aliança. E observamos aqui que todas as promessas da aliança são garantidas pelo sangue da nova aliança.

Isso quer dizer que as promessas de Deus a nós agora são preservadas em uma aliança que foi tanto feita no sangue de Jesus' como neste sangue executada. Vemos isso em Hebreus 9:20 e Romanos 8:32. (O contexto dessas duas passagens nos ajuda a perceber que o sangue também trata das consequências de nosso fracasso e nos coloca em uma posição vitoriosa sobre o nosso inimigo). Nós analisamos esse assunto na Parte Sete.

Hebreus 9:27,28 deixa claro que o sangue de Cristo lida integralmente com todas as coisas – todo o nosso pecado, culpa, dúvidas, fraquezas e falhas. A primeira vinda de Cristo teve relação direta com o pecado, como vemos em Romanos 8:3 e 2Coríntios 5:21, mas a Sua segunda vinda não terá ligação com ele porque a redenção, pelo sangue, já foi realizada. Como Jesus disse na cruz, está realmente 'consumado'. Essa é a nossa segurança em Cristo.

Romanos 8:34–39, talvez o ponto alto do Novo Testamento, mostra que o sangue, a morte de Cristo, garante que estamos em uma posição de triunfo sobre a morte e os demônios, sobre o presente e o futuro, sobre todas as potestades celestiais. Isso significa que o sangue da aliança de Cristo garante o nosso relacionamento de aliança: Nada jamais pode nos separar do amor de Deus, o qual conhecemos em Cristo Jesus. Esse é o relacionamento insuperável da nova aliança que é nossa pela graça.

O sangue da aliança de Cristo é a garantia final da fé. É a garantia suprema de que *Javé* é quem é, que Ele se tornou na cruz o que precisamos, a fim de satisfazer Sua autocoerência e nos reconciliar com Ele por toda a eternidade.

Uma vez que aprendemos que nosso pecado foi tratado pelo sangue, que nossa consciência foi lavada pelo sangue,

e que nossa culpa foi removida pelo sangue, estamos eternamente seguros – pois essa aliança jamais pode ser quebrada. A única ‘condição’ é a de que simplesmente acreditemos – de que coloquemos a nossa confiança naquele sangue.

Parte Cinco

Salvação e Expição

Vimos que o Novo e Antigo Testamentos se alinham no registro comum que fazem da iniciativa de graça total de Deus em salvar um povo para Si mesmo, de acordo com Suas alianças inquebráveis. Os três grandes temas bíblicos: 'o povo de Deus', 'a salvação de Deus' e a vitória de Deus' são tecidos de Gênesis a Apocalipse.

Nos dois Testamentos, a salvação:

- É iniciada e realizada somente pela graça de Deus
- É recebida pela fé
- Opera objetivamente dentro da História e das vidas humanas
- Tem preço alto para Deus
- Envolve o resgate dos inimigos
- Traz plenitude ao corpo e ao Espírito
- Produz triunfo espiritual
- Revela o amor de Deus
- Vindica fé humana.

Porém, os dois Testamentos não são o mesmo, pois o Antigo está sempre olhando para a frente, sempre preparando o caminho para o Novo. Ele olha para Deus para recriar no futuro os Seus grandes atos de julgamento e graça do passado.

Por exemplo, o Antigo olha para a frente, para um Davi, Moisés, Elias e Melquisedeque mais gloriosos, para um êxodo cujo livramento seria ainda maior, para uma Páscoa ainda mais incrível, para um templo melhor, para uma nova criação, para uma aliança suprema, e assim por diante. E o que o Antigo esperava, o Novo declara ter sido cumprido em Cristo.

A salvação no Novo Testamento

A maior parte do ensinamento neotestamentário a respeito de salvação bate com a visão do Antigo Testamento; as diferenças surgem somente onde as ideias são aprofundadas, internalizadas, espiritualizadas, e personalizadas na morte sacrificial de Jesus. De fato, podemos dizer que o Novo Testamento amplia a experiência de salvação do Antigo Testamento sem contradizê-la.

Uma diferença entre os Testamentos é o ensinamento encontrado no Novo de que o inimigo do qual somos salvos é mais espiritual do que físico. E nem somos mais salvos de nações pagãs, agora somos salvos da era antiga (pecado, lei, doença, ira e morte), a *antiga condição* (conformidade com um mundo sem Deus), os antigos *temores* (desespero, depressão e medo), os antigos *hábitos* (aceitação do padrão do mundanismo pecaminoso), e o *velho inimigo* (o próprio Satanás).

Porém, a diferença mais importante é que o Novo Testamento reúne todos os aspectos da salvação em um evento único que muda o mundo – a morte substitutiva de Jesus Cristo na cruz do Calvário.

Embora, em muitos aspectos, a cruz seja simplesmente a consequência natural e a consumação de todas as tratativas de Deus em graça e julgamento desde o Éden, é quase impossível exagerar a grandeza das mudanças que ela realizou – tanto a favor de Deus como ao nosso, especialmente em nosso relacionamento com Ele. De fato, podemos dizer que uma era totalmente nova teve início quando Cristo morreu e foi ressuscitado dos mortos.

O versículo 2 de 2Coríntios 6 descreve essa nova era como ‘o dia da salvação’, e que as magníficas bênçãos de aliança dessa grande salvação são tão diversas que não podem ser definidas de forma precisa.

No volume *Glória na Igreja*, vemos que o Novo Testamento usa um conjunto completo de figuras para descrever o mistério da Igreja. Trata-se de imagens ‘paralelas’ ou ‘complementares: Embora seja difícil ver como a Igreja pode ser simultaneamente o corpo de Cristo e a esposa de Cristo, sabemos que as figuras se unem na verdade de que Deus está chamando e reunindo um povo para Si.

Ocorre algo bem semelhante com a salvação. O Novo Testa-

mento utiliza muitas ideias e imagens diferentes acerca desse tema para nos ajudar a entender a plenitude da cruz e a magnitude de suas realizações, e é importante que tentemos entender todas elas e mantê-las juntas.

Respaldando todas as ideias e imagens, porém, está a verdade única de que, em Sua graça, Deus enviou o Seu Filho como o substituto para carregar sobre Si o nosso pecado e morrer nossa morte, a fim de satisfazer a autocoerência de Deus, livrar-nos do pecado e morte e nos reconciliar com Ele mesmo por toda a eternidade.

A missão única de Jesus

No volume *Conhecendo o Filho*, analisamos a missão única de Jesus e aprendemos por que o Pai O enviou ao mundo.

Vemos que Ele foi enviado para destruir o poder do diabo e a morte, pois Satanás tinha assumido a autoridade na terra e o mundo estava sob o seu domínio. Por isso, Jesus veio voluntariamente ao mundo para estabelecer o Reino de Deus, desarmar as potestades malignas das trevas e triunfar sobre elas.

Contudo, Jesus também foi enviado a alcançar o perdido; foi enviado para salvar as pessoas que não tinham poder para salvar a si mesmas. Assim, com um grande sacrifício pessoal, Ele veio para fazer expiação – para ser o substituto para cada membro da humanidade, para levar sobre Si a ira de Deus contra o pecado, reconciliar o homem e a mulher um com o outro e com Deus.

Do mesmo modo, o Pai enviou o Filho para demonstrar uma vida de perfeita submissão e consagração, para ser o padrão e exemplo para pessoas de todas as idades e raças. Logo, em Sua morte diária para Si mesmo e para os desejos da carne, Jesus veio para nos mostrar como devemos viver e morrer.

E Jesus também foi enviado para mostrar ao mundo como Deus é, a fim de revelar e reproduzir a natureza gloriosa do Pai. Por isso, Ele veio como a Palavra viva de Deus, como uma revelação única e total do Deus invisível, para reproduzir a natureza divina na humanidade.

Cada aspecto do ministério de Jesus alcançou o cumprimento no Calvário. Embora fosse um evento simples, que cumpria o

objetivo único da nossa salvação, a cruz foi também um evento complexo, quando a eternidade irrompeu no tempo, quando a necessidade da humanidade, a missão de Cristo e todos os aspectos paralelos inter-relacionados da natureza de Deus foram reunidos.

Quando pregamos o Evangelho, geralmente tentamos explicar por que Jesus morreu e o que aconteceu na cruz. Contudo, é fácil focar apenas um aspecto ou cumprimento de Sua morte e apresentar uma figura incompleta e desequilibrada da salvação. Precisamos trabalhar duro para entender e proclamar a figura completa da salvação em toda a sua glória.

Quando damos uma olhada geral no Novo Testamento, vemos que Jesus morreu por diversas razões paralelas que cumpriam os propósitos complementares de Sua encarnação e missão messiânica. Nosso entendimento da 'salvação' precisa englobar todas essas ao mesmo tempo.

Vitória

Jesus morreu para resgatar a humanidade da garra da morte e de Satanás. Por meio de Sua morte, Ele destruiu aquele que tinha o poder da morte, e libertou os que estavam cativos pelo medo dela. Ele retornou ao mundo em triunfo de ressurreição, e ascendeu ao céu com 'as chaves do inferno e da morte'. Vemos isso em Hebreus 2:14,15 e Apocalipse 1:18.

Jesus morreu e ressuscitou como 'o Vencedor' que destrói a última arma de Satanás, estabelece o Reino de Deus, liberta as pessoas, e cumpre cada aspecto do sacrifício de reparação do Antigo Testamento. Isso é ser salvo de Satanás de modo que possamos viver na vitória e liberdade de Cristo.

Expição

Jesus também morreu para fazer expiação pelo pecado da humanidade. Na cruz, Ele aplacou a ira de Deus e nos livrou do pecado. Ele fez isso aceitando a culpa, suportando a agonia da separação do Pai, levando sobre Si as falhas de muitos, e ganhando a reconciliação eterna.

Por Sua morte, Jesus pagou o preço pelo perdão de Deus, e

cumpriu cada aspecto do sacrifício pelo pecado no Antigo Testamento – e todas as profecias que apontam para a morte substitutiva por parte do Servo de Deus como a única base aceitável pela qual Deus pode satisfazer a Si mesmo e lavar e justificar um pecador. Isso é salvação do pecado e da ira de Deus, de modo que possamos ter a justiça de Cristo e estar diante de Deus.

Revelação

Em Sua morte sacrificial e por meio dela, Jesus revelou de modo supremo a plena glória da natureza santa de Deus – Sua bondade, misericórdia, graça, verdade, paciência, perdão, justiça, paz, autocontrole, gentileza, modéstia, confiabilidade, fé, justiça e amor.

Na cruz, Deus revelou a Sua perfeita justiça pela condenação de todos os pecados e levando sobre Si a justa punição pelo mal, e Ele demonstrou o Seu amor imensurável, inesgotável, inescrutável, autodoador.

Ao mesmo tempo, Jesus também revelou o comportamento humano ideal consolando um criminoso, pedindo que Deus perdoasse àqueles que o torturavam, entregando a Si mesmo nas mãos de Deus, e oferecendo em todo o tempo um exemplo de obediência submissa perfeita. Desse modo, Ele cumpriu todos os detalhes do sacrifício totalmente queimado do Antigo Testamento. Isso é salvação da alienação e isolamento, de modo que possamos viver em comunhão com Deus.

Nova vida

E Jesus também morreu em dor excruciante para lutar e se empenhar pelo nascimento de uma nova criação. Após seis horas infernais de parto espiritual, Ele estava, como o cervo ofegante do Salmo 42:1,2, com o espírito profundamente sedento. Como morreu ‘no parto’, Ele pôde bradar ‘Está consumado; está concluído; Eu o fiz porque, como o Servo em Isaías 53:10, Ele vira a Sua posteridade.

Então, Jesus foi para a cruz para lutar e dar à luz uma nova criação que reproduziria a natureza divina, e para cumprir cada aspecto do sacrifício de comunhão do Antigo Testamento. Isso é

salvação da morte eterna, de modo que possamos viver eternamente com a nova vida de Deus.

Salvação plena

É trágico que toda a Igreja raramente tenha abraçado e proclamado todos os aspectos da salvação, pois todos são bíblicos e todos são graça.

Por exemplo, muitas congregações se concentram no triunfo de Jesus na cruz e enfatizam a Sua autoridade sobre Satanás. Outras focam a expiação de Jesus, e enfatizam o Seu perdão dos pecados. Algumas se concentram na revelação da humanidade ideal de Jesus; e algumas enfatizam a Sua manifestação da glória de Deus.

Nós precisamos, de fato, perceber as ênfases distintivas de outras tradições cristãs, e nos unirmos a elas na adoração e proclamação. Porém, certamente é melhor que cada congregação entenda a plenitude da salvação, a fim de que todos nós entendamos, nos apropriemos, experimentemos e proclamemos a plena glória da cruz que muda o mundo.

Em todo o restante deste livro nós focamos os diferentes aspectos da salvação. O restante deste capítulo analisa a salvação em termos de expiação; na Parte Seis, pensamos nela em termos de revelação; na Parte Sete, em termos de vitória e na Parte Oito, em termos de nova vida.

Expição

A maioria dos termos técnicos teológicos deriva de raízes do latim e do grego. 'Expição' e 'Evangelho' são as únicas palavras importantes que vêm do idioma antigo, do 'Anglo-Saxão'.

Como analisamos em *Alcançando o Perdido*, o significado original da palavra 'Evangelho' é 'Boa Fala', mas passou a ser usada de muitas maneiras diferentes. O mesmo ocorre com 'expição'. Muitos líderes usam a palavra quase que como um sinônimo de perdão, mas está incorreto. 'Expição' tem como base a antiga palavra inglesa 'one' [um], a qual foi ampliada para 'onement' [expição], a fim de significar o que hoje chamaríamos de 'unity' [unidade]. Isso significa que 'unificação' é a palavra

moderna mais próxima do significado original de ‘expição’.

Alguns já sugeriram que a palavra *expição* em inglês, *atonement*, deveria ser pronunciada como ‘at-one-ment’, para que o significado verdadeiro ficasse claro. Isso ajudaria, mas o prefixo ‘at’ não é exatamente uma preposição, ele existe simplesmente por causa de uma mescla medieval da antiga palavra inglesa *onement* com a palavra latina *adunamentum* (que significa ‘em direção à unificação’).

Em outras palavras, *expição* (do inglês ‘atonement’) significa ‘tornar em um’ e se refere ao *processo* completo de trazer os que estão separados para a unificação, para a unidade. Em todo o tema da salvação, o processo de *expição* inclui perdão, propiciação, redenção, justificação, mediação, adoção e reconciliação.

Esses termos técnicos ampliam ou ilustram aspectos do processo de *expição*, mas não são sinônimos para *expição*, nem processos separados.

Vimos que algumas traduções da Bíblia trazem a palavra hebraica *kaphar* como ‘pedir desculpas (do inglês ‘atone’), e que ‘cobrir’ é mais precisa. O Dia da Expição, contudo, deixa bem claro o significado de *expição*, pois envolve todo o processo de salvação – uma confissão completa do pecado; um sacrifício substitutivo que inclui uma morte pelo pecado e o afastamento do pecado (do poder do pecado e da memória do pecado); o ministério de um mediador entre Deus e o Seu povo; e a reconciliação entre Deus e o Seu povo evidenciada pela entrada segura do sumo sacerdote no Santo dos santos. Vemos todo esse processo em Levítico 16:11–15.

Jesus, a *expição*

Hebreus 9:1–10:39 revela que o ritual do Dia da Expição prefigurava claramente a obra de *expição* de Cristo. Por exemplo,

- Jesus é o nosso grande sumo sacerdote, e o Seu sangue sacrificial correspondeu ao sangue de novilhos e bodes. Diferentemente dos sumos sacerdotes do Antigo Testamento, entretanto, o Cristo imaculado não teve de fazer sacrifício por quaisquer pecados que fossem Dele mesmo.

- Do mesmo modo que o sumo sacerdote entrou no Santo dos santos com o sangue de sua vítima sacrificial, assim Jesus entrou no céu com o Seu sangue sacrificial para se apresentar diante do Pai em favor de Seu povo.
- O sumo sacerdote tinha de oferecer sacrifícios pelo pecado anualmente, e essa repetição fazia o povo se lembrar de que a expiação perfeita ainda não fora oferecida. Jesus, porém, por intermédio do próprio sangue, reconciliou-nos eternamente com o Pai.
- As ofertas pelo pecado podiam purificar o pecador apenas de modo cerimonial e externo, não podiam purificá-lo internamente. Por meio de Seu sacrifício melhor, entretanto, Jesus removeu nossa consciência dessas obras mortas.
- O tabernáculo foi projetado para ensinar Israel que o pecado atrapalhava o acesso à presença de Deus. Somente o sumo sacerdote, e somente uma vez ao ano, agarrando-se ao sangue sacrificial, podia entrar no Santo dos santos. Jesus, porém, ‘por meio de um novo e vivo caminho’ entrou no céu. Não precisamos mais estar longe de Deus; ao invés disso, por meio de Cristo, podemos nos aproximar Dele face a face.
- No dia da Expição, a carne do pecado foi queimada fora do arraial de Israel. Jesus também sofreu fora dos portões de Jerusalém para tratar o pecado de Seu povo e uni-lo a Deus.

Descrições verbais

O Novo Testamento utiliza algumas palavras especiais para descrever quatro aspectos do processo de expiação. Muitos crentes acham que são palavras técnicas que se referem a doutrinas distintas; contudo, são apenas metáforas inspiradas que os autores usam para ilustrar partes do processo. Elas são tiradas do dia a dia do mundo neotestamentário.

Temos de entender isso, pois podemos enviesar para a confusão ou erro se formos demais uma metáfora ou imaginarmos que ela seja diretamente análoga.

1. Propiciação

Romanos 3:25; 1João 2:2 e 4:10 utilizam a palavra grega *hilasterion/hilasmos* como uma metáfora para a obra de Cristo, e sua tradução normalmente é 'propiciação'. Essa figura de linguagem foi tirada da vida religiosa grega, e descreve o processo pelo qual seus deuses pagãos eram aplacados ou satisfeitos, e se ganhava o favor.

Propiciação não é, claramente, uma analogia, porque nenhum dos Testamentos apresenta Deus como uma deidade irada, cujos afetos precisam ser comprados, ou que Ele possa ser subornado a mudar de ideia. Em vez disso, propiciação é uma metáfora que aponta para a ira justa de Deus contra o pecado e para a Sua provisão do substituto que voluntariamente 'concluiu' ou 'extinguiu' ou 'satisfez' a ira de Deus.

Na vida grega, as pessoas tinham de apaziguar os seus deuses irados com presentes que estes não faziam nada para suprir. Em Sua graça, porém, o Deus vivo desejou, iniciou, proveu e realizou tudo para nós, de modo que pudesse agir de modo autocoerente e ser amoroso e justo ao mesmo tempo.

Levítico 17:11; Romanos 3:25 e 1João 4:10 enfatizam a graça de Deus no aspecto propiciatório do processo de expiação. Por conseguinte, podemos dizer que Deus, em Sua ira santa, precisava ser propiciado, que em Seu amor santo Ele iniciou a propiciação necessária, e que Deus em Cristo morreu como propiciação por nossos pecados.

É importante perceber que há um debate quanto ao fato de *hilasterion/hilasmos* dever ser traduzido como 'propiciação' ou 'expiação', e, portanto, se a morte expiatória de Jesus deve ser considerada uma 'propiciação' ou 'expiação'. Expiação se refere ao que o sangue de Jesus faz por nós: Ele lava os nossos pecados, expia os nossos erros. Expiação se refere ao que o sangue de Jesus faz por nós: satisfaz a Sua justiça e anula a Sua ira santa. É claro, os dois conceitos são necessários. A morte de Cristo produziu tanto a expiação – ou seja, o nosso pecado foi pago – como a propiciação – ou seja, a ira de Deus contra nós foi evitada.

2. Redenção

A figura de linguagem *apolutrosis* foi tirada da vida empresarial grega, onde descrevia o processo pelo qual os objetos ou propriedade eram comprados por um preço fixo. Também era usada comumente para descrever a compra e/ou libertação de escravos e o 'resgate' de prisioneiros de guerra.

A ideia de redenção é utilizada extensivamente no Antigo Testamento para descrever a compra de propriedade, animais, pessoas e a nação judaica. Vemos isso, por exemplo, em Êxodo 13:13; 30:12–16; 34:20; Levítico 25:25–28; 27; Números 3:40–51; 18:14–17; Rute 3–4; 2Samuel 7:23; Isaías 43:1–4 e Jeremias 32:6–8.

No Antigo Testamento, o pagamento de um preço é sempre a essência de redenção pelos seres humanos. Entretanto, onde Deus é descrito como redentor, o preço sempre se refere ao esforço exorbitante que ele faz: Vemos isso em Êxodo 6:6; Deuteronomio 9:26; Neemias 1:10 e Salmo 77:15.

No Novo Testamento, 'redenção' é uma metáfora que aponta para a *situação difícil* da qual somos redimidos; o preço com o qual somos redimidos; e os *direitos* de propriedade do redentor.

Passagens como Gálatas 3:13; 4:5; Efésios 1:7; Colossenses 1:13,14; Tito 2:14; Hebreus 9:15 e 1Pedro 1:18 descrevem a situação difícil da qual a humanidade foi redimida. Cristo entregou-se para nos redimir de todas as consequências da Queda. Desde o Calvário temos a possibilidade de experimentar a Sua redenção, mas ainda aguardamos pelo grande 'dia da redenção' quando nos tornaremos perfeitos e toda a criação será liberta das cadeias da destruição. Até lá, o Espírito Santo é a garantia e as primícias da nossa redenção final. Vemos isso em Lucas 21:28; Efésios 1:14; 4:30 e Romanos 8:18–23.

O Novo Testamento deixa claro que o próprio Cristo, e mais especificamente o Seu sangue, foi o preço pago (porém a Bíblia nunca força muito a metáfora, a ponto de perguntar a quem o preço foi pago). Vemos o preço em Marcos 10:45; Romanos 3:24,25; Gálatas 3:13; 4:4,5; Efésios 1:7; 1Timóteo 2:5,6; Tito 2:14 e 1Pedro 1:18,19.

As Escrituras também fazem uso da imagem da redenção para enfatizar que o redentor tem *direitos de proprietário* sobre aquilo que ele comprou. O senhorio de Jesus sobre a Igreja e sobre cada cristão é atribuída ao fato de Ele ter nos comprado com o próprio sangue. Nós vemos isso, por exemplo, em Atos 20:28; 1Coríntios 6:18–20; 7:23; 2 Pedro 2:1; Apocalipse 1:5,6; 5:9 e 14:3,4.

3. Justificação

A Terceira ilustração foi derivada das leis da corte grega, onde *dikaion*, justificação, era exatamente o oposto de condenação. Os juízes gregos e romanos declaravam os acusados como ‘culpados’ ou ‘inocentes’, eles eram ‘justificados’ ou ‘condenados’, e Paulo usa isso como metáfora em Romanos 5:18 e 8:34.

O termo ‘justificação’ ilustra a ação de Deus em declarar os pecadores livres de culpa, baseado na substituição de seu Filho que esgota o julgamento do pecador e ‘imputa’ Sua retidão a eles de forma que possam chegar perante Deus cobertos com a justiça de Cristo.

A ‘justificação’ é simplesmente uma ilustração vinda do primeiro século da declaração oficial da justiça de Deus baseada no Seu perdão legal objetivo. É uma figura de linguagem sobre uma mudança no *status* legal – não esclarece, ou faz qualquer referência a uma mudança de natureza. É claro que Deus muda a natureza humana por meio da regeneração e santificação, mas a imagem da justificação não aponta para esses aspectos da salvação.

Paulo desenvolve essa metáfora e mostra que somos justificados:

- Somente pela graça de Deus – é uma iniciativa e realização completamente Sua – Romanos 3:10, 20, 24 e 8:33.
- Somente pelo sangue de Cristo – é um ato de justiça preciso – Romanos 5:9.

Quando justifica os pecadores, Deus não está dizendo que as pessoas más são boas, ou que não são pecadoras: em vez disso, Ele as declarou legalmente justificadas, oficialmente

inocentes, pois Ele – em Cristo – assumiu a penalidade delas por terem transgredido a lei.

- Somente pela fé – nós temos de aceitar o que a Sua graça oferece e depender completamente do que Deus fez por nós por meio de Cristo – Romanos 3:28; 5:1; Gálatas 2:16 e Filipenses 3:9.

A antiga fórmula da Reforma resume de maneira esclarecedora os ensinamentos bíblicos sobre a justificação ‘somente pela graça, por meio de Cristo, somente pela fé’.

- Juntos em Cristo – também é algo corporativo, sem barreiras étnicas, nacionais ou de gênero – Gálatas 2:17; 3:26–29; Romanos 8:1; 2 Coríntios 5:21 e Efésios 1:6.

4. Reconciliação

A quarta metáfora, a reconciliação, *katallasso*, é tirada do cotidiano grego, onde a expressão era empregada para descrever a resolução de um conflito entre duas pessoas ou grupos. Era usada quando velhos amigos ou parentes faziam as pazes depois de uma discussão ou desentendimento.

Essa figura aponta para o grande propósito da expiação, para o anseio divino por trás do todo da salvação. Nós somos perdoados, Deus aceita a propiciação, nós somos redimidos e justificados, somos libertos do poder de Satanás, Deus se revela e reproduz a Sua natureza *para que* Deus possa reconciliar-nos com Ele e que possamos viver com Ele no eterno relacionamento de comunhão perfeita que Ele planejou para nós no Éden.

No entanto, é importante reconhecer que essa imagem é sempre usada com referência à nossa reconciliação com Deus, e nunca de Deus sendo reconciliado conosco. Deus precisa se agradar de nós, não de se reconciliar conosco; e nós precisamos ser reconciliados, não agradados!

Esse relacionamento é tão importante, tão essencial, que apenas uma metáfora não é o suficiente. A Bíblia também usa as metáforas de ‘adoção’ na família de Deus, ‘paz’ com Deus e ‘acesso’ a Deus na luta para descrever esse relacionamento indescritível criado pela cruz. Vemos essas metáforas, por exemplo, em João

1:12,13; 1 João 3:1–10; Romanos 5:1,2; 8:14–17; Gálatas 3:26–29; 4:1–7; Efésios 2:17,18; 3:12; Hebreus 10:19–22 e 1Pedro 3:18.

A reconciliação é uma figura de linguagem para descrever o relacionamento com Deus que é ao mesmo tempo o propósito e o fruto da salvação. Mas é só quando tivermos sido redimidos e justificados que teremos o acesso pacífico a Deus como Seus filhos adotivos, que é a reconciliação.

Porém, reconciliação bíblica não tem a ver apenas com um relacionamento renovado com Deus, tem a ver também com um novo relacionamento com outras pessoas em Cristo e por meio Dele – Efésios 2:11–22 destaca esse aspecto da reconciliação. É também a essa reconciliação cósmica que Colossenses 1:15–20 se refere – essa é a dinâmica ‘terrena’ da salvação que enfatizamos em *Conhecendo o Pai e Alcançando o Perdido*.

O texto de 2Coríntios 5:18–21 revela muito sobre a reconciliação. Enfatiza que:

- Deus é o grande e misericordioso autor ou criador da reconciliação – Ele a desejou, Ele deu início a ela
- Cristo é o agente da reconciliação – Deus fez a obra por completo em e por meio de Seu Filho
- Nós somos os embaixadores da reconciliação – devemos nos apropriar dela, vivenciá-la, pregá-la e praticá-la

Expição

Essas quatro figuras de linguagem vindas do cotidiano do primeiro século são simplesmente ilustrações ‘coloquiais’ de aspectos sobrepostos da expiação. Elas não podem ser encaixadas uma na outra para formar uma teoria da expiação bem organizada; elas simplesmente nos oferecem vislumbres de um mistério e não uma doutrina completa em si.

Entretanto, cada metáfora enfatiza os três princípios básicos da expiação, do processo de unificação utilizado por Deus:

- A humanidade tem uma necessidade muito grande - a propiciação aponta para a ira de Deus contra o nosso pecado, a redenção da nossa escravidão ao pecado, a justificação da

nossa culpa perante Deus, e a reconciliação da nossa alienação de Deus

- Deus é a plenitude da graça – foi Ele que em amor tomou a iniciativa e satisfez a Sua ira, pagou o preço necessário para redimir-nos da escravidão, suportou o castigo imposto por Ele mesmo para que pudéssemos ser declarados justos e reconciliou-nos consigo
- Isso foi conquistado somente por intermédio do sacrifício substitutivo do sangue de Cristo – vemos isso em Romanos 3:25; 5:9; Efésios 1:7; 2:23 e Colossenses 1:20

A morte de Jesus na cruz como substituto foi o único e suficiente sacrifício de expiação capaz de desviar a ira de Deus de nós, e esse sacrifício foi o preço do resgate pago pela nossa redenção, e foi devido a essa condenação do inocente que os culpados puderam ser justificados – *para que possamos* ser um com Deus, um com o próximo e um com a criação por toda a eternidade.

Essa é a verdadeira grandeza de apenas um dos aspectos da nossa salvação – existem três outros aspectos complementares que devemos considerar.

Parte Seis

Salvação e Revelação

Em toda a série *A Espada do Espírito*, nós enfatizamos que a Palavra de Deus e as obras de Deus são todas, essencialmente, autorrevelatórias. Como Deus é, em Sua essência, completamente coerente, todas as Suas obras, palavras, pensamentos e atitudes devem estar em conformidade entre si e com a totalidade do Seu caráter santo.

Isso significa que o ato supremo da salvação de Deus *para* o mundo na cruz também deve ser o maior ato de autorrevelação de Deus ao mundo por meio da morte do Seu Filho amado.

A Glória de Deus

Em *Glória na Igreja*, vemos que *kabod* é a palavra hebraica para glória. O Antigo Testamento vez por outra usa *kabod* para descrever a prosperidade material, esplendor físico ou boa reputação de certa pessoa, mas o termo é geralmente reservado para o próprio Deus.

O Antigo Testamento usa a expressão ‘a glória de Deus’ de duas maneiras diferentes: primeiro, como um termo paralelo ao ‘Nome de Deus’ que se refere ao Seu caráter autorrevelado; e, em segundo lugar, como uma revelação *visível* da presença localizada de Deus. Em termos simples, a *kabod* de Deus mostra às pessoas *onde Ele está* e *como Ele é*: é uma manifestação localizada e visível da Sua santidade absoluta.

No Antigo Testamento, a glória de Deus foi revelada:

- Na criação – Salmo 19:1; 29:9 e Isaías 6:3 relatam que a terra e o céu estavam cheios da glória de Deus

- Para o povo redimido de Deus – Números 14:22; Salmo 97:2–6; Isaías 35:2; 40:5 e Êxodo 33:18–34:7 descrevem como Deus mostrou a Sua glória ao livrar Israel do Egito e da Babilônia
- No momento do sacrifício – Êxodo 24; Levítico 9:6–24 e 1Reis 8:1–11 descrevem como Deus demonstrou a Sua glória como resposta aos sacrifícios de gratidão do Seu povo

A palavra grega para glória é *doxa*, e ela é normalmente usada no Novo Testamento para descrever a revelação de Jesus, pela graça e por feitos poderosos da presença e natureza de Deus. A glória de Deus manifestada em Jesus demonstra que Deus está presente pessoalmente, e revela a total extensão da Sua autoridade real e natureza humilde e autossacrificial.

Hebreus 1:3 mostra que Jesus sempre foi a manifestação visível da glória de Deus; mas a Sua morte na cruz foi o momento máximo (antes da Segunda Vinda) da revelação da glória de Deus. Vemos isso, por exemplo, em João 7:39; 12:23–28; 13:31; 17:5 e Hebreus 2:9.

Lucas 9:32; João 2:1–11 e 11:1–44 mostram que a glória de Deus (Sua presença local e natureza) foram demonstradas nas bodas de Caná, no cemitério de Betânia e na Transfiguração; mas a Sua glória (Sua presença local e natureza) ficou mais visível no Calvário – pois ali foi vista a completa autorrevelação da natureza de Deus, a maior demonstração possível de Sua graça e amor, a manifestação suprema de Sua santidade absoluta e uma demonstração perfeita de Sua presença, poder e natureza autossacrificial.

Em outras palavras, a cruz foi a revelação mais visível, até o presente momento, da presença localizada de Deus no mundo e de Sua natureza santa para o mundo: foi a epítome da glória.

A ideia da ‘glória de Deus vista em Cristo Jesus’ (Sua presença localizada e natureza pessoal revelada por meio de Jesus) é especialmente forte no Evangelho de João. Demonstra que a presença e a natureza de Deus são manifestas nos milagres de Jesus, que são chamadas de ‘sinais’; mas também enfatiza que a glória de Deus é vista na fraqueza voluntária de Jesus, no

autossacrifício voluntário de Sua encarnação – vemos isso, por exemplo, em João 1:14.

A glória do tabernáculo

João 1:14 contém uma importante alusão ao Antigo Testamento. A palavra grega *eskenosen* é traduzida em algumas versões simplesmente como ‘habitou’, porém ela literalmente significa ‘armou uma tenda’ e faz referência direta ao Tabernáculo do Antigo Testamento.

João 1:14 mostra que, apesar de o Verbo ter se tornado carne humana, Ele não deixou de ser o Deus santo. O que Deus fez foi ‘habitar’ ou ‘tabernacular’ na ‘pele’ humana para que pudesse viver entre o Seu povo por um tempo. Devemos lembrar que isso não significa que Jesus não se tornou completamente ou permanentemente humano.

O uso de *eskenosen*, em João 1:14, sugere que a encarnação é o cumprimento da prefiguração contida em Êxodo 25:8,9 – quando Israel recebeu a ordem de erguer uma tenda ou santuário (o Tabernáculo) para que Deus pudesse habitar entre o Seu povo. O Tabernáculo, e posteriormente o Templo, foi o local da presença localizada de Deus na terra, e Ezequiel 43:7; Joel 3:17 e Zacarias 2:10 registram o anseio pelo dia em que Deus iria novamente ‘armar a Sua tenda’ em Sião. João 1:14 afirma implicitamente que o Jesus encarnado é o cumprimento dessa promessa profética.

A glória de Deus estava associada ao Tabernáculo e ao Templo – vemos isso em Êxodo 24:9–25:9; 40:34; 1Reis 8:10,11; Ezequiel 11:23 e 44:4. Então, trata-se de uma progressão natural o fato de João 1:14 apresentar Jesus como o novo tabernáculo que está constantemente (ao invés de apenas ocasionalmente) cheio da glória de Deus, com Sua presença pessoal e natureza (É interessante observar Marcos 9:2–8, que registra o entendimento dos discípulos de que eles deveriam construir uma tenda ou tabernáculo porque haviam visto a glória de Deus.)

Nós sabemos que a glória revela a *presença* de Deus e a Sua *natureza*. Então, da mesma maneira que Êxodo 34:5–8 relata

que Deus mostrou a Sua presença visível e revelou-se como sendo misericordioso, gracioso e abundantemente verdadeiro, João 1:14 tece o comentário de que a glória de Deus vista em Jesus é cheia de graça e verdade.

A glória do Tabernáculo estava intimamente ligada a sacrifício. No Antigo Testamento, a glória de Deus era revelada muitas vezes em momentos de sacrifício – por exemplo, Êxodo 24; 40:9–35; Levítico 9:6–24 e 1Reis 8:1–11. Então, no Novo Testamento, Sua glória está associada à encarnação ‘tabernacular’ e autossacrificial do Filho, que culminou em Sua morte como o sacrifício substitutivo que pagaria de uma vez por todas o preço.

Todos os evangelhos antecipam uma revelação de glória por meio da cruz, mas o fazem de maneiras um pouco diferentes. Em Lucas 24:26, por exemplo, o sofrimento da cruz é o caminho para a glória futura, enquanto que em João 12:20–28; 13:30–32 e 17:1 vemos que a cruz é o próprio momento e local da glorificação.

É importante reconhecer que João 12:20–28; 13:30–32 e 17:1 descrevem a glorificação da cruz em termos do Pai e do Filho juntos. Tanto a presença e a natureza de Deus Pai e de Deus Filho são reveladas pela cruz; a divindade perfeita e a humanidade perfeita são demonstradas no drama do Calvário.

Numa simples cruz de madeira, a santa bondade de Deus e o melhor exemplo humano possível foram exibidos perante o mundo inteiro – e nós devemos observá-los juntamente, pois nos revelam a natureza santa de Deus e nos lembram de como devemos ser.

Justiça e amor divino

Romanos 3:25,26 e 5:8 declaram que a morte de Cristo foi uma demonstração pública tanto da justiça quanto do amor de Deus. Nós já destacamos que a autocoerência de Deus foi um dos fatores que levaram à cruz, e agora vemos que Deus não somente ‘satisfaz’ a Sua justiça e amor na cruz, mas também as revelou para o mundo inteiro.

A justiça de Deus

Até o advento da cruz, a justiça de Deus não havia se revelado de forma tão obviamente clara na terra. Muitos pecadores haviam prosperado, muito mal não havia sido punido e Deus muitas vezes parecera injusto, impotente e moralmente indiferente.

Em passagens como Gênesis 18:25, e em Jó, Provérbios e Eclesiastes, a Bíblia registra como os personagens e autores das Escrituras lutavam com esse dilema. Eles queriam saber por que os maus prosperavam e os inocentes sofriam, porque os pecadores não eram punidos enquanto que os justos sofriam desastres, porque nem sempre Deus protegia o Seu povo, respondia às suas orações ou recompensava a sua retidão.

O Antigo Testamento trata disso olhando para o juízo final, proclamando que, apesar de prosperarem por um tempo, os pecadores irão enfrentar o juízo de Deus. Vemos isso, por exemplo, em uma passagem como Salmo 73.

O Novo Testamento repete essa promessa de um juízo final e vindouro em Atos 17:30,31; Romanos 2:3 e 2Pedro 3:3-9; mas também olha para o passado e o juízo na cruz. A cruz aponta para o fato do juízo final – para aqueles que rejeitam a cruz só restará o juízo futuro de Deus – e o reforça.

Romanos 3:21-26; Hebreus 9:15 e 10:4 declaram que o juízo definitivo de Deus já aconteceu, e destacam que a falta de ação de Deus no Antigo Testamento foi meramente uma postergação misericordiosa, ao invés de um cancelamento injusto.

Na cruz, por meio de Seu sacrifício, Deus revelou de forma final e completa a Sua perfeita justiça ao condenar todos os pecados em Cristo; e, na cruz, provou de forma visível a justiça que faz parte da Sua natureza ao levar sobre Si, em Cristo, o castigo justo por todo o mal do mundo.

Desde o sacrifício na cruz, Deus não pode mais ser acusado de desculpar o mal ou de ser injusto, pois a Sua justiça ao julgar e punir o pecado foi, de uma vez por todas, clara e cabalmente revelada a toda a criação.

O amor de Deus

E assim é também com o amor de Deus; até a cruz, ele não havia ficado especialmente claro para a humanidade. Doença, desastres, decadência e até morte – tudo argumentava contra a caracterização de Deus como um ser amoroso.

Tragédia, tortura, tirania e tribulação pareciam irreconciliáveis com um Deus de amor. Porém, na cruz, Deus finalmente revelou à humanidade a extensão do Seu amor imensurável, incansável, insondável e autodoador.

O Novo Testamento sempre define o amor em termos de o sacrifício de Deus na cruz – vemos isso especialmente em Romanos 5:8; 1João 3:16 e 4:7–21.

Toda a humanidade experimenta algum tipo de amor nesta vida, mas a Bíblia afirma que somente um ato de amor puro, altruísta, sem nenhuma segunda intenção, já foi praticado – o amor de Deus que se deu por inteiro, por meio de Cristo, na cruz, por pecadores que não o mereciam. Esse é o maior de todos os atos de amor.

Romanos 5:8 sugere que a revelação do amor de Deus na cruz tinha três aspectos distintos:

- Ele deu o *Seu Filho* – João 3:16 e Romanos 8:32
- Ele ofereceu o Seu Filho *para morrer* – Filipenses 2:7,8
- Ele ofereceu o Seu Filho *para morrer por nós* – por Seus inimigos pecadores, pagãos e impotentes – Romanos 3:18, 23; 5:6, 10 e 8:7

Na cruz, pendurado pelos soldados entre dois ladrões, o Filho morreu – e o Pai o deixou sozinho. Por quê? Pelo amor que Eles tinham pelos ladrões, pelos torturadores e por todos os que tinham clamado pela morte do Filho.

Na cruz, Deus deu tudo por causa do Seu amor por aqueles que não merecem nada. O Pai deu o Seu Filho por aqueles que preferem adorar a outros deuses, e o Filho se deu por aqueles que insistiam em ignorá-lo. Os dois abriram mão do relacionamento que tinham um com o outro pelo amor inimaginável que nutrem pelo mundo inteiro e para cada membro da raça humana.

Desde a terrível agonia e separação divina do sacrifício no

Calvário, ninguém pode olhar para uma cruz e questionar o amor de Deus, pois nada poderia demonstrar o Seu amor mais claramente do que esse autossacrifício totalmente altruísta.

A morte sacrificial de Jesus aconteceu por causa da justiça de Deus e do amor de Deus: não houve qualquer outra motivação. Como temos visto, a morte de Jesus teve várias consequências, mas entre elas estava essa revelação do amor e da justiça perfeita de Deus e também do exemplo humano perfeito que todos devem imitar.

Então, todos aqueles que buscam andar como Jesus andou devem garantir que todos os seus sacrifícios estejam igualmente motivados pela justiça absoluta e amor altruísta de Deus – sem reservas, sem tentativas sutis de manipulação, e sem qualquer sentimento de distanciamento autossuficiente.

Quando vivermos assim, poderemos ter certeza de duas coisas: primeiro, que os nossos sacrifícios revelarão para as pessoas ao nosso redor, de uma maneira singular, algo sobre a glória de Deus, sobre o Seu caráter e presença local e, segundo, que o Deus do autossacrifício compartilhará profundamente a nossa agonia, isolamento e privação voluntária.

Poder e sabedoria divina

Os primeiros onze capítulos de Romanos são a exposição clássica de Paulo a respeito do evangelho. Neles Paulo descreve como Deus apresentou Cristo como um sacrifício substitutivo, como Ele nos justifica por meio da fé e começa a nos transformar pela obra do Espírito, e está nos moldando em uma nova comunidade, onde todas as pessoas são aceitas nos mesmos termos que os judeus.

Antes de prosseguir para a aplicação do evangelho em Romanos 12–16, Paulo pausa para um momento de reflexão. Em Romanos 11:33–36, ele elogia a sabedoria genial que arquitetou a salvação de tal maneira que ela consegue atender a todas as necessidades da humanidade e da natureza autocoerente de Deus ao mesmo tempo. Vimos que os primeiros capítulos de Romanos enfatizam a revelação na cruz do perfeito amor e justiça

de Deus – Romanos 11:33–36 agora mostra que a cruz também revela a sabedoria perfeita de Deus.

O oposto da sabedoria humana

Paulo repete essa ideia em 1Coríntios 1:17–2:5. Aqui ele enfatiza a ideia de que a cruz revela o poder e a sabedoria de Deus, e que estes são ao mesmo tempo o oposto da sabedoria e poder do mundo.

Em 1Coríntios 1:22, Paulo mostra que os judeus e os gregos estavam estabelecendo condições diferentes para a aceitação do evangelho: os judeus estavam exigindo sinais poderosos e os gregos buscavam grande sabedoria. Os dois grupos de pessoas queriam que a mensagem do evangelho lhes provasse sua autenticidade pelo poder e sabedoria nela contidos.

No entanto, 1Coríntios 1:23 mostra que a mensagem de Paulo não os impressionou nem atendeu às suas exigências. A cruz ofendeu aos dois igualmente; para eles, era ‘escândalo’ e ‘loucura’. Mas, para Paulo, a cruz era exatamente o oposto. Em 1Coríntios 1:24 ele revela que o Cristo crucificado em fraqueza é na realidade o poder de Deus, e que o Cristo aparentemente ‘louco’ é a própria sabedoria de Deus. Depois, no versículo 25, Paulo deixa claro que a loucura de Deus é maior do que qualquer sabedoria humana, e que a Sua fraqueza é mais forte do que qualquer força humana.

Isso significa que, apesar de para a maioria das pessoas a cruz parecer o ápice da impotência e da loucura, ela é na verdade a manifestação suprema do poder e da sabedoria pessoal de Deus.

Paulo explica isso em 1Coríntios 1:26–31, em relação à experiência dos coríntios. A maioria dos leitores de Paulo não eram pessoas sábias ou influentes; na verdade, Deus havia intencionalmente escolhido os loucos e fracos para envergonhar os sábios e fortes, excluindo assim qualquer possibilidade de orgulho humano. Essa atitude teria sido totalmente equivocada, pois foi obra somente do próprio Deus que os uniu a Cristo, e foi Cristo que se tornou a sabedoria e poder deles.

Em 1Coríntios 1:30,31, Paulo destaca a natureza multifacetada da salvação resumindo a mensagem da cruz como um dom gracioso de quatro bênçãos importantes em Cristo: a sabedoria pessoal, retidão, santificação e redenção de Deus.

A sabedoria pessoal de Deus

A sugestão de Paulo de que Jesus é a sabedoria de Deus presente pessoalmente é coerente com o significado do Antigo Testamento. Os livros de Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão são ‘a literatura da Sabedoria’, e Provérbios 1–9 contém a mais nítida e detalhada descrição da sabedoria de Deus.

Esses capítulos importantes personificam a ‘Sabedoria’, contrastando-a com a loucura (recusar-se a reconhecer ou conhecer a Deus), e contêm uma incrível série de afirmações e promessas que são cumpridas e repetidas por Jesus (a ‘Palavra’) no Evangelho de João – por exemplo, Provérbios 7:2; 8:6–8, 17, 18–21, 32–35 e 9:5,6.

Então, em 1Coríntios 2:1–5, Paulo ilustra a sabedoria e poder de Deus a partir de sua experiência pessoal. Ele relata que não visitara Corinto pelo seu poder ou com uma mensagem de sabedoria humana. Ao invés disso, levava a mensagem aparentemente ‘louca’ da cruz, e fora com fraqueza, tremor e temor – dependendo do Espírito Santo para confirmar as suas palavras e convencer o povo da verdade.

O propósito de Paulo em ir até os coríntios naquele estado de fraqueza e loucura era garantir que a fé das pessoas estivesse firmada no poder pessoal e sabedoria de Deus em vez de nas ideias e habilidades humanas. Isso mostra a total necessidade do novo nascimento e a falácia da dependência na convicção intelectual, moral ou emocional. Esse é um princípio chave do evangelismo que precisamos absorver e aplicar continuamente.

A mensagem da cruz nunca será popular do ponto de vista humano, pois Deus escolheu revelar o Seu poder e sabedoria por meio da loucura e fraqueza humana. Mas 1Coríntios 1:24 mostra que o Cristo crucificado é a sabedoria de Deus e 1:30 declara que Ele é a nossa sabedoria também.

A cruz revela a grande sabedoria de Deus em conseguir salvar pecadores e satisfazer o Seu amor e justiça; e Romanos 1:16 declara que a cruz também é a revelação do poder de Deus para a salvação de todos que creem.

Isso significa que podemos ver a justiça, amor, sabedoria e poder de Deus quando olhamos atentamente para a cruz. É fácil enfatizar um aspecto do caráter de Deus mais do que outro. Podemos ficar tão envolvidos pela justiça de Deus em lidar com o nosso pecado que acabamos negligenciando o amor que tomou sobre si o nosso julgamento. E podemos ficar tão maravilhados pelo poder que nos salva que nos esquecemos da sabedoria que criou a nossa salvação.

Mas tudo isso se encontra na pessoa de Deus, não é uma coleção de atributos impessoais. Em vez de tentar comparar os diferentes aspectos da natureza divina de Deus, devemos nos alegrar pelo fato de que – por meio da cruz que nos salva – Ele tem revelado a abrangência total de Sua natureza santa de forma muito clara e completa.

Bondade humana perfeita

A cruz não foi apenas a revelação suprema da glória de Deus, mas foi também o exemplo perfeito da bondade humana. O Pai enviou o Filho como sendo ‘totalmente Deus, totalmente ser humano’ para não somente revelar o Seu eu divino, mas também mostrar à raça humana a maneira ideal de viver e morrer.

Antes da criação do tempo, espaço e matéria, Jesus estava com Deus e Ele era Deus. Ele era Todo-poderoso, via tudo, sabia tudo, era plenamente amor e plenamente presente. Ele habitava em perpétua glória e tudo a Seu respeito era glorioso, e essa glória *visível* foi o primeiro sacrifício de Jesus.

Filipenses 2:5–8 mostra que o Pai não fez o Filho abrir mão da Sua glória *visível*; Ele o fez voluntariamente. O estado de Jesus era divino, mas Ele não ‘apegou-se’ (ou ‘buscou’ – o grego é ambíguo) à Sua igualdade com Deus. Ao contrário, esvaziou-se, desfazendo-se de cada atributo que expressava visivelmente a natureza de Deus.

Jesus colocou de lado a Sua majestade visível e ‘tabernaculou-se’ em carne humana. Ele colocou de lado Sua onipotência, onipresença e onisciência, ‘montando Sua tenda’ em todo aspecto da fraqueza humana, exceto o pecado.

Ele despiu-se da glória visível que Lhe era de direito e deixou de ser semelhante a Deus. É claro que Jesus não deixou de ser Deus porque Ele não abriu mão da Sua natureza divina; em vez disso, sacrificou a honra e tratamento diferenciado que Lhe eram devidos como Deus e então assumiu a condição de um escravo humano, sem valor algum aos olhos humanos.

Abnegação voluntária

Essa abnegação foi vista na aceitação voluntária de Jesus à vida como um feto vulnerável no ventre de uma mulher, como um bebê indefeso em Belém, como um refugiado impotente no Egito, como uma criança ilegítima em Nazaré, como um humilde carpinteiro na Galileia, como um desabrigado vagando por Israel, como um criminoso condenado no Calvário, e assim por diante.

Esse foi o modo de vida abnegado e discreto que Jesus escolheu livremente, pois sacrificou deliberadamente a Sua glória visível para abraçar os níveis da existência humana considerados mais baixos. E ele nos chama para segui-Lo.

Visto que era completamente Deus, Jesus poderia ter feito as coisas funcionarem de forma diferente. Ele poderia ter ‘montado Sua tenda’ em um palácio de imperador ou poderia ter continuado a irradiar a glória visível de Deus. Ele até poderia ter elevado a Sua família terrena ao *status* de riqueza. Porém, em um ato intencional de abnegação, Jesus escolheu personificar o contentamento humano perfeito com obscuridade, impotência e aparente insignificância.

Quando João Batista convocou as pessoas ao arrependimento e a evidenciar essa atitude pelo batismo, Jesus entrou na fila dos pecadores. Ele não pediu a João para ficar de lado e deixar que Ele assumisse a condução do batismo; ao invés disso, ficou onde estavam os pecadores. Mateus 3:15 relata que quando João protestou, Jesus insistiu que aquela era a maneira certa de agir.

A abnegação voluntária dominou a vida e o ministério humano de Jesus. Ele passou seis semanas no deserto sem alimento e resistiu a tentações sem precedentes. Ele ministrou sem esperar gratidão ou recompensa terrena em troca. Ele confiou o Seu dinheiro a um homem que o usou indevidamente. Ele abraçou leprosos e tornou-se amigo dos excluídos da sociedade. Ele lavou pés e foi repetidamente vítima da falta de compreensão, sendo caracterizado falsamente.

Como temos visto, Jesus era sem dúvida o Servo Sofredor de Isaías – mas poucas pessoas reconheciam isso. Pilatos percebeu que Jesus era o verdadeiro rei dos judeus; alguns discípulos achavam que Ele era o Filho do Deus vivo; e a maioria das pessoas provavelmente achava que Ele era um homem muito bom. Porém, Jesus não era o tipo de rei humano ou pessoa perfeita que as pessoas esperavam ou queriam.

As pessoas ansiavam pelo Homem Ideal prometido em Daniel 7:13,14, que seria servido por pessoas de todas as nações. Jesus era aquele ‘Filho do Homem’, mas Ele tinha que vir para servir e não somente ser servido, para pedir que servissemos a outros com Ele, em vez de apenas servirmos a Ele com outros.

O exemplo perfeito de humanidade demonstrado por Jesus (a maneira ideal de viver criada por Deus para todos) é caracterizado por abnegação, doação de si mesmo, autossacrifício e altruísmo. Esse modo de vida foi demonstrado plenamente e revelado de modo mais claro e completo na cruz. Deve estar evidente que a aceitação voluntária da cruz, por parte de Jesus, é a conclusão natural da maneira que Ele viveu como humano.

Autossacrifício voluntário

Assim que os discípulos perceberam que Jesus era o *Christos*, ‘O Ungido’ ou *Messias*, Ele explicou o que aquilo significava – em Mateus 16:21; Marcos 8:31,32 e Lucas 9:22.

Isso foi anátema para os discípulos, então Pedro chamou Jesus e o questionou. Ele não entendia nem acreditava que o ideal de Deus pudesse envolver sofrimento, rejeição e morte. Mas Jesus o repreendeu e depois disse aos discípulos, em Mateus

16:24; Marcos 8:34 e Lucas 9:23, que a exigência divina do autossacrifício se aplicava a eles também.

À medida que sacrifício máximo de Jesus se aproximava, Ele ensinou mais claramente aos discípulos sobre o autossacrifício humano. Por exemplo:

- Ele os ensinou o segredo da grandeza humana – Mateus 20:25–27; Marcos 10:41–45 e Lucas 22:24–27
- Ele demonstrou a natureza pacífica e despreziosa do Seu governo – Mateus 21:1–11; Marcos 11:1–11; Lucas 19:28–38 e João 12:12–16
- Ele elogiou o sacrifício discreto da viúva – Marcos 12:41–44
- Ele aplaudiu a doação exagerada de Maria – Mateus 26:6–13; Marcos 14:3–9 e João 12:1–16
- Ele revelou a perfeição do Seu amor e instruiu os discípulos a seguirem Seu exemplo – João 13:1–16

Acima de tudo, Jesus ensinou aos discípulos o princípio espiritual vital que o autossacrifício voluntário é o segredo de uma vida frutífera. Isso está profundamente evidente em toda a criação de Deus: antes que qualquer semente possa multiplicar, ela deve morrer e parar de existir. Se buscar preservar a própria existência de forma independente, a semente continuará sendo apenas um grão; mas ela dará frutos abundantes ao morrer e desaparecer.

Jesus pegou esse princípio e o aplicou a si mesmo em João 12:23–33. Porém, Ele não estava pensando apenas em si mesmo, pois nos versículos 25 e 26 Ele aplicou exatamente o mesmo princípio a todos que O seguiriam.

O homem na cruz

A morte de Jesus na cruz não somente revelou a natureza plena de Deus, mas providenciou também um exemplo perfeito de Seu padrão ideal para a humanidade.

Enquanto sofria, Jesus encontrou oportunidades para demonstrar o comportamento humano perfeito ao pedir que Deus perdoasse aqueles que O haviam torturado e ao consolar um criminoso, com a promessa de que esse estaria com Ele no

paraíso. E ao morrer, Jesus deixou tudo para trás, cuidou de garantir o cuidado de Sua mãe e entregou o Seu Espírito nas mãos de Deus.

Lucas sempre chama a atenção de seus leitores para o lado completamente humano de Jesus. O seu relato da cruz é mais curto do que o dos outros evangelhos, porém de alguma forma, ele consegue transmitir uma intensidade incrível de angústia. Lucas 22:42–44 mostra Jesus suportando uma agonia espiritual sem precedentes ao lutar contra a vontade de Deus: é o vislumbre mais sincero da humanidade do Filho do Homem perfeito que encontramos no Novo Testamento.

Nos diferentes relatos da crucificação, vemos também que Lucas destaca que Jesus morreu entregando o Seu Espírito nas mãos do Pai, e que continuou o Seu ministério de perdão até o momento final.

Lucas deixa que os autores dos outros evangelhos revelem que a morte de Jesus foi em 'resgate de muitos' e uma vitória sobre Satanás. Ele se concentra na revelação de que a morte de Jesus na cruz é o exemplo máximo da perfeita bondade humana.

Para Lucas, a cruz é onde o Messias, o 'homem ungido', realiza o Seu destino profetizado em Isaías 53, ao aceitar e suportar a rejeição, sofrimento e morte. Esse é o Cristo que chama os discípulos a segui-Lo, viver de acordo com o Seu exemplo, tomarem as suas cruzes (todo dia, segundo Lucas) e compartilhar essa forma ideal de viver e morrer.

Parte Sete

Salvação e Vitória

O Novo Testamento ecoa com os gritos de vitória da igreja primitiva. Passagens como Romanos 8:37; 1Coríntios 15:57; 2Coríntios 2:14 e Apocalipse 2–3 ilustram as convicções dos primeiros cristãos de que eles eram os vencedores vitoriosos, triunfantes e gloriosos.

No entanto, eles sabiam que deviam a sua vitória totalmente ao vitorioso Jesus. Colossenses 2:15; Apocalipse 3:21; 5:5 e 12:11 mostram que foi Cristo que venceu e triunfou – e Ele fez isso na cruz.

Podemos ficar tão acostumados com a ideia da ‘vitória na cruz e por meio dela’ que acabamos esquecendo o quão absurdo isso parece para a maioria das pessoas que ainda não fazem parte da fé cristã. Como o Cristo crucificado pode ser um vencedor? Como a vítima pode ser vitoriosa? Como um criminoso executado, que foi rejeitado, traído, negado e abandonado pelos próprios discípulos pode ser considerado triunfante?

A maioria das pessoas acha que faz mais sentido descrever a cruz como um lugar de morte e derrota; mas os cristãos afirmam que a maior verdade é o oposto do que parece aos olhos humanos. Pode até parecer que o mal tenha triunfado sobre o bem na cruz, mas a Bíblia declara que foi lá que o bem venceu o mal. Pode parecer que Cristo foi derrotado pelos poderes terrenos na cruz, mas as Escrituras insistem que aquele foi o lugar onde a Semente da mulher finalmente esmagou a cabeça da serpente.

Como vimos, o enigma da vitória de Cristo não é a totalidade da verdade da salvação – mas é um elemento importante da mesma. A cruz é o lugar da revelação, da reprodução e da vitória; e a nossa compreensão da salvação será imperfeita se negligenciarmos qualquer um desses aspectos das conquistas de Cristo. De uma forma muito real, todas essas coisas resultam da expiação, que é a verdade central da cruz.

Acima de tudo, a nossa experiência pessoal da salvação torna-se muito limitada quando ignoramos qualquer um dos elementos do Calvário. Precisamos não apenas entender e celebrar os diferentes aspectos da salvação, mas devemos também nos apropriar de todos eles pela fé e abraçá-los plenamente.

A vitória progressiva

Apesar de declarar claramente que Jesus triunfou de forma *decisiva* sobre o inimigo, derrotando-o completamente na cruz, a Bíblia também nos apresenta uma imagem progressiva de vitória que levou ao momento decisivo na cruz e também à sua consumação final.

Previsões de vitória

Gênesis 3:15 é geralmente considerado o primeiro vislumbre do evangelho, a primeira prefiguração da cruz, apontando especificamente para esse aspecto ‘vitorioso’ da salvação.

Essa primeira previsão do triunfo identificava a semente da mulher, ou o seu rebento, como aquele que seria completamente vitorioso. Mais tarde foi revelado aos profetas que essa ‘semente’ seria o *Messias*, o *Christos*, ou ‘Homem Ungido’, que estabelecerá o reinado justo de Deus e erradicará o mal.

Quando fazemos um resumo geral do Antigo Testamento e interpretamos cada passagem à luz da cruz, nós podemos ver que versículos como 1Crônicas 29:11 (que declara o reinado justo de Deus *presente* em Israel) e Isaías 9:6,7 (que anuncia o seu reinado *futuro* por meio do Messias) são outras previsões implícitas do triunfo final da Semente sobre a serpente.

Prenúncios da vitória

Já vimos no volume *O Governo de Deus* que o reino justo chegou em Jesus e com Ele. Se a vitória decisiva de Cristo sobre Satanás foi alcançada por Sua morte na cruz, as primeiras batalhas foram ganhas por Sua perfeita submissão a Deus durante a Sua vida na terra e por meio das grandes obras que demonstraram a Sua unção e autoridade singulares.

Assim que Jesus nasceu, Satanás reconheceu que Ele era o futuro vencedor e começou a tentar derrotá-lo. Por exemplo, ele atacou Jesus das seguintes maneiras:

- O massacre das crianças de Belém ordenado por Herodes – Mateus 2:1,18
- As tentações no deserto para evitar a cruz – Mateus 4:1,11
- Os atentados da congregação de Nazaré contra a Sua vida – Lucas 4:28, 29
- O desejo da multidão de torná-lo um líder político – João 6:15
- A oposição de Pedro ao caminho da cruz – Mateus 16:21, 23
- A traição de Judas – Lucas 22:1- 6 e João 13:27

Mas Jesus estava decidido a cumprir o que havia sido previsto. Ele anunciou que o reino de Deus chegara àquela geração por meio Dele, e que as Suas obras poderosas eram a prova visível dessa chegada.

Por todos os evangelhos vemos o reino de Deus avançando e o de Satanás se retraindo à medida que os demônios eram expulsos, as doenças eram curadas e a natureza era apaziguada – por exemplo, Marcos 1:24; Mateus 4:23 e Marcos 4:39.

Os textos em Lucas 9:1-6 e 10:1-24 descrevem como Jesus enviou doze apóstolos e setenta discípulos – como Seus representantes – para anunciar a chegada do reino por meio da pregação e da cura. Quando eles retornaram, Jesus lhes disse que havia visto Satanás cair do céu como resultado das suas atividades.

Marcos 3:27 e Lucas 11:21,22 parecem resumir o entendimento que Jesus tinha das Suas lutas pré-Calvário contra Sata-

nás. O diabo pode ter sido um homem muito forte, mas um homem mais forte havia chegado – e Ele amarraria e dominaria o homem forte e tomaria a sua casa. No entanto, essa apreensão e dominação não aconteceram plenamente até a cruz. Em João 12:31; 14:30 e 16:11, Jesus já esperava a última ofensiva do diabo na cruz e prometeu que ele seria expulso e condenado. E Hebreus 2:14,15 afirma que foi *por meio de Sua morte* que Jesus destruiu o diabo e libertou os cativos.

O momento da vitória

Colossenses 2:13-15 é a afirmação mais clara do Novo Testamento sobre a vitória de Cristo na cruz. Nessa importante passagem, o apóstolo Paulo reúne dois aspectos da salvação.

Primeiro, ele ilustra o afável ato divino de perdão na cruz comparando-o à maneira em que as dívidas foram canceladas. Paulo mostra que Deus nos libertou da nossa falência moral e espiritual ao pagar as nossas dívidas na cruz e, além disso, que Deus também destruiu todos os registros das nossas dívidas.

Em seguida, Paulo descreve o poderoso ato de conquista de Deus na cruz, e mostra que Ele retirara as armas dos Seus oponentes, expondo-os como inimigos impotentes e derrotados. Isso descreve um *apekduis*, ou um ‘despojamento’ do inimigo na vida militar de tempos passados. O comandante do exército vencedor retirava publicamente cada arma do comandante inimigo e ainda removia sua insígnia para demonstrar vitória total e a rendição incondicional do inimigo.

Precisamos reconhecer que Paulo usa algumas imagens físicas bastante vivas para descrever uma realidade espiritual invisível. Da mesma forma que Deus não pregou literalmente uma lista das nossas dívidas na cruz, Jesus não exibiu literalmente os demônios derrotados em Jerusalém. Mas esses eventos espirituais certamente foram reais e aconteceram de fato na esfera invisível.

A verdade profunda por trás das metáforas usadas por Paulo é que o perdão e a vitória ocorreram simultaneamente e estão, para sempre, inseparavelmente ligados. Na realidade, pratica-

mente podemos dizer que Cristo triunfou sobre o mal ao pagar as nossas dívidas, e que, ao nos livrar dos nossos pecados, Ele nos libertou do pecado.

Vemos no volume *Conhecendo o Filho* que a perfeita submissão é a essência da adoção de Jesus. Da mesma maneira que Jesus venceu o diabo durante o Seu ministério resistindo a todas as suas tentações e por Sua perfeita submissão e obediência ao Pai, do mesmo modo também Ele triunfou sobre o inimigo na cruz por Sua perfeita obediência descrita em Romanos 5:19 e Filipenses 2:8.

A submissão perfeita do Filho foi indispensável para a salvação. Se Jesus tivesse desobedecido por um momento, tivesse se desviado um centímetro que fosse do caminho de Deus, o diabo teria vencido e frustrado o plano de salvação. Porém, Jesus obedeceu ao Pai completamente – e então o diabo foi afastado.

Na cruz, o diabo provocou Jesus por meio da tortura, injustiça, mentiras e insultos, mas Jesus se recusou a vingar-se dele. Jesus poderia ter convocado um exército angelical para ajudá-Lo, poderia ter descido da cruz; mas, em vez de vencer o mal usando o poder, Jesus o derrotou com o bem – como Romanos 12:21 explica.

O diabo usou cada arma de seu arsenal para tentar Jesus a desobedecer a Deus, a odiar os Seus inimigos, a imitar a forma em que o mundo usa o poder. Porém, por meio de Sua obediência, abnegação, amor e humildade, Jesus conquistou a vitória moral decisiva sobre o mal. No auge do conflito, Ele não se deixou contaminar ou corromper pelo mal.

Apesar de tudo que o diabo fez na cruz, ele não conseguiu atingir Jesus; e, quando Jesus morreu sem pecado, o diabo foi forçado a reconhecer a própria derrota. O diabo estava verdadeiramente tentando derrotar Jesus usando a cruz, mas ele falhou, e em troca, Jesus o derrotou. Isso significa que a vitória da Semente, prevista há muito tempo, que começou durante a vida e ministério de Cristo na terra, foi definitivamente conquistada por Sua morte na cruz.

A confirmação da vitória

Alguns crentes parecem pensar que a cruz foi uma derrota temporária e que a ressurreição foi o verdadeiro momento da vitória. Porém a cruz foi a vitória, e a ressurreição foi meramente a prova visível e confirmação pública dessa vitória na cruz. Vemos isso, por exemplo, em Atos 2:24; Efésios 1:20,23 e 1Pedro 3:22.

É claro que o Novo Testamento sempre relaciona a cruz e o túmulo vazio – como vemos em Marcos 8:31; 9:31; 10:34; Lucas 24:30-35; João 10:17,18; Atos 2:23,24; Romanos 6:1-4; 1Coríntios 15:1-8; 2Coríntios 5:15; 1Tessalonicenses 4:14 e Apocalipse 1:18. Isso significa que não devemos proclamar a cruz separada da ressurreição ou a ressurreição sem a cruz, pois Jesus é ao mesmo tempo o *Senhor vivo* e o *Salvador expiador*.

Apesar desse elo inquebrável, só poderemos compreender a salvação corretamente quando apreciarmos a verdadeira relação entre a morte triunfante de Cristo e a Sua ressurreição comprovada.

Ao longo deste livro, temos visto que fomos salvos pelo sangue e pela morte na cruz. Foi o sangue na cruz que nos permitiu alcançar a salvação, que revelou a natureza de Deus e que conquistou a vitória definitiva sobre o mal. Foi o sangue que conquistou a nossa redenção e reconciliação. Foi o sangue que satisfaz a dupla exigência da necessidade humana e da natureza de Deus, e assim por diante.

O Novo Testamento sempre afirma que ‘Cristo morreu pelos nossos pecados’ e nunca que ‘Ele ressuscitou pelos nossos pecados’: Hebreus 2:14 deixa isso claro. A ressurreição não foi a razão da conquista da nossa salvação; porém, ela é sua prova maior. Do mesmo modo que a encarnação foi a exigência indispensável para a salvação, a ressurreição foi a confirmação indispensável da salvação. A ressurreição vindicou Jesus, declarou que Ele era o Filho de Deus, e revelou que a Sua morte substitutiva havia conquistado a salvação. Foi a maneira de Deus endossar publicamente a vitória de Jesus na cruz.

No entanto, não devemos jamais esquecer que realmente foi a cruz, não a ressurreição, que de fato conquistou a nossa salvação. É por isso que a cruz, não o túmulo vazio ou a pomba que desceu dos céus, foi e sempre será o símbolo universal da nossa fé cristã.

A aplicação da vitória

No volume *O Governo de Deus*, vemos que o reino de Deus é tanto o ‘agora’ como o ‘ainda não’. Apesar de ter sido derrotado definitivamente na cruz, o diabo ainda não reconheceu que foi derrotado por completo; apesar de ter sido derrotado, ele ainda não foi eliminado. Ele ainda faz oposição, tenta, engana e ataca todos os discípulos de Cristo.

O paradoxo do ‘agora’ e do ‘ainda não’ do reino significa que o Novo Testamento promete que estamos assentados e reinando com Cristo, com todas as forças do mal embaixo dos nossos pés, e nos adverte de que não podemos nos posicionar contra as forças espirituais que nos atacam sem a força e armadura do Senhor. Ele nos promete que Cristo nos mantém seguros, e que o inimigo não pode nos tocar, e nos alerta para vigiar pois o inimigo está à espreita e deseja nos devorar. Vemos esse paradoxo em Efésios 1:20-23; 6:10-17; 1João 5:18 e 1Pedro 5:8.

O paradoxo do ‘agora’ e do ‘ainda não’ significa que o reino chegou, mas que ainda não se cumpriu completamente; que a batalha final foi ganha, mas o inimigo ainda não se entregou; que o homem forte foi amarrado, mas a sua casa ainda não foi totalmente dominada, nem todos os seus cativos foram libertos; que Golias foi morto e Davi voltou para Jerusalém triunfante, mas os soldados israelitas ainda precisam lidar com as tropas desmoralizadas dos filisteus.

Alguns cristãos focam demais a dinâmica do ‘agora’ da fé, enquanto outros se preocupam com os aspectos do ‘ainda não’. No entanto, nós somos chamados a celebrar essa vitória definitiva – e aproveitá-la e aplicá-la – e ao mesmo tempo sempre reconhecer que a vitória do reino não estará completa até o último dia.

A expiação proporcionada pela morte de Cristo garante incondicionalmente cada aspecto da salvação por toda a eternidade, mas nós não experimentamos plenamente cada benefício da salvação no presente. Romanos 8 deixa bem claro que somos salvos em esperança, mas uma esperança que se pode ver não é esperança. Isso significa simplesmente que é preciso haver um elemento invisível e ainda não vivenciado na nossa salvação e experiência cristã – que haverá sempre alguma coisa para Deus completar no último dia. Em Romanos 8, Paulo nos exorta a esperar por aquilo que não vemos e aguardá-lo ansiosamente e com perseverança.

O paradoxo do ‘agora’ e do ‘ainda não’ traz implicações óbvias para todo aspecto da salvação, mas devemos ter cuidado para não fazermos distinções arbitrárias entre o ‘agora’ e o ‘ainda não’. Nós aproveitamos cada benefício da salvação ‘agora’, mas tudo isso é apenas um vislumbre do que poderemos gozar plenamente no dia final.

Por exemplo, por causa da vitória de Cristo, a nossa experiência presente de cura é considerável. Ao mesmo tempo, ela é essencialmente incompleta – pois nem todos são curados de tudo e todos que são curados um dia irão morrer. Cada cura, no entanto, é uma previsão correta e um vislumbre profético da cura total e perfeita da ressurreição.

Algo semelhante acontece com a santificação e vitória. A nossa experiência presente é considerável; mas não importa o quão próximo estejamos de Deus, não alcançaremos a perfeição absoluta ou vitória incessante nesta vida – pois, apesar de ter sido desarmado e derrotado, o diabo não foi eliminado. Em vez disso, nossa santificação crescente é um vislumbre maravilhoso da nossa perfeição eterna garantida, e cada experiência vitoriosa que temos é uma indicação profética da vitória absoluta que teremos no dia final.

É claro que além de aplicar a vitória de Cristo em nossas vidas ao vencermos os ataques do inimigo, devemos também aplicar a Sua vitória libertando os cativos do inimigo. Como vimos no volume *Alcançando o Perdido*, a igreja tem a missão

de estender o governo triunfante de Deus, no poder do Espírito, por meio da proclamação da mensagem, por meio da demonstração e encarnação das boas-novas de Jesus Cristo.

Ao proclamarmos, vivermos e demonstrarmos o evangelho, nós chamamos as pessoas a deixar Satanás para trás e se voltarem para Deus, a trocarem as trevas pela luz, os ídolos pelo Deus vivo e verdadeiro – vemos isso, por exemplo, em Atos 26:18; 1 Tessalonicenses 1:9 e Colossenses 1:13.

Isso mostra que toda conversão envolve um encontro de poder, onde o diabo é forçado a reduzir o seu controle na vida de uma pessoa e reconhecer o poder superior e a vitória de Cristo.

A plenitude da vitória

A medida que vivemos e lutamos contra o paradoxo do ‘agora’ e do ‘ainda não’ do reino, devemos sempre aguardar ansiosamente a plenitude e consumação da vitória de Cristo na Sua volta.

O Salmo 110 é a profecia do Antigo Testamento a qual Jesus mais se referia, segundo relatos do Novo Testamento. O Senhor Deus falou para Jesus assentar-se à Sua direita, e Ele está sentado lá, reinando no trono dos céus, desde a Sua Ascensão. Mas Jesus ainda está esperando que Deus subjugue as forças do inimigo.

Nós somos o povo ‘mui voluntário’ de Salmos 110:3 que, no dia do poder do Senhor, está espalhando o cajado do Seu poder nas nações entre os Seus inimigos. Mas ainda aguardamos pelo dia da ira e do julgamento de Salmos 110:5-7.

Naquele grande e terrível dia, cada joelho se dobrará diante de Jesus e toda língua O confessará como Senhor, e algo terrível acontecerá com o diabo e suas forças, o que a Bíblia descreve como sendo jogados em um lago de fogo.

No dia daquela vitória final, todo o mal será destruído, toda a morte cessará e o Filho devolverá o reino ao Pai. O ‘ainda não’ finalmente se tornará o ‘agora’ – por toda a eternidade. Essa fase final será o maior momento na vida e ministério de Jesus. Lemos a respeito desse tema em 1 Coríntios 15:24-28; Filipenses 2:9-11; Apocalipse 20:10 e 14.

Vivendo em vitória

O verbo grego *katargeo* muitas vezes é traduzido como ‘destruir’ ou ‘abolir’, e é usado em Hebreus 2:14; Romanos 6:6 e 2Timóteo 1:10 em referência ao diabo, à carne e à própria morte.

No volume *Alcançando o Perdido*, vemos que o verbo *apollumi*, ‘perder’ ou ‘perecer’ se refere a ‘uma perda de bem-estar’ em vez de uma ‘perda de existência’ – à ruína em vez de extinção: e o mesmo ocorre com *katargeo*.

Katargeo significa ‘tornar ineficaz’ ou ‘infértil’ ou ‘tornar inoperante’ e foi esse o verbo usado na palavra grega do primeiro século para descrever solos inférteis e árvores infrutíferas. Elas ainda existiam e não haviam sido destruídas, mas haviam sido cortadas e eram bastante improdutivas.

Portanto, quando o Novo Testamento usa *katargeo* em referência ao diabo, à carne e à morte, não está sugerindo que haviam sido completamente ‘destruídos’ na cruz. O diabo ainda está ativo; a carne continua a se impor em nossas vidas; a morte continua a operar no mundo: essas coisas ainda existem, mas foram cortadas e quebradas na cruz.

Isso significa que vitória decisiva de Cristo não aboliu o diabo, a carne e a morte, simplesmente tirou-lhes a eficácia – retirou delas o poder que detinham.

Viver em vitória, então, significa viver sabendo que Satanás ainda existe, mas que o seu poder foi essencialmente desfeito; que a carne nos sugere todo tipo de maldade, mas essas são ameaças essencialmente vazias; que a morte ainda levanta a sua cabeça horrorosa, mas não temos nada mais a temer.

O texto de 1João 3:8 mostra que o Filho foi enviado pelo Pai para confrontar e derrotar Satanás, e também para desfazer o estrago que ele causou direta ou indiretamente. O Novo Testamento fala dos vários aspectos diferentes da vitória salvadora de Cristo, mas enfatiza especialmente a nossa liberdade triunfante da lei, da carne, do mundo e da morte em si.

Liberdade da lei

Em Romanos 6:14; 10:4; Gálatas 3:13, 23 e 5:18, o apóstolo Paulo ensina que nós fomos libertos da escravidão da lei por meio da vitória de Cristo na cruz.

A Lei condenou a nossa desobediência, e então nos trouxe para debaixo de sua maldição ou julgamento. Porém, a morte de Cristo nos libertou da maldição da Lei, pois Ele se tornou maldição por nós. Como vemos no volume *O Governo de Deus*, isso significa que Cristo foi a plenitude ou a consumação da Lei, e ela não nos escraviza mais por sua condenação.

Romanos 8:1-4 explica que não somos condenados quando estamos em Cristo, pois Deus condenou os nossos pecados no próprio Cristo.

Essa passagem mostra que Deus fez isso *para que* as exigências de justiça da Lei pudessem ser totalmente cumpridas em nós: e demonstra que a cruz nos libertou da condenação da Lei *para que* pudéssemos ser livres para viver andando em obediência ao Espírito Santo.

Isso significa que a vitória de Cristo sobre a Lei e nossa consequente liberdade dela é demonstrada ou fica evidente pelo nosso caminhar no e com o Espírito. Em outras palavras, a nossa vida no Espírito é a nossa experiência contínua da vitória de Cristo.

Liberdade da carne

Já vimos no volume *Alcançando o Perdido* que ‘a carne’, sarx, representa as pessoas em sua origem terrena, sua fraqueza natural e alienação de Deus, e que é ela que muitas vezes causa a atividade pecaminosa – Gálatas 5:16-19, por exemplo.

A característica básica da ‘carne’ humana é o egoísmo e Gálatas 5:16-21 lista algumas das consequências dos apetites naturais da carne. Jesus falou da liberdade que Ele oferece em João 8:34-36, e Romanos 6:6 mostra que a nossa liberdade da natureza caída e egoísta da carne vem da cruz.

É importante destacar que Gálatas 5:16-25 descreve a liberdade da carne em termos de andar com o Espírito. Mais uma vez, a nossa experiência contínua da vitória de Cristo é

demonstrada pela nossa caminhada no e com o Espírito. A nossa parceria com o Espírito é a nossa experiência de vitória.

Liberdade do mundo

Nós podemos dizer que a ‘carne’ é o que permite que o diabo encontre espaço em nós, e que ‘o mundo’ é a forma em que ele normalmente nos pressiona externamente. Nesse contexto, ‘o mundo’ significa uma sociedade sem Deus, que age contra a Igreja e que continuamente tenta comprometer os seus valores santos.

1João 2:15,16; João 16:33 e 1João 5:4,5 ilustram a incompatibilidade de amar o mundo e amar o Pai. Essas passagens mostram que o mundo é caracterizado por desejos egoístas, julgamentos superficiais e materialismo pecaminoso, mas que Jesus venceu o mundo e por meio Dele podemos vencê-lo também.

Ao afirmar que havia vencido o mundo, Jesus quis dizer que havia rejeitado os seus valores distorcidos e mantido Sua perspectiva santa sobre as pessoas e os bens materiais. Quando cremos em Jesus, nós compartilhamos Sua vitória sobre o mundo ao compartilhar os Seus valores eternos. E Romanos 12:1,2 e Gálatas 6:14 mostram que viver a vitória de Cristo sobre o mundo significa não conformar-se com os seus valores e ser continuamente transformados pela renovação da nossa compreensão da vontade de Deus.

Nada revela com mais clareza a natureza de Deus do que a cruz. É por meio da cruz que o mundo foi crucificado para nós, e nós para o mundo, de forma que fomos libertos de sua escravidão para viver a liberdade da vontade e dos valores de Deus.

Liberdade da morte

Hebreus 2:14,15 ensina que Jesus nos libertou do medo da morte, pois, por meio de Sua morte Ele ‘destruiu’ (ou melhor, ‘tornou ineficaz’) aquele que tem o poder da morte em suas mãos.

Devido ao pecado ser o ‘aguiilhão’ da morte, a principal razão pela qual a morte é dolorosa e desagradável, Jesus lidou com a morte lidando com o pecado. Foi o pecado que causou a morte em primeiro lugar, e continua a levar a humanidade a enfrentar

o julgamento divino após a morte – e essa raiz pecaminosa é a razão principal da existência de um temor universal da morte.

Cristo, porém, morreu pelos nossos pecados e os retirou de nós. Sua vitória sobre o pecado significa que somos libertos do temor do pecado e do julgamento, e conseqüentemente, do temor da morte.

Em 1Coríntios 15:54-57, o apóstolo Paulo assemelha a morte a um escorpião, cuja picada foi neutralizada e a um comandante militar cujo poder foi derrotado. Agora que fomos perdoados pela morte na cruz, a morte não pode nos machucar: por meio do nosso Senhor Jesus Cristo, Deus nos deu a vitória sobre o temor da morte.

É claro que, como o diabo, a morte ainda permanece: ela foi neutralizada e não eliminada ainda. Ela ainda existe, mas perdeu o seu poder de ferir e aterrorizar. João 11:25,26 registra a grande promessa de Jesus aos Seus discípulos sobre a morte: isso não significa que escaparemos da morte física, mas ela será simplesmente uma transição da vida na terra para a plenitude de vida.

O Cristo vitorioso

O livro de Apocalipse anuncia a vitória de Cristo mais claramente e mais enfaticamente do que qualquer outra parte das Escrituras. O Novo Testamento usa 29 vezes a palavra grega para vitória (*nike*, *nikos* e *nikao*, 'vitória' 'conquistar' ou 'vencer'), e 13 delas acontecem no Apocalipse. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 12:20; João 16:33; Romanos 12:21; 1Coríntios 15:54-57; João 2:13,14; 4:4; 5:4,5; Apocalipse 2:7, 11, 17, 26; 3:5, 12, 21; 6:2; 11:7; 12:11; 15:2; 17:14 e 21:7.

Parece que o Apocalipse foi escrito durante as últimas duas décadas do primeiro século, no reinado de Domiciano, quando a igreja primitiva sofria oposição e perseguição sistemática das autoridades romanas – principalmente porque recusou adorar o imperador.

No livro de Apocalipse, o Espírito, por meio de João, descortina o mundo invisível da realidade espiritual e nos permite ver o que está se passando por trás dos bastidores terrenos.

Usando uma linguagem altamente visual e muitas vezes simbólica, o Apocalipse revela que o conflito entre a Igreja e o mundo é simplesmente a expressão visível da luta invisível entre Cristo e Satanás, entre o Cordeiro e o dragão, entre a Semente da mulher e a serpente, e assim por diante.

O Apocalipse retrata esse conflito em uma série de visões dramáticas que os cristãos interpretam como sendo:

- Somente a era atual em que João vivia
- Toda a história da Igreja
- Somente os anos que precederão exatamente a volta de Cristo

Além do mais, algumas pessoas interpretam a série de visões dramáticas do Apocalipse na forma sequencial, enquanto outras as consideram como sendo revelações complementares que apresentam os mesmos eventos a partir de diferentes pontos de vista.

Entretanto, independente de como interpretamos o Apocalipse, devemos ter capacidade de reconhecer que ele nos ensina que:

- O conflito espiritual invisível está sempre refletido no mundo físico visível
- Cristo é vitorioso em cada aspecto da batalha
- Portanto, devemos ser vitoriosos também

Quase toda referência a Cristo no livro de Apocalipse o retrata como um vitorioso. Por exemplo:

- O livro inicia com referências ao Seu triunfo em 1:5 e 1:17,18
- As sete cartas para as igrejas de Cristo na terra, em 2:1–3:22, terminam todas com uma promessa específica para aquelas que vencerem 4:1–7:17 coloca o foco em Cristo no trono do céu: Ele é o Leão e o Cordeiro que reina e triunfa por meio do autossacrifício – isso fica claro especialmente em 5:5 e 5:9
- Os eventos climáticos retratados em 8:1–11:19 (guerra, fome, pragas, martírio, terremotos e desastres ambientais) são todos retratados sob o total controle do Cordeiro, que já está reinando e cujo reino perfeito se completará em breve. O capítulo 12 parece o ponto crucial do Apocalipse, e evi-

dencia analisar o conflito entre a Semente e a serpente. A vitória descrita no versículo 9 tem que ser a da cruz, porque as pessoas no versículo 11 vencem o dragão pelo sangue do Cordeiro.

Nesse ponto da visão, o diabo já havia sido derrotado e deposto do trono (tornado ineficaz, mas não destruído). Isso, no entanto, não encerra as suas atividades; ao contrário, a ira por causa de seu fim que certamente virá o leva a dobrar os esforços.

Isso enfatiza o que vimos em todo o Novo Testamento: A vitória definitiva foi ganha na cruz, mas o conflito ainda continua.

Os três monstros

O livro de Apocalipse descreve três aliados simbólicos que ajudam o dragão ferido.

Em Apocalipse 3:1–10, o dragão delega o seu poder, trono e soberania a um primeiro monstro que blasfema contra Deus, se opõe violentamente aos santos, os vence temporariamente e é adorado por todos, exceto pelos seguidores do Cordeiro.

Esse primeiro monstro parece simbolizar autoridades que *perseguem* a Igreja. Podemos dizer que esse tipo de ‘monstro’ foi visto na época de João no Império Romano, que ‘ele’ reapareceu em toda a história em regimes de todo tipo político que se opuseram à Igreja e exigiram total devoção de seu povo; que ‘ele’ pode ser visto em algumas partes do mundo hoje; e que ‘ele’ sem dúvida será ainda mais ativo nos Últimos Dias que antecederem a volta de Cristo.

O segundo monstro descrito em Apocalipse 13:11–18 parece um assistente do primeiro. Ele promove a adoração de falsos deuses, realiza sinais falsos e prepara para enganar. Força as pessoas a adorar a imagem do primeiro monstro e usar a sua marca.

Na época de João, esse monstro teria simbolizado aqueles que promoviam a adoração do imperador Domiciano. Mais uma vez, podemos dizer que ‘ele’ vem reaparecendo na História em toda religião falsa e ideologia herege que *engana* as pessoas, fazendo-as adorar qualquer outra coisa que não seja o Deus vivo e verdadeiro. Podemos ter certeza de que ‘ele’ se manifestará com mais clareza ainda no futuro.

O terceiro monstro aparece em Apocalipse 17:3 – após a vitória final do Cordeiro ter sido confiantemente prevista e celebrada mais uma vez em Apocalipse 14:1–5; 15:1–4 e 16:4–7. A arma desse monstro parece a *sedução em vez de perseguição ou engano*, e seu objetivo é intrincar as pessoas por meio da imoralidade e materialismo.

Os capítulos 17 e 18 descrevem essas atividades de sedução praticadas pelo monstro, o qual guerreia contra o Cordeiro, emaranhando os Seus seguidores na imoralidade e materialismo, duas das principais forças de sedução do diabo (sendo que o poder é a terceira). Apocalipse 17:14 deixa claro que o Cordeiro vencerá plenamente esse monstro.

Na época de João, esse monstro teria sido visto na corrupção moral do Império Romano, e na decadência moral que o levou ao colapso. Desde então, ‘ele’ continua tentando paralisar a Igreja por meio de atitudes imorais e materialismo desenfreado. Eu repito, podemos ter a certeza de que ele redobrá os esforços na medida em que o dia de sua derrota final se aproxima.

Os capítulos 18 e 19 descrevem a queda do terceiro monstro – e revelam que isso é certo e justo. Jesus, o Vitorioso, aparece em Apocalipse 19:11–16 para julgar e fazer guerra, e os três últimos capítulos do Apocalipse descrevem a destruição final de Satanás e da morte e a criação do novo céu e nova terra, onde Deus estabelece Seu governo perfeito.

Ser um vitorioso

A mensagem central de Apocalipse é clara: Jesus derrotou Satanás na cruz e um dia o eliminará completamente. É somente no ambiente dessas duas certezas absolutas que Apocalipse pode encorajar os crentes a confrontar as atividades constantes de perseguição, engano e sedução de Satanás.

O Espírito Santo, por meio do Apocalipse de João, nos insta a sermos vencedores, a entrar na vitória de Cristo na cruz e triunfar sobre o poder do diabo. E o Novo Testamento sugere que há duas maneiras simples de se tornar um vitorioso e viver em vitória.

Primeira, 1Pedro 5:8,9 e Tiago 4:7 nos instam a resistir ao

diabo, permanecer firme contra ele em fé. Não temos nada a temer, porque ele foi derrotado na cruz. Quando somos equipados com a armadura de Deus descrita em Efésios 6:10–17, podemos resistir a ele e prevalecer.

Não devemos fugir dos monstros da perseguição, engano e sedução do diabo; devemos resistir-lhe *em nome de Jesus, o Vitorioso*, de modo que o diabo fuja de nós como foge de Jesus.

Na verdade, não somos apenas vencedores, pois Romanos 8:37 nos descreve como *hupernikao* – ‘hiper-vencedores’ ou ‘super heróis’. Mesmo em tempos de tribulação, tristeza, perseguição, fome, guerra, pobreza e risco, Paulo proclama que deveríamos ser ‘mais que vencedores’ – por meio Daquele que nos amou.

Então, a segunda, Apocalipse 12:11 mostra que vencemos o diabo pelo sangue do Cordeiro e pela *palavra do nosso testemunho*. Como vemos no volume *Alcançando o Perdido*, somos chamados a proclamar, demonstrar e encarnar as boas-novas acerca de Jesus Cristo. E Atos 26:18 revela que é quando testemunhamos e ministramos a respeito de Jesus que as pessoas deixam Satanás e vêm para Deus; que o reino de Satanás encolhe e o de Deus expande.

Devemos nos lembrar de que é somente pela cruz de Cristo que podemos triunfar sobre Satanás – tanto em nossa vida pessoal como na missão da Igreja.

Sabemos que somos chamados à santidade contrita e ao evangelismo radical, ao autossacrifício altruísta e à persistência paciente; mas essas coisas têm significado e propósito somente porque a conclusão final da vitória esmagadora da Semente sobre a serpente – a qual Ele venceu quando morreu na cruz – está à vista.

A natureza cósmica da salvação

Até aqui nós focamos propositadamente a salvação pessoal. Contudo, seria relapso deixar de chamar a atenção para a dimensão cósmica da salvação em Cristo, pois a vitória do Calvário também é, sem dúvida, uma vitória para a criação. Na cruz, Jesus não somente redimiu os seres humanos da maldição do pecado, mas também a criação.

A Bíblia ensina que a deterioração e a corrupção entraram na natureza por intermédio da queda – Gênesis 3:17,18. É por isso que o mundo ‘muito bom’ que Deus criou atualmente está sujeito a fenômenos naturais e devastadores como tornados, terremotos, enchentes e tsunamis.

Porém, a natureza espera ansiosamente pela redenção, pelo mundo ser restaurado – como era quando Deus o criou. É a isso que Paulo se refere em Romanos 8:22 quando diz: ‘Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente sofrendo dores de parto até agora’. Para Paulo, o Jesus ressurreto é as primícias e a garantia da nova criação – 1Coríntios 15:20 – e a ressurreição de Jesus já colocou em marcha o início da redenção da natureza. Contudo, há um claro aspecto de ‘ainda não’ para isso também, e é a isso que 2Pedro 3:13 e Apocalipse 21:1 remetem quando falam de um futuro ‘novo céu’ e ‘nova terra’ – referindo-se ao tempo em que Jesus virá de novo para consumir plenamente a Sua vitória no Calvário.

Tudo isso significa que perdemos o escopo bíblico total acerca da salvação se nós focarmos unicamente a vitória para homens e mulheres. De fato, deve haver uma dimensão global para nossa teologia da salvação. E como abordamos no volume *Alcançando o Perdido*, isso significa que devemos ter uma ‘dimensão mundial’ legítima para nosso evangelismo, e perceber que a mensagem da cruz também é relevante para questões ambientais chave, como aquecimento global, conservação de energia e produção de alimento. Este escopo cósmico da salvação bíblica é a razão de os cristãos deverem se engajar com o mundo em todas as frentes – político, social, econômico, ambiental etc., e não somente o espiritual.

Parte Oito

Salvação e Nova Vida

Em *Alcançando o Perdido*, percebemos que a Bíblia normalmente considera a humanidade não salva como *apololos*, ‘perdida’, e esta é a palavra que Lucas 19:10 utiliza para resumir a missão de Jesus: Ele veio para salvar *apololos*, ‘o perdido’.

Apololos deriva do verbo grego *apollumi*, que quer dizer ‘arruinar completamente’, ou ‘estragar totalmente’, ou ‘perder completamente’. Embora algumas versões da Bíblia traduzam *apollumi* como ‘matar’, seu significado verdadeiro é ‘uma perda de bem-estar’, não uma perda de ser’: significa devastação e ruína em vez de extinção e morte.

A ‘perdição’ básica da humanidade é uma das razões chave para o ministério salvador de reconciliação de Deus. Homens e mulheres que estão totalmente perdidos necessitam com urgência serem achados, e então serem trazidos de volta a Deus (a quem pertencem legalmente) e plenamente reconciliados com Ele.

Embora seja a figura bíblica principal da humanidade caída, a ‘perdição’ não é a única imagem. As Escrituras usam uma gama caleidoscópica de palavras, metáforas, descrições e imagens na tentativa inspirada de revelar a plenitude da salvação misericordiosa de Deus. E as ideias de ‘mortalidade’ e ‘cegueira’ essenciais da humanidade caída são temas secundários encontrados ao longo da Bíblia. O morto e o cego não somente precisam ser achados e reconciliados, eles também precisam receber nova vida, e nova luz por meio da fonte de toda vida e toda luz. Eles precisam da vida e luz salvadoras de Deus, *bem como* de perdão, reconciliação, vitória etc.

Já vimos a graça salvadora de Deus em ação nos atos de expiação, revelação e vitória de Cristo, mas, – se é que é possível – a graça divina torna-se ainda mais clara no ato de Cristo de dar nova vida.

Embora possamos saber que Deus toma a iniciativa em alcançar o perdido, alguns homens e mulheres já achados e reconciliados parecem ainda duvidar de sua participação no processo de reconciliação – mesmo que tenha sido somente clamando por ajuda e levantando a mão.

Porém, pessoas mortas não podem fazer nada para se ajudarem. Elas não podem clamar por ajuda, não podem ressuscitar a si mesmas, não podem nem sequer estender uma mão coxa em direção a Deus. Em vez disso, precisam que Deus faça tudo por elas. É por isso que a salvação tem de ser pela graça de Deus.

Elas precisam do Jesus que veio como um pai divino para lutar pelo nascimento celestial de uma nova criação para lhes dar a nova vida que Ele trouxe à existência por meio da cruz.

Elas precisam daquele aspecto de Sua obra salvadora na cruz que tornou a vida eterna disponível gratuitamente a todos; e precisam que Deus, em Sua graça, os dê a elas, que Ele sobre o Seu Espírito divino no espírito morto delas, que Ele coloque a Sua semente divina no mais íntimo do ser delas.

Este aspecto ‘reprodutório’ da salvação deveria ser a prova final e convincente de que ela se dá totalmente por Deus e que é somente por Ele. Em outras palavras, no que diz respeito à Bíblia, ou fomos salvos pela graça ou não fomos salvos de jeito nenhum.

Novo nascimento

A maioria dos crentes tem familiaridade com as expressões ‘novo nascimento’ e ‘nascido de novo’, mas poucos pensam profundamente sobre essas ideias ou tentam entendê-las em seu contexto bíblico.

Cada aspecto da salvação está prefigurado nas quatro canções do servo de Isaías; e Isaías 53:10 e1 promete que, no dia de Sua morte, quando o servo for atingido pelas transgressões do povo de Deus, Ele verá ‘Sua semente’ e ‘o esforço de Sua alma’. Algu-

mas versões trazem a tradução precisa como ‘Sua posteridade’.

Pelo fato de a Bíblia mostrar que Jesus era esse ‘servo sofredor’, podemos ter a expectativa de que os evangelhos O descrevam vendo a Sua posteridade, o esforço de Sua alma, no dia da morte. E de fato registram que, após seis horas na cruz do que podemos considerar ‘parto espiritual’, Jesus estava em uma condição semelhante à de uma mulher em trabalho de parto – Ele estava resfolegando como o cervo no Salmo 42:1,2.

João 19:28–30 relata o *grito de sede* de Jesus, o qual cumpriu os Salmos 22:15 e 42:1 (quando os soldados responderam, eles cumpriram o Salmo 69:21) e Seu *grito de deleite triunfante*. À medida que morreu ‘fazendo esforço’, Jesus bradou ‘Está consumado!’ Porque, como o cervo de Isaías 53:10, Ele vislumbrara profeticamente a Sua semente, a Sua posteridade, o fruto de Seu sacrifício – uma nova criação, humanidade redimida, nascida de novo na natureza de Deus.

Em João 12:23–33, Jesus previu diversos aspectos de Sua morte salvífica na cruz. Ele explicou que a Sua morte revelaria a glória de Deus; que essa morte faria que o líder maligno do mundo fosse expulso e que *ela reproduzisse de modo maravilhoso a Sua vida e natureza*.

Nessa passagem profética importante, Jesus prometeu implicitamente que a Sua morte na cruz causaria o nascimento de um grande grupo de pessoas que reproduziriam a Sua natureza – exatamente do mesmo modo que um grão de trigo cai ao chão e morre para reproduzir a si mesmo e sua natureza.

Contexto do Antigo Testamento

Cada aspecto da cruz que nós analisamos estava prefigurado no Antigo Testamento, e não é diferente com a ideia do novo nascimento.

Passagens como Êxodo 4:22; Deuteronômio 32:6 e Oseias 11:1 mostram que todo o povo de Israel era considerado como filho unigênito de Deus. E passagens como 2Samuel 7:14; Salmo 2:7 e 89:27 revelam que as pessoas entendiam que o seu rei era um filho especial de Deus.

Alguns líderes argumentam que esses grupos de passagens se referem mais à ‘escolha de aliança’ do que ‘reprodução espiritual’, mas essas ideias não podem ser separadas. Como vimos, cada aspecto da salvação está ligado com a aliança de Deus e a promessa de nova vida e reprodução está no centro de todas as alianças bíblicas. A aliança de Deus com Abraão garantiu uma multidão de descendentes; Sua aliança com Moisés garantiu um povo, Sua aliança com Davi garantiu uma linha familiar; e Sua nova aliança com a humanidade Lhe garantiu uma multidão de descendentes, um povo santo, uma família divina. Isso sugere que Deus provê nova vida e novo nascimento toda vez que age em aliança.

O Salmo 2 é especialmente significativo: aponta para a aliança messiânica de Deus nos versículos 2 e 6–9, e vincula a ideia de ‘unção’ de Deus com ‘o gerar’ de Deus. (a palavra antiga para ‘gerar’ significa ‘procriar’ e se refere à parte especificamente masculina da reprodução – a doação de uma semente – em vez de todo o processo reprodutivo). Deus ungiu Jesus como Seu Filho amado – Ele é o Filho eterno do Pai eterno. No volume *Conhecendo o Filho* vemos que ‘o gerar’ do Filho refere-se à declaração pública que o Pai faz da adoção de Jesus ungiendo-O, ressuscitando-O dos mortos e entronizando-O à Sua direita. O Filho não se tornou o Filho por meio desses atos, pois Ele sempre foi o Filho. Esses atos de Deus demonstraram quem Ele era.

Contudo, o elo no Salmo 2 entre ‘ungir’ e ‘gerar’, a doação do Espírito de Deus e a doação da Semente de Deus, sugere que Aquele que Deus ‘gera’ é Aquele que Deus ‘unge’ com o Espírito. A associação com as promessas da aliança messiânica sugere que essa ‘geração e unção’ é parte da atividade da aliança de Deus.

Em certo aspecto, o Salmo 2 é uma ideia trinitária que é cumprida em Jesus: Ele é o Filho de Davi, o Filho único e primogênito de Deus, a Semente de Gênesis 3, o *Christos* – Aquele que é ungiado com o Espírito.

Entretanto, num aspecto mais profundo, o Salmo 2 prefigura o elo entre o dom do Espírito e o dom da nova vida que Jesus revela em João 3, e que é reafirmado em 1João 2:20–29.

Jesus e Nicodemos

Embora no Novo Testamento a ideia de ‘nova vida’ ou ‘novo nascimento’ se refira a passagens como Tito 3:5; 1Pedro 1:22–2:3 e 1João 3:9, ela é mais bem descrita por Jesus na famosa conversa noturna com Nicodemos, a qual está registrada em João 3:1–21.

Nicodemos parece uma das pessoas mencionadas em João 2:23–25, que acreditaram em Jesus por causa dos sinais que tinham visto: O ‘nós’ em João 3:2 sugere que Nicodemos pode ter sido o porta-voz delas.

Jesus respondera desfavoravelmente à fé deles em João 2:24,25, e esta é Sua resposta inicial a Nicodemos: A abordagem de um príncipe dos judeus em João 3:3, embora bem-intencionada, revela uma má compreensão básica a respeito de Jesus.

A resposta de Jesus em João 3:3 parece tratar a saudação de Nicodemos como uma pergunta implícita acerca da entrada no Reino de Deus. Jesus lhe explica que Ele não veio de Deus da maneira que Nicodemos pensa, mas no sentido exclusivo de ter descendido da presença de Deus especificamente para levar as pessoas para Deus.

O ensinamento básico de Jesus em João 3 é simples. As pessoas assumem a carne humana e entram no reino do mundo quando seu pai as gera e sua mãe as dá à luz. Do mesmo modo, as pessoas entram no reino de Deus somente quando são geradas e nascidas por Ele.

A vida terrena vem de nossos pais terrenos e por intermédio deles; a vida eterna vem do Pai celestial e brota por meio do Filho, o qual o Pai capacitou para nos dar nova vida.

Nicodemos ainda não compreendera o ensinamento de Jesus, e pensara que Jesus se referia ao fato de as pessoas terem de experimentar um segundo nascimento físico. Contudo, Jesus estava se referindo ao tempo prefigurado no Antigo Testamento quando homens e mulheres seriam renascidos como filhos de Deus.

Uma vez que Nicodemos não consegue entender a ideia de reprodução espiritual, de Deus gerando e dando à luz, Jesus prossegue com mais explicação.

Nascido do Espírito

Um dos testes mais simples da vida é ver se uma pessoa está respirando e, na época de Jesus, pensava-se que o sopro/espírito (a mesma palavra em hebraico) era o princípio básico da vida.

Deus deu vida física para a humanidade quando soprou ‘o sopro/espírito de vida’ nas narinas do homem em Gênesis 2:7. Do mesmo modo, a morte física ocorre quando Deus toma de volta o Seu sopro/espírito – vemos isso em Gênesis 6:3; Jó 34:14 e Eclesiastes 12:7.

Jesus explicou a Nicodemos que, assim como a vida física começou quando Deus colocou Seu sopro/espírito na humanidade, assim a vida nova começa quando Deus dá Seu sopro/espírito para a humanidade. Jesus insistiu, em João 3:5–8, que ninguém podia entrar no reino de Deus se não fosse ‘nascido do Espírito’ – a menos que recebesse o sopro de vida de Deus.

Como um membro do Sinédrio, Nicodemos deveria ter reconhecido grande parte disso, pois a doação do Espírito fora profetizada, por exemplo, em Isaías 32:15; 44:3; Ezequiel 36:25,26 e Joel 2.28,29.

(As palavras de Jesus em João 3 deveriam nos ajudar a entender que ‘nascer de novo’, ‘receber a nova vida’, ‘novo nascimento’ e ‘ser nascido do Espírito’ são expressões diferentes para a mesma conquista na cruz.)

Em João 3:6, Jesus comparou a carne e o Espírito do mesmo modo que acabara de comparar o nascimento terreno e celestial. Essa comparação não tem nada a ver com supostas divisões dentro dos seres humanos, nem é um contraste entre material e espiritual, pois ‘carne’ aqui se refere à humanidade em termos de seu nascimento no mundo – e, como tal, possui algo tanto do material como do espiritual. Em vez disso, a comparação de Jesus é entre pessoas ‘do modo que são’ e pessoas ‘do modo que podem ser’ – quando recebem nova vida e nascem do Espírito.

Em João 3:7,8, Jesus deixou claro a Nicodemos que há algo muito misterioso acerca de ser nascido do Espírito. Ele recorreu a Eclesiastes 11:5 e usou a imagem do vento para mostrar que o mistério não deprecia a realidade da ação do Espírito.

Embora possamos ver os efeitos do vento, não podemos ver o vento que causa tais efeitos. Da mesma maneira, podemos ver aqueles que nasceram de novo sem ver quando ou como o Espírito trabalhou neles, e sem saber por que uma pessoa nasce de novo e outra não.

O levantar do Filho

Em João 3:1–8, Jesus explicou que a entrada no reino de Deus exige que Este dê o sopro/espírito de vida e que isso é algo que ninguém pode fazer, exceto Deus. Nicodemos ainda não havia entendido e, em João 3:9, ele pergunta a Jesus como seria possível isso acontecer.

Jesus garantiu a Nicodemos que Ele sabia de fato o que estava falando, porque viera do alto – e insistiu que Ele era o único capacitado a responder à pergunta, porque ninguém mais já estivera no céu.

Embora os versículos 3 e 16 tendam a ser os versículos mais bem conhecidos de João 3, os versículos 14 e 15 são a chave para o capítulo, o núcleo do Evangelho de João, e a essência da ‘salvação e nova vida’. Em João 3:14,15, Jesus explicou que a nova vida só poder vir a existir por meio de Seu levantar na cruz. Isso significa que ‘nova vida’, ‘novo nascimento’, ‘ser nascido de novo’, ‘ser nascido do Espírito’ etc., somente é possível pela morte do Filho.

O versículo 14 é a primeira de três afirmações no Evangelho de João que se refere a Jesus ser ‘levantado’ ou ‘exaltado’: as outras estão registradas em João 8:28 e 12:32–34. (Devemos observar que, mais uma vez, este aspecto particular da salvação está previsto nas canções do servo de Isaías, 52:13.)

O verbo grego *hupsoo*, ‘ser levantado’ ou ‘exaltado’, também é usado em Atos 2:33 e 5:31 para se referir à ascensão de Jesus; e a palavra hebraica paralela, *nahah*, pode significar morte e glorificação – como em Gênesis 40:13 e 19. Isso sugere que o ‘levantar’ de Jesus começa em Sua morte, é publicamente vindicado em sua ressurreição, e é concluído em Sua ascensão.

Em João 3:15, Jesus disse a Nicodemos que o Seu levantar na cruz como Moisés levantou a serpente no deserto levaria diretamente ao dom de vida eterna para todos que vivem Nele.

Nessa passagem vital, Jesus prometeu a Nicodemos que Ele dará nova vida, vida eterna, vida infundável, quando for levantado e glorificado, é claro que essa nova vida será a vida dos filhos de Deus, a vida nascida do alto, a vida nascida do Espírito, o sopro do próprio Deus.

Confiança no Filho

Acreditar é um dos grandes temas do Evangelho de João, e o capítulo 20, versículo 31, declara que ele foi escrito com o propósito claro de levar as pessoas a crerem em Jesus, *de modo que* possam ter vida em Seu nome. Essa é a razão para a célebre ‘dúvida’ de Tomé no livro de João e para o clímax de sua dramática declaração no capítulo 20, versículos 27e 28.

Em João 3:15, Jesus disse a Nicodemos que a vida eterna vem por meio da fé Nele – mas é preciso estar claro que se trata da fé Naquele que *é levantado*. Muitas pessoas citam João 3:16 sem reconhecer a necessidade de ele ser entendido no contexto dos versículos 14 e 15.

A vida eterna que Jesus promete àqueles que creem é vida somente para os que creem naquele que foi levantado como o mastro que Moisés levantou no deserto. Isso significa que a nossa fé não levará à nova vida, a menos que se baseie firmemente na cruz.

Números 21:4–9 relata como os israelitas doentes, picados por cobra, os quais certamente morreriam, poderiam ser salvos de tal morte somente olhando para a serpente de bronze que Moisés fizera e erguera em um mastro como a afável provisão de vida dada por Deus em um momento de juízo. Se as pessoas cressem na provisão de Deus, e assim demonstrassem olhando *para o mastro*, elas viveriam; se não olhassem, elas morreriam com o veneno da cobra.

Da mesma maneira, Jesus veio do céu como provisão afável de Deus no dia do juízo para todos aqueles que estão morren-

do por causa da atividade antiga da serpente. Ele também foi levantado em um mastro como o meio de vida providenciado por Deus: Se demonstrarem sua fé na provisão afável de Deus, olhando para Aquele que *está na cruz*, as pessoas receberão vida eterna; mas, se não olharem para a cruz, elas perecerão.

De João 3:1 a 3:15, Jesus foca Nicodemos e o dom da nova vida para homens e mulheres específicos. Entretanto, nos versículos 16 e 17, Jesus mostra que o dom da nova vida dada por Deus é para o mundo inteiro. Ele deixa claro que Deus não pretende reproduzir apenas alguns filhos em Sua natureza; ao contrário; o Pai que salva e reproduz deseja dar vida nova ao mundo inteiro.

Nova vida em Cristo

O tema da nova vida domina os escritos dos apóstolos João e Paulo.

João apresenta a união entre o Pai e o Filho como padrão para a vida dos crentes em Deus, e descreve a nova vida destes crentes em termos de ‘permanecer em’ ou ‘estar em’ Jesus. Vemos isso, por exemplo, em João 6:56; 14:10–24 e 15:1–10.

A figura da vinha colocada por Jesus em João 15 expressa com intensidade a centralidade da vida de Deus fluindo por meio da vida de Seu povo. João 15:7 somente faz sentido se a vida, natureza e mente de Deus forem infundidas nos crentes.

João deixa claro que o dom da vida de Deus tem o propósito de produzir o caráter e qualidade da vida do próprio Deus. Aqueles que permanecem em Deus são obrigados a andar como Cristo andou e viver como Ele viveu: Vemos isso em 1João 2:5,6, 24, 27,28; 3:6, 24; 4:12,13, 15,16 e 5:20.

A ‘vida eterna’ que João descreve em 3:15,16; 6:40, 47; 20:31; 1João 1:2; 2:5 e 5:20 indica de fato uma existência espiritual na presença de Deus após a morte física, a qual é recebida antecipadamente pela fé Naquele que está na cruz – mas não se refere *somente* a isso.

Vida eterna para João *também* é uma realidade presente (ou então seu ensinamento acerca de permanecer em Cristo não faz

nenhum sentido). É uma nova maneira de existência presente que significa que os que creem Naquele que é levantado podem desfrutar uma qualidade de vida *na terra* que possui todas as características da própria vida celestial de Deus.

Vemos essa mesma verdade, mas com uma ênfase levemente diferente, nos escritos de Paulo. Ele se refere à 'vida eterna' como sendo principalmente futura – como em Romanos 2:7; 5:21; 6:22 e Gálatas 6:8. Entretanto, isso não significa que Paulo rejeite a ideia de a vida eterna ser experimentada pessoalmente no presente. A única questão é que ele usa uma multidão de expressões diferentes para descrever a nova vida dos crentes na terra.

Por exemplo, Paulo se refere à nova vida como:

- União com Cristo
- Em Cristo
- No Espírito
- Cristo em nós
- O Espírito em nós
- Em Cristo
- Revestindo-se de Cristo

Paulo parece usar essas expressões de modo intercambiável às vezes, mas todas elas sempre sugerem tanto um *ato histórico definido* como um *processo contínuo*.

Não importa qual frase Paulo use para descrever 'nova vida', ela sempre aponta para uma vida que foi trazida à existência por Deus na cruz: Refere-se a uma reprodução da natureza de Deus por meio do Espírito e por meio da morte do Filho. Apesar disso, todas as frases de Paulo também sempre se referem a um processo contínuo de viver a nova vida de Deus no mundo.

Vemos isso por toda a salvação: os dons de perdão e reconciliação na cruz tiveram o propósito de resultar em vidas que sejam continuamente caracterizadas por perdão e reconciliação; a revelação completa de Deus na cruz tem o propósito de levar a vidas que continuem revelando a natureza sacrificial de Deus; a vitória de Cristo na cruz tem o propósito de resultar em uma vida de vitória constante; assim também, o dom da vida nova

dada por Deus por meio da cruz tem o objetivo de levar a vidas que sejam continuamente (e cada vez mais) caracterizadas pela vida de Deus.

O dom da nova vida não é simplesmente a ‘entrada’ garantida no ‘céu’ (embora seja isso), é também o dom do sopro de Deus que tem o propósito de nos transformar em semelhança de Deus, a fim de que exibamos a natureza de Deus.

União com a morte e vida de Cristo

A maior parte das ilustrações de Paulo acerca da vida nova inclui uma identificação com a morte de Cristo, bem como uma incorporação em Sua vida.

Isso está claro especialmente em Romanos 6, onde Paulo apresenta o batismo como um símbolo e selo de nossa união com Cristo em Sua morte e ressurreição. Nesse capítulo, Paulo afirma que, assim como a morte de Jesus foi um evento histórico, assim também a incorporação dos crentes nesta morte é igualmente histórica.

Segundo Paulo, quando Cristo morreu na cruz, todos os que eram unidos a Ele também morreram. Isso quer dizer que somos imediatamente unidos a uma morte que ocorreu quando colocamos nossa fé em Cristo na cruz. Deveria estar claro que esta automorte é necessária antes de podermos participar da vida ressurreta de Cristo.

Vimos que a vitória de Cristo na cruz nos capacitou a participar de Sua vitória. Isso somente é possível, porém, porque Deus nos une com Cristo em um novo tipo de vida em que a carne pecaminosa deixa de ter a autoridade outrora possuída – pois foi morta na cruz. É por isso que Paulo nos insta em Romanos 6:11 a nos considerar mortos para o pecado e vivos para Deus – é a verdade real, não uma ficção.

Embora o uso que Paulo faz do simbolismo do batismo em Romanos 6 aponte para a nossa união na morte de Cristo, o foco maior é em nossa união com Sua vida ressurreta.

A morte salvífica de Jesus foi gloriosamente vindicada na realidade histórica de Sua ressurreição. Isto revelou que uma

transformação cósmica ocorreu na cruz e que agora era demonstrada por um novo jeito ressurreto de vida. Nossa união com Cristo – por meio do dom da nova vida – significa que abraçamos o jeito de vida ressurreto de Cristo e o vivemos na terra.

Em Deus

Ao descrever em 2Coríntios 5:17 a nova vida dos crentes ‘em Cristo’ como uma ‘nova criação’, Paulo está se referindo à mudança radical que ocorre quando alguém recebe a nova vida de Deus e crê Naquele que é levantado na cruz.

Paulo usa ‘em Cristo’ para expressar a ideia de que o que aconteceu com Cristo afeta cada um que crê Nele. A ‘nova criação’ acontece para um crente porque aconteceu para Cristo como consequência da cruz: Acontece a nós porque somos unidos com Ele por um milagre da graça.

Em suas cartas, Paulo usa ‘em Cristo’ extensivamente para mostrar que nossa vida tanto é completamente dependente de Cristo, como dependente de nossa união ou incorporação com Ele.

Paulo descreve cada aspecto da vida cristã – individual e também coletiva – como ‘em Cristo’: Nossa *redenção passada*, nossas *atividades atuais*, e nossa *futura herança*. Vemos isso, por exemplo, em Romanos 3:23; 8:1, 39; 16:3–12; 1Coríntios 1:5; 4:10, 15, 17; 15:22; 2Coríntios 2:17; 5:17; 13:4; Filipenses 1:1, 13; 2:1; 4:13; Colossenses 2:15; 1Tessalonicenses 1:1 e 2:14.

Em toda esta série *A Espada do Espírito*, observamos que a Bíblia considera a vida cristã como sendo dominada pelo Espírito. Em Romanos 8:9, Paulo afirma que crentes cristãos não estão na carne, mas no Espírito e identifica o Espírito tanto como o Espírito de Deus como o Espírito de Cristo. Isso demonstra que, para Paulo, ‘no Espírito’ e ‘em Cristo’ expressam a mesma ideia da nova vida em Deus que o crente possui.

Como vimos, a mudança radical da vida nova que foi validada em Cristo ocorreu somente por intermédio do Espírito.

O Deus que habita

A compreensão de Paulo acerca da nova vida que Deus reproduz em nós é tão rica que ele complementa o conceito chave 'em Cristo' com um segundo conceito 'Cristo em nós'. Da mesma maneira, sua ideia muito comum 'no Espírito' às vezes é complementada por 'o Espírito em nós'.

A graça está muito clara nessas ideias: A iniciativa obviamente está fora de nosso controle, e outra presença assume. Essa é a imagem mais dinâmica que Paulo apresenta da nova vida. Vemos isso, por exemplo, em Romanos 8:9; 2Coríntios 13:5; Gálatas 2:20; Efésios 3:17 e Colossenses 1:27.

Romanos 8 é uma passagem clássica de Paulo acerca do Deus que habita: Romanos 8:9 enfatiza que a nova vida é o oposto da vida antiga na carne, e que é o resultado da habitação do Espírito.

O 'Espírito que habita' implica uma maneira completamente nova de viver. Isso sugere que, em certo sentido, o Espírito realmente toma posse de um crente, o qual se torna então um novo templo do Espírito. Segundo Paulo, é essa presença interior que garante nossa posição espiritual, nossa nova vida e nossa adoção eterna: Vemos isso, por exemplo, em Romanos 8:16; 1Coríntios 3:16; 6:19; 2 Coríntios 1:22 e 5:5.

Simplificando, se Deus não coloca Sua vida dentro de nós, se Ele não coloca o Seu Espírito dentro de nós, não temos a vida nova – permanecemos na carne, continuamos mortos e sem salvação.

Despir-se e vestir-se

No Novo Testamento, o abandono da velha vida e o abraçar da nova se apresentam como um momento histórico que ocorreu no Calvário, e ao qual somos unidos pela graça mediante a fé Naquele que está na cruz: Vemos isso em Colossenses 3:9,10. 'Abandonar e abraçar', contudo, *também* é apresentado como um processo contínuo que é, em si mesmo, uma característica da nova vida, e vemos isso em Colossenses 3:12–14.

É bem semelhante ao sacrifício altruísta de Cristo: Pode ter ocorrido de modo definitivo na cruz para expiação, mas sempre será a essência da vida ressurreta que compartilhamos.

Paulo escreve sobre se revestir de Cristo em Romanos 13:14 e Gálatas 3:27. Em Romanos 13:14, revestir-se de Cristo se apresenta como o oposto de ser dominado pela carne e seus desejos. É um novo modo de vida, e significa viver de um modo que se conforma ao modo de viver de Cristo.

Em Gálatas 3:27, porém, Paulo usa novamente o simbolismo do batismo para descrever a nova vida. É como se aqueles que são batizados se embrulhassem nas novas roupas de Cristo para entrar em uma nova esfera de vida.

Paulo também usa a metáfora do 'revestir-se' em Romanos 13:12 e Efésios 6:10 para sugerir novos modos de vida. Efésios 4:24, entretanto, é de longe o uso mais significativo dessa metáfora.

Nessa passagem, Paulo não está sugerindo que o novo homem seja sobreposto ao velho; ele está exigindo uma transformação crescente que reproduza cada vez mais a semelhança de Deus em santidade. Do mesmo modo, o processo de 'revestir-se' em Colossenses 3:12–15 inclui o desenvolvimento de compaixão, bondade, humildade, paciência e amor.

Paulo também enfatiza a importância de despir-se da velha maneira de viver em Romanos 13:12; Efésios 4:22–31 e Colossenses 3:8. Despir-se não é uma pré-condição para vestir-se, pois isso eliminaria a graça. Em vez disso, podemos somente nos despir do velho uma vez que tivermos abraçado o novo. É o dom da vida de Deus que nos capacita a começar nos despir das velhas maneiras de viver e passar a viver o modo de vida de ressurreição que Ele oferece.

Em meio a tudo isso, em Efésios 4:30, Paulo adverte contra entristecer o Espírito. Devemos nos lembrar de que a nova vida em Deus somente é possível mediante o Espírito que habita em nosso interior. E aqueles de nós que possuem a vida de Deus devem ser sensíveis às exigências do Espírito quanto à maneira de lidar com os velhos modos de viver.

O ato de salvação de Deus por meio da morte de Seu Filho na cruz produziu vida nova, reproduziu a vida de Deus em uma nova criação. Porém, a nova vida não é uma existência automática, é um relacionamento vivo, uma parceria intensa, e precisamos da ajuda contínua da Palavra e do Espírito para desfrutar os benefícios da nova vida dada por Deus e para avançar em direção à maturidade que Ele deseja. Devemos nos apossar continuamente desses benefícios e nos render às suas influências em nossas vidas.

Parte Nove

Pela Graça Mediante a Fé

Neste livro, esforçamo-nos para enfatizar o ensino bíblico fundamental de que a salvação é somente pela graça, somente por Deus, somente pela fé. Entretanto, sempre devemos nos lembrar de que a Bíblia é muito mais que uma tese acadêmica a respeito de graça e fé.

Precisamos nos lembrar de que a salvação bíblica é sempre colocada no contexto dos diferentes relacionamentos que Deus estabeleceu com os homens e mulheres. A salvação pela graça por meio da fé é sempre *relacional* e nunca simplesmente teórica!

Também tentamos enfatizar que a mensagem da salvação não se restringe ao Novo Testamento. A esta altura, já deve estar claro que o Novo Testamento assume e aprofunda o entendimento a respeito de salvação contido no Antigo Testamento, e deixa algumas partes muito mais explícitas (além de adicionar muita coisa melhor e nova!)

Por exemplo, a convicção no Antigo Testamento de que somente Deus é quem salva – e não a humanidade – é repetida por Jesus no elo que Ele faz entre a salvação e o reino. No Antigo Testamento, a salvação de Deus é recebida simplesmente *pela fé*; e Jesus ensina que no reino salvífico de Deus também se entra simplesmente pela fé. Nos dois casos, é Deus quem salva

– não teoricamente, no abstrato; mas na prática, no processo histórico concreto.

O Antigo Testamento registra muitos atos salvíficos relacionais (como o êxodo), e eles sempre envolvem um resgate dos inimigos, um grande esforço da parte de Deus, um senso de triunfo e integridade nas pessoas salvas, e uma vindicação de sua confiança em Deus.

É semelhante no ministério salvífico de Jesus – exceto que agora os inimigos e os resultados são espirituais e o grande esforço divino é a morte sacrificial do Filho de Deus.

Um entendimento integrado

O Novo Testamento *integra* o ministério salvífico de Jesus com os atos salvíficos de Deus no passado.

Ensina que a vinda de Jesus trouxe para a experiência presente todas as esperanças, desejos, expectativas, promessas e profecias do Antigo Testamento. Anuncia que o Messias, o Cristo, o Ungido, veio para cumprir os propósitos de Deus. Revela que Deus salvou e redimiu o Seu povo. Declara que o Filho de Davi derrotou os Seus inimigos e agora reina nas alturas.

Esse enfoque desenvolveu o entendimento de salvação integrada do Antigo Testamento, a qual envolvia:

- *Relembrar* o que Deus fizera por Seu povo por meio da Páscoa, livrando-os da escravidão e levando-os para uma nova vida na Terra Prometida
- *Olhar em torno e ver* o que Deus estava fazendo naquele dia e ansiar por uma experiência maior da Sua salvação no presente. A salvação, para Israel, sempre incluiu uma luta diária contra os inimigos e adversidades na Terra Prometida, bem como uma compreensão mais profunda de sua comunidade e identidade nacional
- *Aguardar ansiosamente*, com esperança, o dia em que o Messias viria e os salvaria plena, cabal e completamente e faria tudo certo e novo

Esse enfoque ‘passado, presente e futuro’ da salvação relacional se amplia por todo o Novo Testamento, e é um enfoque

que precisamos entender com mais profundidade nos dias de hoje.

A salvação no passado

Os crentes relembram corretamente a salvação como um evento histórico do passado, que foi cumprido de forma cabal e definitiva. Sabemos que foi somente Deus que nos *livrou* das garras da morte e do poder de Satanás por meio do sangue substitutivo sacrificial de Seu Filho – pois não podíamos libertar a nós mesmos de nossos captores e nem pagar o preço de nossa culpa.

Sabemos que é Deus somente que *venceu* e resolveu a nossa separação. Estávamos alienados Dele pelo nosso pecado; Ele estava alienado de nós por Sua ira; e não havia nada que pudessemos fazer para transpor o abismo.

Na morte expiatória de Cristo, porém, nosso pecado *foi* removido e a ira de Deus *foi* satisfeita. Ele pode olhar para nós com prazer e nós podemos olhar para Ele sem medo. Nosso *pecado* foi perdoado e Deus *recebeu* propiciação!

Sabemos que é somente Deus que nos justificou e nos declarou sem culpa. Fomos responsáveis por nosso pecado. Fomos culpados por nossa rebelião. Fomos culpados e condenados diante de Deus.

Porém, por meio da morte de Jesus, uma morte substitutiva, confessional, que levou sobre si o pecado e foi mediadora – e que absorveu e esgotou o juízo de Deus – e por meio da imputação de Sua justiça em nós, Deus *nos declarou* eternamente livres de toda culpa e capazes de viver em Sua presença.

E sabemos que é somente Deus que nos *deu* o dom da nova vida. Estávamos espiritualmente cegos. Estávamos espiritualmente mortos. Não havia nada que pudessemos fazer para abrir os nossos olhos ou para ressuscitar a nós mesmos. Nossa situação era desesperadora.

Porém, o Filho *foi exaltado*. Ele *lutou* para dar à luz uma nova criação. Ele *morreu* como um grão de trigo para reproduzir a Sua vida. Deus *soprou* o Seu sopro/espírito em nós. Nós nascemos de novo. Fomos nascidos do Espírito.

Esses são todos feitos objetivos, passados e concluídos de Deus e Dele somente. São eventos históricos práticos e concretos – tão reais quanto a arca, o êxodo e os outros grandes atos da salvação relacional que transformaram as vidas do povo de Deus no passado.

Deus *agiu* vitoriosamente em Sua graça contra o pecado, o juízo, a morte e o diabo. Ele *recebeu* propiciação. Nós *fomos* perdoados. Nós *fomos* justificados. Nós *fomos* redimidos. Nós *fomos* reconciliados. Fomos nascidos de novo para uma nova vida. Nós fomos salvos. Como Cristo declarou triunfantemente na cruz: ‘Está consumado!’

Salvação no presente

Porém, nosso entendimento e experiência da salvação bíblica, integrada e relacional não deve permanecer no passado. Deus não nos salvou plena e completamente no passado, Ele também está nos salvando plena e completamente no presente.

O Novo Testamento chama essa experiência presente da salvação de ‘santificação’, que significa ‘ser separado’. Mais uma vez, essa afirmação está profundamente arraigada no Antigo Testamento.

Deus separou o sábado, o templo, os artefatos cerimoniais, os sacerdotes, os levitas, até mesmo a nação. Ninguém poderia ser separado por consagração humana. O direito de separar pertencia somente a Deus; e o que quer que fosse que Ele separasse era chamado de ‘santo’ – não porque era bom ou especial em si mesmo, mas porque Ele o havia separado para propósitos especiais.

Da mesma maneira, o Novo Testamento considera os crentes como ‘separados’, como ‘santos’, como ‘santificados’ – não como uma recompensa por ser bons em si mesmos, mas porque Deus os separou para servir somente a Ele e a Seus propósitos. Os crentes são chamados a serem templos e sacerdotes; suas vidas devem ser como artefatos e como um sábado santo; e devem ser membros de uma nova nação.

Se, contudo, temos sido santificados para Deus, devemos continuar sendo santificados por Ele. Revestimo-nos de um novo

homem, revestimo-nos de Cristo, porém, devemos continuar nos revestindo Dele. Crucificamos a velha natureza, mas devemos continuar crucificando-a continuamente – todos os dias.

Esse presente aspecto *vivencial* de santificação tem sido tradicionalmente considerado de três maneiras diferentes no cristianismo.

- O pensamento ‘wesleyano’ ou ‘santidade’ normalmente explica a santificação como ‘amor divino que expele o pecado’, como o amor puro de Deus dominando o coração e a vida de um crente de tal modo que expele cada atitude e atos errados e controla todos os pensamentos, palavras e ações.

Os wesleyanos alegam que, após a regeneração, os crentes devem, pela fé, ter uma segunda experiência de ‘santificação completa’ ou ‘perfeição cristã’. Eles baseiam essa ideia em passagens como 1João 1:7–9; 3:6–9 e 5:18, as quais, alegam eles, defendem a esperança de que podemos ser salvos, no presente, de todos os pecados.

- Os crentes reformados normalmente explicam a santificação em termos da ideia que Paulo tinha da luta no interior do eu, a qual ele descreve em Romanos 7:7–25 e Gálatas 5:16–26.

Eles sugerem que a luta dos crentes entre a carne e o espírito é contrária à lei de Deus, mas que ela continua até a morte por causa da dinâmica do ‘agora e ainda não’ do reino. Eles ensinam, porém, que há uma substituição progressiva da antiga natureza pela nova por meio do arrependimento, fé e obediência.

- Os pentecostais ensinam que todos os cristãos deveriam buscar e receber um batismo espiritual (prometido em Atos 1:5–8) que é subsequente à regeneração.

Eles defendem que essa ‘unção’ com o Espírito Santo é dada para prover o poder do próprio Deus para proclamar o evangelho e para viver a nova vida Dele, com a santidade Dele.

Ao contrário de muitos wesleyanos (e daqueles primeiros pentecostais que eram influenciados pelo movimento de santidade), eles não creem que essa unção crie uma ‘perfeição

imaculada automática', mas que ela realmente forneça o poder divino que possibilita uma experiência mais profunda da santidade de Deus.

E, diferentemente de outros crentes, os pentecostais não creem que Deus tenha a expectativa de que eles lutem contra a carne com a própria força. Em vez disso, eles insistem que Deus, pelo Espírito, *os capacita*, pela fé e unção deste mesmo Espírito, a superar os ataques da carne e do diabo, e a viver com a santidade de Deus. (Isso não deve ser interpretado como se os pentecostais considerassem o batismo no Espírito e a santificação como a mesma coisa – como de fato não o são).

Analisamos a experiência presente da salvação em toda essa série *A Espada do Espírito*, especialmente no volume *O Governo de Deus, Glória na Igreja, Fé Viva e Conhecendo o Espírito*.

Salvação no Futuro

Com frequência enfatizamos nesta série que o reino é 'agora, mas ainda não'. Enfatizamos por diversas vezes que Cristo está presente no mundo agora pelo Espírito, mas que Ele também ainda está por vir; que a morte e o diabo foram derrotados, mas que ainda não foram destruídos; que a plena salvação foi recebida, mas que ela ainda não foi recebida por completo – e assim por diante.

Como crentes, não deveríamos somente lembrar a cruz com louvor e ação de graças pelo que Deus fez; não deveríamos somente olhar para Ele no presente pelo que o Espírito está fazendo em nossas vidas para nos tornar mais parecidos com Jesus e participar com Ele em Seu ministério; nós deveríamos também olhar para a frente, para o dia final da salvação, quando Jesus voltará, a morte e o diabo serão finalmente destruídos, todo joelho se dobrará ao Senhor dos senhores e Rei dos reis, e Deus firmará um novo céu e uma nova terra.

Não é de surpreender que esse aspecto da salvação relacional também esteja firmemente baseado no Antigo Testamento. Os profetas esperavam ansiosamente pelo dia em que o Deus

que visitara repetidas vezes o Seu povo os visitaria finalmente para julgar o malvado, redimir o justo e remover da terra o diabo. Eles chamavam esse dia de ‘o Dia do Senhor’ ou ‘aquele Dia’.

O Novo Testamento considera que a primeira vinda de Cristo seja o *cumprimento* dessa esperança do Antigo Testamento, e que a Sua segunda vinda será a *consumação* dessa esperança. Pois o que o Antigo Testamento prevê que acontecerá um dia, o Novo Testamento revela que será cumprido em dois dias.

O Novo Testamento ainda espera ansiosamente por um dia de salvação grande e final, e o chama de:

- O dia do Senhor – Atos 2:20; 1 Tessalonicenses 5:2 e 2 Pedro 3:10
- O dia do Senhor Jesus – 1 Coríntios 5:5 e 2 Coríntios 1:14
- O dia de nosso Senhor Jesus Cristo – 1 Coríntios 1:8
- O dia de Jesus Cristo – Filipenses 1:6
- O dia de Cristo – Filipenses 1:10 e 2:16
- O dia de Deus – 2 Pedro 3:12
- Aquele dia – Mateus 7:22; 24:36; 26:29; Lucas 10:12; 2 Tessalonicenses 1:10 e 2 Timóteo 1:18
- O último dia – João 6:39–44; 11:24 e 12:48
- A segunda vinda – Hebreus 9:28

O Novo Testamento utiliza diversas palavras gregas importantes para descrever e representar esse dia futuro da salvação. *Parousia*, ‘presença’ ou ‘chegada’, é usada em 1 Coríntios 16:17 e 2 Coríntios 7:7 para designar a visita de um líder. O mesmo Jesus que ascendeu ao céu visitará a terra novamente, em pessoa, no final dos tempos, em poder e glória, para destruir o anticristo e o diabo, para ressuscitar os justos mortos, e para reunir os remidos. Vemos isso, por exemplo, em Atos 1:11; Mateus 24:3, 27; 2 Tessalonicenses 2:8; 1 Coríntios 15:23; Mateus 24:31 e 2 Tessalonicenses 2:1.

Sua volta será uma *apokalupsis*, uma ‘revelação’ ou ‘divulgação’, quando o poder e glória que já são Dele, em função de Sua exaltação, forem plenamente revelados ao mundo. Vemos isso em Filipenses 2:9; Efésios 1:20–23; Hebreus 1:3; 2:9 e 1 Pedro 4:13.

E Seu retorno também será uma *epiphaneia*, um ‘aparecimento’. Será claramente visível a todos e de ninguém ocultado – 2 Tessalonicenses 2:8; 1 Timóteo 6:14; 2 Timóteo 4:1, 8 e Tito 2:13.

Esse dia final da salvação será marcado pela ressurreição dos mortos em Cristo, pela transformação daqueles que estão vivos, em Cristo, na terra, a consumação do reino de Deus, o juízo final e a punição final do anticristo, do diabo e do não salvo – que serão banidos para sempre da presença e das bênçãos de Deus.

Um novo céu e uma nova terra emergirão desse julgamento, e o povo de Deus habitará nessa terra em corpos redimidos em perfeita comunhão com Ele. A esta altura, a obra salvífica de Deus terá finalmente sido concluída; Seus atos passados, presentes e futuros de salvação terão se encontrado na eternidade.

Podemos dizer que a salvação no futuro tem a ver com estar com Cristo, compartilhar Sua presença, ser levado à Sua vida de ressurreição, receber nossa recompensa e herança, abandonar os vestígios finais do pecado, receber um novo corpo da ressurreição, e com comunhão perfeita, eterna e infinita, face a face, com Deus.

Somente a fé

Toda vez que analisamos a magnitude absoluta da salvação, deveríamos ter de segurar o fôlego num sentido de admiração santa e de percepção de nosso desmerecimento humano. De que modo isso pode ser possível para um pecador, para nós?

Neste livro nós focamos a declaração bíblica de que a salvação é somente pela graça, somente por Deus. É ideia Dele, iniciativa Dele, Sua boa vontade e propósito, Seu feito. Em outras palavras, a salvação é totalmente pela graça de Deus.

Porém, essa nunca foi a figura completa da salvação. Vimos que Deus não forçou Adão e Eva a remover as folhas de figueira e vestir as túnicas da graça. Em Sua graça, Deus fez o sacrifício necessário, proveu as roupas manchadas de sangue, estendeu as mãos e ofereceu as roupas ao casal de pecadores indignos – mas Ele não o obrigou a recebê-las.

Em vez disso, Adão e Eva tiveram de crer com suas mentes que a provisão de Deus era melhor que a deles, e então tiveram de agir com base nessa crença praticamente removendo as folhas de figueira e deixando Deus vesti-los com as túnicas Dele. Eles foram salvos somente pela graça, mas receberam a salvação somente por meio da fé.

O mesmo ocorreu com Noé. Deus não impôs a arca da salvação a ele; Deus simplesmente mostrou a Noé o caminho da salvação, pediu que Noé cresse em Sua provisão, e então esperou que ele agisse com base em sua fé. Noé foi salvo pela graça, mas ele também foi salvo mediante a fé.

O princípio divino está em todo o Antigo Testamento. Deus sempre agiu em graça, mas nunca impôs Sua salvação ao Seu povo – pois os estava chamando a um relacionamento de amor verdadeiro, livre e de respeito mútuo.

Em graça, Deus providenciou a promessa de Páscoa, o caminho pelo mar Vermelho, a serpente ‘levantada’ no deserto e assim por diante. Porém, as pessoas sempre tiveram de crer em Deus e agir com base em sua fé: Elas tiveram de passar o sangue nos umbrais de suas portas para viver, tiveram de andar entre as paredes de água para viver, tiveram de olhar para a serpente para viver, e assim por diante.

Isso significa que podemos dizer que Israel foi livrado inteiramente pela graça, mas que recebeu o livramento por ‘agir com base na fé’, por fé. Essa relação entre graça e fé foi a essência do relacionamento de aliança de Israel com Deus.

Isso não significa que nossa salvação seja ‘baseada na fé em obediência’, ao contrário de ‘fé somente’. As pessoas nos exemplos bíblicos citados tiveram de agir com base na fé para serem libertas ou receberem as bênçãos que Deus lhes tinha prometido – mas até mesmo isso era uma expressão imediata de sua fé ativa já presente. Em dado momento, elas creram e, por isso, ‘cruzaram uma linha’ – elas transferiram a confiança de si mesmas para Deus.

No Novo Testamento, Jesus convoca o povo a crer Nele (vemos no volume *Fé Viva* que ‘acreditar’ é simplesmente a forma

verbal do substantivo ‘fé’). Jesus o Cristo, Jesus o Messias, era a encarnação da graça; Ele era a graça de Deus, a salvação de Deus, presente em pessoa.

Ele veio em graça para servir e salvar, mas Ele não impôs a Sua salvação a ninguém. Ele chamou as pessoas a crer na provisão salvadora de Deus e agir com base em sua fé. Ainda somos salvos inteira e exclusivamente pela graça, e ainda recebemos nossa salvação inteira e exclusivamente pela fé. Nós somos salvos ‘por Sua graça por meio de nossa fé’ – e esta é a essência de nosso relacionamento de aliança de sangue, feito na cruz, com Deus.

Obras e fé

Sempre houve aqueles que enfatizaram o elemento ‘agir com base em’ da fé, e que sugeriram que esta é a parte mais importante da salvação.

Eles olharam para Noé, por exemplo, e reconheceram sua fé em Deus, mas insistiram que ele não teria sido salvo se não tivesse cortado as árvores, desenhado e construído a arca, reunido os animais, e assim por diante. Eles sugeriram que Noé foi salvo pela graça e atividade, pela graça e obras.

Eles olharam para o povo de Israel e reconheceram sua fé em Deus, mas insistiram que este povo não teria sido salvo se não tivesse sacrificado os cordeiros e aspergido o sangue nas portas: Eles argumentam mais uma vez que Israel foi salvo pela graça e pela atividade.

Do mesmo modo, eles têm insistido (pelas eras e em cada tradição da Igreja) que somos salvos pela graça de Deus por meio de nossas obras. Eles defendem que, se quisermos receber o dom de salvação de Deus, devemos fazer as obras de fé – devemos praticar devoções religiosas, evitar o pecado, cuidar do necessitado, dar generosamente, e assim por diante. Eles dizem que para ser genuína, a fé salvadora deve estar acompanhada de obras. Portanto, a salvação não é apenas pela fé, porque as obras são consideradas uma condição da salvação.

Contudo, esse argumento é inconsistente, porque ignora o

elemento essencial em todos esses exemplos dos atos salvíficos de Deus no Antigo Testamento. Por exemplo, Noé foi salvo do dilúvio entrando na arca. Nós somos salvos do julgamento eterno mediante a nossa 'entrada em' Cristo pela fé. O fato de que Noé teve de construir a arca da sua salvação não tem nada a ver com o ensinamento neotestamentário sobre salvação. Nós não construímos nossos próprios meios de salvação. Nós simplesmente cremos em Cristo, a provisão da nossa salvação que foi construída completamente por Deus. Do mesmo modo, Israel foi salvo da praga da morte por agir em fé e obediência à Palavra de Deus referente ao Cordeiro de Páscoa. Porém, o ato fundamental de fé foi aplicar o sangue nos umbrais e vergas das portas de suas casas. Nossa salvação vem por aplicar o sangue de Cristo, pela fé, às nossas vidas e pela confiança somente em Cristo para nos salvar.

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, o elemento fundamental é sempre a fé. A obediência segue a fé, mas é a fé que salva. Como vimos, o modelo dessa fé salvadora é Abraão.

A Fé e Abraão

Todos os homens e mulheres de fé olham para Abraão como o exemplo supremo de fé. O povo de Deus no Antigo Testamento sabia que eles eram os filhos de Abraão; e também foi revelado que os filhos e filhas de Abraão eram o povo de Deus no Novo Testamento. Por que isso? Simplesmente por causa da fé – a característica espiritual mais importante do crente e as marcas básicas de distinção. Paulo deixa isso totalmente claro em Romanos 4 e Gálatas 3.

Gênesis 15:6 é um dos versículos mais reveladores e importantes da Bíblia, pois mostra *quando* Abraão foi declarado justo por Deus e *por que* foi declarado justo por Ele. Foi *quando* Abraão creu no Senhor e foi *porque* ele creu no Senhor.

Isso quer dizer que Abraão foi salvo (foi declarado justo diante de Deus) quando creu, e que foi salvo porque creu. Essa justiça foi inteiramente um dom gratuito da graça de Deus, pois Abraão não poderia ganhá-la – e não a merecia – por causa de

seu pecado no Egito. Abraão simplesmente recebeu o dom de Deus da 'justiça contabilizada' por meio de sua fé no Senhor.

Esse dom não foi 'perfeição' ou a 'infusão' da justiça de Deus, porque Abraão continuou a pecar com Hagar e a repetir seu pecado egípcio em Gerar. E não foi condicional porque esses pecados posteriores não afetaram a sua postura justa perante Deus.

Segundo o entendimento bíblico integrado de salvação, Gênesis 15:6 foi o momento em que Abraão 'foi salvo'; mas ele ainda teve de continuar vivendo em seu novo relacionamento de salvação com Deus, 'sendo salvo', lutando contra a carne e contra a adversidade; e ele ainda teve de esperar ansiosamente pelo cumprimento de suas promessas de salvação, pelo dia em que ele 'seria salvo' – o que ele viu em parte, na terra, em Isaque, mas ainda está esperando pelo 'último dia', quando verá a linha completa de seus descendentes na fé.

Isso deixa claro que as 'obras' fazem parte do viver a vida de aliança, parte da 'salvação no presente', mas que não são parte da 'salvação no passado', e não são uma condição de 'salvação no futuro' (embora serão recompensadas no último dia). Isso significa que podemos dizer que somos salvos pela fé e pela fé somente. Nós nos afastamos da verdade da salvação pela fé toda vez que buscamos adicionar obras à fé como uma condição de salvação. Nós não fazemos boas obras para sermos salvos, para nos assegurarmos de que fomos salvos, para garantir que seremos salvos ou para nos mantermos salvos – nós fazemos boas obras *porque fomos salvos*. Nossas boas obras são o resultado da 'fé operando pelo amor'. Em outras palavras, elas são as ações de uma vida cheia de gratidão pelo que Deus fez ao nos salvar pela graça. Essa é a base fundamental de cada mandamento do Novo Testamento para viver uma vida santa como crente em Jesus, por exemplo, em Lucas 7:47; Gálatas 5:6; Romanos 6:1–2; 7:4; 12:1; Efésios 4:1; 5:1,2; Tito 2:11–14; Tiago 1:25; 1Pedro 1:13–16 e 1João 2:5; 3:22.

Em sua conversa com Nicodemos, Jesus nos ordena 'crer' a fim de que possamos nos livrar da morte e recebermos a vida eterna. E o Evangelho de João foi escrito de modo que possamos

‘crer’ e ter vida em nome de Jesus. Porém, tendo recebido vida salvífica somente pela graça mediante a fé, somos chamados a continuar firmes nessa nova vida salva por meio da obediência repleta de fé – não como uma condição de receber salvação no passado, mas como um meio de desfrutar as bênçãos da salvação tanto no presente como no futuro. Consideramos este aspecto com mais detalhes no volume *Fé Viva*.

Fé e obras

Tendo visto que somos salvos pela fé e por ela somente, é válido analisar mais de perto a relação entre fé e obras. Até aqui nós entendemos que as obras não são necessárias para a salvação e que somos salvos independentemente de qualquer coisa que fizemos ou poderíamos ter feito na vida. Nossas boas obras, então, fluem de nossa fé como a expressão natural de nossa gratidão a Deus por nossa salvação. Elas são feitas em fé, ou seja, não com um desejo e motivo de agradar a Deus, e são feitas em resposta amorosa à graça que recebemos. São obras inspiradas em nós pelo Espírito Santo e não trabalhadas em nós pelos requisitos da Lei dos quais fomos libertos.

Tem surgido uma confusão por causa de uma interpretação errada do ensinamento de Tiago, em que ele declara, em Tiago 2:17 e 2:21, que a ‘fé sem obras é morta’. Alguns usam esses versículos para dizer que a fé sem obras não é verdadeira, fé salvadora, e concluem que a fé verdadeira – a fé que salva – deve inevitavelmente ser acompanhada por obras. Isso significaria que as obras feitas em fé são necessárias para a salvação. Porém, Tiago não está contradizendo Paulo. Ele simplesmente está indicando que a fé sem obras é inútil e não pode ajudar outras pessoas. A fé sempre deve se tornar fé em ação se quiser ser útil no serviço a Deus e no amor às pessoas.

A ‘justificação’ por obras feitas em fé da qual o apóstolo fala em Tiago 2:21–26 é justificação ou vindicação perante homens e não justificação do pecado perante Deus. Tanto Abraão como Raabe, os dois exemplos que Tiago usa, foram ‘justificados’ ou ‘mostraram ser dignos’ perante os homens por suas obras em

fé. Somente a fé com obras pode alcançar isso. O ensinamento de Paulo continua: Deus justifica o ímpio que crê, sem obras (Romanos 4:5).

Segurança eterna e recompensas

Se não somos salvos pelas obras, se somos salvos pela graça somente, por meio da fé somente, então isso quer dizer que o crente cristão está eternamente seguro e que aqueles que verdadeiramente creem no evangelho nunca podem estar perdidos, não importa o que façam – João 10:28. Nossa salvação depende inteiramente do que Deus fez por nós por intermédio de Cristo e não por nada que tenhamos feito no passado ou faremos no futuro.

Esse conceito tem apresentado uma ideia incômoda para algumas pessoas, e elas têm se oposto a essa ideia de segurança eterna do crente, por que deixa o caminho aberto para a graça de Deus ser abusada. Porém, para a graça ser graça, ela deve estar vulnerável à ideia de abuso. É isso que Paulo entendeu em Romanos 6:1,2, e nós devemos responder com o mesmo ‘certamente não’ que ele respondeu à sua pergunta em Romanos 6:1: ‘permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?’

Sugerir que a doutrina da segurança eterna do crente confere uma permissão para pecar é realmente compreender errado o ensinamento bíblico. A doutrina da segurança eterna do crente deve sempre ser definida no contexto da punição de Deus e o trono de juízo de Cristo.

O Novo Testamento mostra que existe uma diferença entre ser salvo do inferno para e receber uma recompensa no trono de juízo de Cristo no céu. Tanto cristãos como não cristãos aparecerão diante do julgamento do grande Trono Branco registrado em Apocalipse 20:11–15. Os incrédulos receberão o julgamento de condenação, mas os crentes, que já foram livrados da condenação (Romanos 5:1 e 8:1), também aparecerão no trono de juízo de Cristo– 2Coríntios 5:10. Isso quer dizer que todos os salvos irão para o céu, mas nem todos que vão para o céu receberão uma recompensa – João 5:24 e 1Coríntios 3:12–15. Como vi-

mos em 1Coríntios 3:15, é possível perder a recompensa e ainda assim ser salvo. E esta era a profunda preocupação de Paulo em 1Coríntios 9:27 – que ele não fosse rejeitado para o prêmio e entrasse na eternidade sem recompensa.

Isso tudo quer dizer que o pecado tem sérias e eternas consequências na vida de um crente. Significa a punição garantida de Deus nesta vida e a perda de recompensas celestiais no porvir. Significa que todas as obras serão queimadas e não será dada nenhuma recompensa. Contudo, não significa perda da salvação.

Porém, outros argumentam que a salvação pode ser perdida ao indicarem textos como Hebreus 6:4–6 e 10:26–29. Há, de fato, um número restrito de textos que a princípio parecem defender essa sugestão, mas com uma análise mais detalhada, torna-se evidente que eles não estão realmente contradizendo a ideia de segurança eterna, já que não estão de fato se referindo a ser salvo em primeiro lugar, mas a perder ou ganhar recompensas no céu.

Na verdade mesmo, não há um único versículo na Bíblia que sugira que possamos perder a salvação – apenas nossa herança ou recompensa. Fomos permanentemente adotados na família de Deus e aceitos como Seus filhos. Ele jamais nos ‘desadotará’. Contudo, há uma distinção entre adoção e herança – e quando abusamos de nossos direitos como filhos, podemos ser deserdados.

Afinal de contas, a Bíblia ensina que a segurança eterna não é condicional ao nosso comportamento – pois, se fosse assim, nós retornaríamos ao território da justificação por obras. Nós nos colocamos diante de Deus na confiança segura de que Jesus Cristo já fez tudo que nos é necessário. Porém, estaremos perante Cristo um dia para dar conta de nossas obras, e nesse sentido específico, as obras desempenham um papel importante na vida cristã.

A salvação é incondicional e a segurança eterna é a consequência da graça de Deus. Deus não é uma deidade temperamental com uma borracha celestial que apaga os nomes de crentes do Livro da Vida no momento em que pecam, e depois os escre-

ve novamente (a lápis!) mediante arrependimento. A segurança de nossa salvação repousa inteiramente na morte substitutiva de Cristo e no dom de Sua justiça pela fé. Que coisa maravilhosa saber que nunca poderemos estar perdidos. Devemos nos regozijar como Paulo fez, em Romanos 8:38,39, de que nada pode nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus – e assim sermos inspirados a rejeitar o pecado em cada aspecto de nossas vidas. Como Paulo diz em Gálatas 5:13, e infere em Gálatas 6:8, não devemos usar essa liberdade maravilhosa como ‘uma oportunidade para a carne’.

A fé que salva

A Bíblia deixa claro que fé, crença, é o único instrumento pelo qual somos salvos. ‘Somente a fé’ (e não ‘fé mais isso ou aquilo’) é o único instrumento pelo qual podemos ser ligados a Cristo e assim receber a graça divina da salvação.

Na época da Reforma, no século 16, Deus usou homens como Martinho Lutero e João Calvino para restaurar na Igreja a verdade da salvação somente pela fé. Naquela época, houve muitas ideias e discussão acerca da ‘fé que salva’, e finalmente surgiu um consenso de que ela continha três elementos essenciais:

- Conhecimento
- Aceitação
- Confiança

Conhecimento

A fé que salva não é irracional; nunca ocorre em um vácuo intelectual; e não é ignorância, superstição ou credulidade. Em vez disso, a fé que salva tem um conteúdo mínimo de conhecimento que deve ser recebido, entendido e abraçado.

Não podemos ter fé em ‘nada’ – é preciso haver um objeto e conteúdo para a fé, os quais devem ser verdadeiros. A fé em si mesma é um tanto vazia; e até mesmo a fé mais ‘sincera’ é inútil, a menos que seja verdadeira.

Deve estar claro que antes de podermos ter um relacionamento pessoal com Deus, devemos conhecê-Lo como pessoa.

Devemos ter alguma compreensão lógica de, em que, ou em quem estamos crendo. Antes de podermos crer em Deus, devemos crer que Deus é quem Ele diz ser.

Isso quer dizer que devemos crer em certas informações básicas e corretas acerca de Deus para sermos salvos. Pode não ser muito, mas tem de ser algo. Por exemplo, se temos de ser salvos pela fé, devemos crer que há um Deus que quer, deseja e é capaz de nos salvar pela fé.

Muito embora não precisemos de um pleno conhecimento de Deus e da salvação para sermos salvos, devemos ter algum conhecimento fatural que seja *correto*. Se, por exemplo, nós dissermos que cremos em Jesus, mas cremos que Ele foi simplesmente um bom mestre humano que morreu e continuou morto, nossa fé em Jesus não nos salvará porque o objeto de nossa crença não é verdadeiro e não tem poder para salvar.

O diabo tenta garantir que nossa proclamação do evangelho seja tão seca e acadêmica que não tenha paixão para tocar as pessoas, ou que seja tão baseada na experiência que deixa a porta aberta para a superstição e falsidade. Como Igreja, somos chamados a lutar contra o erro espiritual, desequilíbrio e heresia, tanto quanto somos chamados a lutar contra a irresponsividade e secura. A verdade importa, e ninguém pode ser salvo sem uma base factual para a sua fé, que seja verdadeira.

Aceitação

A aceitação intelectual é o segundo elemento essencial da fé que salva. Envolve a garantia forte ou a convicção profunda de que uma proposição específica é verdadeira. Exploramos este aspecto no volume *Fé Viva*, onde mostramos que ser ‘firmemente convicto’ é o cerne de toda fé bíblica e parte do significado da palavra ‘fé’.

Algumas pessoas acham que existe um valor espiritual intrínseco em tentar crer em alguma coisa, mas a aceitação deve ser sempre aceitação da verdade. Não tem sentido falar para um homem aleijado crer que ele pode andar quando ele não pode – isso não tem nada a ver com a fé bíblica.

Entretanto, às vezes os crentes instam as pessoas a crer em algo que é verdadeiro – por exemplo, podemos pressionar as pessoas a crer que Jesus morreu por seus pecados. Porém, sem sua ‘convicção firme’ ou ‘aceitação profunda’ não haverá a fé que salva – não importa com que intensidade elas tentem crer.

Elas podem querer acreditar que Jesus morreu por seus pecados, podem até mesmo tentar crer nisto, mas a fé que salva não pode existir, a menos que estejam firmemente convictas de que Jesus morreu por seus pecados.

Porém, mesmo o pleno conhecimento e a convicção firme não são suficientes em si mesmos para formar a fé que salva. Afinal de contas, o diabo sabe que Jesus é o Filho de Deus; ele até concorda que Jesus é o Filho de Deus; mas ele não tem a fé salvadora porque se recusa a crer em Jesus como o Filho de Deus.

Confiar

A fé salvadora começa somente quando acrescentamos nossa ‘vontade’ ao nosso conhecimento e nossa aceitação, quando paramos de dizer ‘Não’ a Deus e começamos a dizer ‘Sim’, quando começamos a agir de certo modo com base em nossa convicção firme, quando damos o primeiro passo de confiança em Deus baseados em nosso conhecimento e aceitação.

A humanidade caída rejeita Deus; prefere a escuridão à luz e o egoísmo ao sacrifício; escolhe o que valoriza e rejeita o que Deus aprecia. A confiança, então, inclui uma mudança em nossos valores, atitudes e percepções. Onde outrora éramos indiferentes a Jesus, agora escolhemos recebê-Lo. Enquanto no passado nos opúnhamos a Deus, agora nos voltamos a Ele de corações abertos. Enquanto no passado éramos inconscientes de nossa condição perante Deus, agora ansiamos para que Ele nos transforme.

Isso é essencial para nossa compreensão da regeneração, ou do nascer de novo, conforme Jesus ensinou em João 3:3–15. A obra do Espírito, de trazer uma pessoa para a fé em Cristo, é profunda e misteriosa. Se, como diz Jesus, ‘o vento sopra onde quer’, tanto mais deveríamos esperar que o Espírito soberano

de Deus agisse livre e misteriosamente no profundo do coração humano. Em outras palavras, sem a intervenção do Espírito em nossas vidas, jamais poderíamos ter sido salvos, conforme João 3:19–21 deixa claro. Nós amávamos a escuridão mais do que a luz e não tínhamos o desejo ou capacidade de vir a Deus por nós mesmos. Jamais conseguiríamos ter vindo a Deus, crido em Seu Filho ou respondido à Sua vontade, a menos que Ele tivesse nos dado primeiro a nova vida. É por isso que a regeneração é mais bem compreendida como uma obra inconsciente do Espírito, o que precede a fé. É para essa profunda obra *inconsciente* do Espírito que devemos toda resposta *consciente* de nossos corações a Deus – da convicção de pecado até a confissão da fé.

Predestinado para a salvação

Essa discussão traz à tona a questão da predestinação. Predestinação, ou eleição, é a escolha que Deus faz de pessoas para a vida eterna – a doutrina de que o Deus de toda eternidade escolheu pessoas específicas para trazer a um relacionamento eterno com Ele. Às vezes, as pessoas falam de ‘predestinação dupla’ como se opondo à ‘predestinação única’ – predestinação dupla é a noção de que Deus escolhe ativamente alguns para a vida eterna (sempre mencionado como ‘eleição’) e outros para a morte eterna (às vezes, chamado de ‘reprovação’).

Embora o apóstolo Paulo declare a predestinação em Romanos 8:29–9:33 e Efésios 1:4,5 – e também esteja em outros textos como Êxodo 33:19; João 6:44; 15:16 e Atos 13:48 – a predestinação seja talvez uma das doutrinas cristãs mais enigmáticas e confusas – e certamente além da capacidade humana de compreendê-la plenamente. Entretanto, é absolutamente fundamental lidar com ela se quisermos entender corretamente a salvação pela graça.

A compreensão técnica precisa da predestinação não é simples. Alguns a igualaram com a presciência de Deus acerca de como cada indivíduo responderá ao evangelho – a predestinação de Deus, portanto, é simplesmente Sua concessão de vida eterna àqueles que Ele previu que responderiam em fé.

Contudo, essa visão deixa de levar a sério a depravação total do homem, tão caído que é totalmente incapaz de buscar salvação por si mesmo, ou até de buscar em primeiro lugar a ajuda de Deus – Efésios 2:1–3. Isso quer dizer que a iniciativa para a salvação deve claramente vir de Deus – um ato de graça pura que busca o pecador lá em seu pecado, e que então salva e preserva esse mesmo pecador.

Essa visão da predestinação certamente foca a seriedade do pecado e magnifica a graça de Deus na salvação. Entretanto, alguns foram repelidos por ela porque alegam que ela ensina uma doutrina de reprovação – um lado negativo da predestinação que sustenta que Deus deixa as pessoas em seus pecados quando Ele poderia simplesmente salvá-las, e então as condena injustamente por isso.

Porém, não é assim, e precisamos nos aprofundar mais sobre a reprovação e predestinação. Deus simplesmente seleciona alguns da massa da humanidade caída para a salvação. Isso não é injusto, pois justiça resultaria em Deus condenar todos. É simplesmente que o condenado recebe o que merece, mas o eleito recebe mais do que merece. Isso significa que aqueles que vão para o céu não vão por causa de obras melhores ou superioridade moral – Deus, em Sua graça e segundo o Seu propósito soberano os escolheu para a vida eterna. Mas todos os que vão para o inferno vão por causa de suas obras, por causa de seu pecado.

Os humanos simplesmente não estão em uma posição de julgar Deus pelo que Ele faz. Deus é o Criador de todas as coisas, e livre para fazer o que quiser. Porém, em última instância, a predestinação flui para fora de nossa teologia da soberania divina, depravação humana e especialmente, de nossa teologia da graça. Para a graça ser graça, Deus precisa ter a liberdade de oferecê-la ou não. Se for oferecida sobre qualquer outra base, deixa de ser um dom e passa a ser uma recompensa por uma ação ou atitude meritosa que Deus é obrigado então a dar. Porém, se a graça é um dom – se salvação e fé são ambas o dom de Deus – então a doutrina da predestinação é o corolário natural. Pois está claramente aparente que o dom não é dado a

todos. Em vez disso, a escolha de alguns para a vida eterna é um ato da vontade soberana de Deus.

A eleição do crente para a salvação não anula a necessidade de evangelismo, pois simplesmente não sabemos quem são os eleitos e os não eleitos. E nossos esforços evangelísticos são os próprios meios pelos quais Deus traz o eleito para a salvação – Romanos 10:14. Porém, significa que não deveríamos criticar a nós mesmos se alguns rejeitarem Cristo – se tivermos feito o melhor, podemos deixar o restante para Deus – João 6:37 e 44.

Este equilíbrio foi mais bem descrito pela ilustração do pregador a respeito da porta do céu: Assim que entramos pela porta do céu lemos a placa que está colocada acima de seu umbral: ‘quem quer que possa vir’, mas ao passar por ela, lemos uma placa na mesma altura do umbral ao lado de dentro: ‘escolhido desde a fundação do mundo’. A doutrina da eleição é dada como um consolo e segurança aos crentes e não tem o objetivo de levar a uma especulação filosófica humana. É dada para nos lembrar de que nossa salvação vem toda de Deus e nada de nós. Somos salvos pela graça do início ao fim, humilhados por esta graça, tudo que podemos fazer é recebê-la pela fé simples e viver em obediência grata à Sua vontade amorosa para as nossas vidas.

Portanto, a resposta correta a esta doutrina não é, em primeiro lugar, envolver-se com *filosofia* ou até mesmo *teologia* (*embora* estas coisas sejam importantes), mas é para abrir seu coração para a *doxologia*. A resposta mais completa e melhor para esse ensinamento da Bíblia é um coração submisso e uma vida vivida para a glória de Deus. É por isso que Jesus, enfrentando essa questão em Seu ministério terreno, conforme descrito em Mateus 11:25–27, aceita com regozijo os propósitos de Deus na salvação louvando o Pai por Seu plano perfeito em revelar a uns e não a outros. Em Romanos 11:33 e 36, Paulo termina seu capítulo importantíssimo sobre o chamado e eleição com uma *doxologia* poderosa e inesquecível em que exclama: ‘Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos, e quão

inescrutáveis os Seus caminhos... Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois a ele eternamente. Amém'. Isso diz tudo!

Justificado pela fé

Iniciamos este livro a respeito de salvação analisando a questão do ponto de vista de Deus. Questionamos como Ele poderia mostrar o Seu amor perdoadando pecadores sem destruir a Sua santidade, e como poderia mostrar a Sua santidade punindo o pecado sem abandonar o Seu amor. Então, vimos como Deus resolveu a questão satisfazendo a Si mesmo – Seu amor e Sua justiça – na cruz, por meio do sangue de Seu Filho.

Agora, ao final do livro, encerraremos pensando na questão a partir do nosso ponto de vista.

No 'último dia' dos tempos, todos nós seremos chamados a comparecer diante do Juiz de toda a terra, diante daquele que é perfeitamente santo, perfeitamente justo e que sabe tudo sobre nós. Como seremos capazes de estar diante Dele? Como alguém será capaz de estar diante Dele?

Deus nos ordenou que sejamos santos, contudo, um único pecado nos deixa aquém de Seu padrão. Uma vez que pecamos, *jamais podemos* alcançar os requisitos de Deus – não importa o que aconteça.

Em Sua graça, Deus pode ter esquecido – coberto e removido – as consequências do nosso pecado, mas isso não muda o fato de que pecamos. Nosso pecado pode ter sido lançado fora; fomos lavados e purificados; mas nada pode mudar o fato de que não alcançamos o padrão de Deus.

Deus pode ter nos dado nova vida; pode ter nos santificado; Ele pode continuar nos mudando e nos renovando; pode até mesmo nos tornar perfeitos em algum momento no futuro. Porém, nada pode mudar o que passou e devemos estar diante de Deus com o fato de nosso pecado no passado nos remeter ao julgamento.

A única pergunta mais importante acerca da salvação, do nosso ponto de vista, deve ser 'Como Deus pode declarar um

pecador justo? – pois, em Sua justiça, Deus pode declarar justo somente aqueles que Ele considerar justo.

Deve estar evidente que podemos ter a expectativa de sermos declarados justos somente se possuímos a justiça perfeita. Contudo, visto que nossa bondade fatalmente fracassa por um único pecado, podemos somente possuir justiça perfeita se a recebermos de alguém que viveu uma vida perfeita, de alguém que encarou nossas tentações mas foi totalmente obediente e plenamente perfeito, sem pecado em pensamento, palavra e atos, ou seja, do homem Jesus Cristo.

Nossa única esperança de estarmos diante de Deus no último dia é de podermos, de algum modo, segurar firme na justiça perfeita e sem pecado da vida de Cristo e podermos ser revestidos nessa justiça. Afinal, para nós, essa é a única coisa que importa, a única questão mais importante a resolver.

A grande verdade do evangelho, talvez a verdade mais importante da Bíblia, é o fato de que Deus justifica pecadores pela fé, que Ele declara os pecadores justos com base na justiça de Cristo, que Ele recebe pecadores culpados em Sua presença como se fossem perfeitos e justos.

Porque, em Sua graça e misericórdia, Deus imputa a nós a justiça de Cristo, (e nós estamos confiando somente nisso para a salvação) somos considerados justos. Como Abraão, somos imputados como justos – embora tenhamos pecado no Egito e provavelmente venhamos a pecar em outros lugares.

Nós sabemos e cremos que Cristo pagou a punição pelo nosso pecado, que levou sobre Si a consequência de nossas falhas e fracassos, suportou a punição por causa da nossa culpa, levou embora nosso pecado e satisfaz a ira de Deus.

Porém, não precisamos somente de um substituto que, por meio de sua morte, tratará nosso pecado e nossas deficiências; nós precisamos também de um substituto que, por intermédio de Sua vida, nos ofereça sua impecabilidade e perfeição.

A história da vida de Jesus não é uma simples preparação para a cruz; Ele não passou 33 anos inúteis, apenas contando o tempo até a obra de salvação na cruz. Sua vida inteira foi para

a nossa salvação. Sua obediência perfeita na vida foi crucial para a nossa salvação, assim como Sua obediência perfeita na morte, pois foi ela que proveu a justiça que Ele oferece agora aos que creem.

Portanto, como estaremos perante o Senhor no último dia? É totalmente pela nossa fé na justiça de Cristo— que Ele estende a nós tanto quanto estendeu aquelas túnicas manchadas de sangue a Adão.

A pergunta para cada membro da humanidade continua sendo a mesma desde o primeiro momento de graça no Jardim do Éden. Confiaremos no presente de Deus, as roupas novas (que cobrirão nosso pecado, removerão nosso medo e nos equiparão para uma nova tarefa)? Estaremos nus perante Deus e permitiremos que Ele nos revista com a justiça de Cristo? Dependemos Dele somente? Ou, nos apegaremos às nossas folhas de figueira – às nossas ideias religiosas e esforço próprio – voltaremos nossas costas à graça de Deus e continuaremos presos por nossos medos, culpas e vergonha?

O evangelho maravilhoso ao qual somos chamados a proclamar é ‘salvação somente pela graça de Deus, por meio da fé em Cristo somente’. Nenhuma outra mensagem se refere às boas-novas de Deus; nenhuma outra mensagem é o caminho para a nova vida; e nenhuma outra mensagem tem qualquer efeito eterno.

Por meio da vida e morte sacrificial de Seu Filho, Deus fez tudo que pôde para salvar o mundo que Ele ama. Ele nos confiou as novas dessa grande salvação, e devemos fazer tudo que podemos para transmitir a mensagem bíblica pura da graça salvadora e fé às pessoas perdidas e morrendo ao redor de nós.